

Azamor medieval: uma aproximação arqueológica

Azemmour médiévale : une approche archéologique

ANDRÉ TEIXEIRA, AZZEDINNE KARRA, PATRÍCIA CARVALHO, JOANA BENTO TORRES

1. Introdução

O presente texto visa publicar os resultados dos trabalhos arqueológicos realizados em Azamor, no quadro do protocolo estabelecido entre a Direction du Patrimoine Culturel, de Marrocos, o Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores e a Escola de Arquitetura, Arte e Design da Universidade do Minho, de Portugal, a 20 de Abril de 2009. O objectivo deste acordo foi o desenvolvimento da cooperação nos domínios da investigação arqueológica, do estudo arquitectónico, da preservação e da valorização do património de origem portuguesa em Marrocos, nomeadamente na região da Duquela-Abida e, mais particularmente, nas cidades ou sítios de Azamor, Safim, El Jadida e Aguz. Estes trabalhos inscreveram-se igualmente no projecto «Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII)», financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, de Portugal, entre 2007 e 2011. As investigações foram igualmente suportadas pelo acordo de cooperação científica entre o Centre National de la Recherche Scientifique et Technique (Marrocos) e a Fundação para a Ciência e Tecnologia, no quadro do projecto «Portugal e Marrocos (Duquela-Abida) dos séculos XV a XVIII», da Direction Régionale de la Culture de la Région Doukkala-Abda e do referido Centro de História de Além-Mar, em 2010 e 2011. O objecto destes projectos era o estudo das relações entre marroquinos e portugueses no Norte de África, um fenómeno histórico que deriva, para além dos contactos marítimos seculares, da intervenção portuguesa nas costas atlânticas magrebina durante aqueles séculos. Deu-se especial atenção à pesquisa, inventário, estudo e divulgação do património subsistente desta fase histórica, nas suas diversas facetas.

Entre as áreas de investigação esteve a arqueologia. Neste âmbito definiu-se como espaço prioritário de intervenção a cidade de Azamor, aproveitando-se o facto de estarem em curso uma série de operações de

1. Introduction

Ce texte a pour objectif de publier les résultats des travaux archéologiques réalisés à Azemmour dans le cadre du protocole d'accord entre la Direction du Patrimoine Culturel du Maroc, le Centre de História de Além-Mar relevant de la Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de l'Universidade Nova de Lisboa et de l'Universidade dos Açores et l'Escola de Arquitetura, Arte e Design de l'Universidade do Minho, du Portugal, le 20 avril 2009. L'objectif de ce protocole a été le développement de la coopération dans les domaines de la recherche archéologique, de l'étude architecturale, de la préservation et de la mise en valeur du patrimoine d'origine portugaise au Maroc, notamment dans la région Doukkala-Abda et plus particulièrement dans les villes ou sites d'Azemmour, Safi, El Jadida et Agouz.

Ces travaux se sont inscrits aussi dans le projet *Le Portugal et le Sud du Maroc : contacts et affrontements (XV^e au XVIII^e siècle)*, soutenu par la Fundação para a Ciência e a Tecnologia, du Portugal, entre 2007 et 2011. Les recherches ont été aussi financées par l'accord de coopération scientifique entre le Centre National de la Recherche Scientifique et Technique et la Fundação para a Ciência e a Tecnologia, dans le cadre du projet *Le Portugal et le Maroc (Doukkala-Abda) du XV^e au XVIII^e siècle*, de la Direction Régionale de la Culture de la Région Doukkala-Abda et du Centre de História de Além-Mar susmentionné, en 2010 et 2011. Le but de ces projets était l'étude des rapports entre marocains et portugais en Afrique du Nord, un phénomène historique qui dérive, au-delà des contacts maritimes séculaires, de l'intervention portugaise sur les côtes atlantiques magrébines, tout au long de ces siècles. Ils ont attaché une importance particulière à la recherche, l'inventaire, l'étude et la divulgation du patrimoine subsistant de cette phase historique, dans ses diverses facettes.

Parmi les axes de recherche figurait l'archéologie. Dans ce domaine, la ville d'Azemmour a été choisie comme zone d'intervention prioritaire, profitant du fait qu'une série d'opérations d'aménagement urbain

reabilitação urbana¹. Tratava-se, igualmente, de um espaço mais pequeno que os restantes aglomerados urbanos referidos, portanto de gestão mais fácil por uma equipa limitada e perante o ineditismo do programa de trabalhos que se propunha executar².

A investigação arqueológica concentrou-se muito na zona da medina, o espaço circundado por muralhas e que corresponde ao centro histórico actual de Azamor. Esta foi a área ocupada pelos portugueses durante os seus anos de controlo da cidade, entre 1513 e 1541³. O projecto estava vocacionado para a compreensão da presença portuguesa em Azamor, menos de meio século que deixou vestígios muito relevantes, sobretudo ao nível da arquitectura militar, numa época de grandes alterações deste tipo de estruturas, pela massificação das armas de fogo nos combates⁴. Em todo o caso, uma das questões iniciais do projecto era o aspecto geral da cidade medieval, bastante desconhecido⁵, mas fundamental para entender a própria presença portuguesa.

1. As etapas de colaboração entre estas equipas ao nível da investigação arqueológica e arquitectónica foram descritas no artigo André Teixeira e Jorge Correia, «O património arquitectónico e arqueológico de origem portuguesa no Norte de África: projectos de investigação e valorização (2008-2016)», in Joaquim Rodrigues dos Santos (ed.), *Preservar o Património Português Além-Mar. Portugueses e a Salvaguarda do Património Edificado Português no Mundo*, Lisboa, Caleidoscópio, 2017, pp. 197-223.

2. As escavações arqueológicas em cidades e outros espaços com ocupação portuguesa no Norte de África eram à época muito limitadas, destacando-se os casos de Alcácer Ceguer e de Ceuta. Ver Charles L. Redman, *Qsar es-Seghir: an Archaeological view of medieval life*, Nova Iorque, Academic Press, 1986, e Fernando Villada Paredes, José Manuel Hita Ruiz e José Suárez Padilla, «Vestígios arqueológicos del periodo portugués (1415-1668) en Ceuta», in *Portugal e o Magrebe: Actas do 4.º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa e Braga, CHAM e CITCEM, 2011, pp. 131-163. Mesmo a época medieval nesta região era ainda muito pouco desenvolvida, como se pode ver em Abdallah Fili, «La céramique médiévale du Maroc, état de la question», *Caetaria. Revista del Museu Municipal de Algeciras*, n.º 4-5, 2004-2005, pp. 231-246.

3. As muralhas da medina de Azamor são classificadas como património nacional desde 1927 (Dahir de 9 de Novembro de 1927, B.O n.º 790 de 17 de Novembro de 1927, p. 719), assim como as ruínas da cidadela (Dahir de 9 de Novembro de 1927, B.O n.º 790 de 17 de Novembro de 1927, p. 719) e os antigos fossos e terreno no entorno das muralhas de Azamor (Dahir de 2 de Maio de 1931, B.O n.º 970 de 29/5/1931, p. 646).

4. Jorge Correia, *Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: da conquista de Ceuta até mediados do século XVI*, Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2008, pp. 294-303; Ana Lopes, *(A)cerca de Azamor: estruturas militares ao manuelino*, dissertação de mestrado policopiada, Guimarães, Universidade do Minho, 2009; André Teixeira, Ana Lopes, Jorge Correia, Azzeddine Karra, «As fortificações portuguesas de Azamor: contributo para a actualização do seu conhecimento», in Isabel Cristina F. Fernandes (coord.), *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magrebe (séculos VI a XVI)*, Lisboa, Edições Colibri e Campo Arqueológico de Mértola, 2013, vol. II, pp. 627-638.

5. Não existia mais que um plano esquemático geral e uma breve descrição da cidade, como assinalado por Patrice Cressier, «La fortification islamique au Maroc: éléments de bibliographie», *Archéologie islamique*, n.º 5, 1995, p. 170. Azamor não é mencionada nas densas descrições de Basilio Pavón Maldonado, «Planimetría de ciudades

était en cours¹. C'était également un espace plus petit que les autres villes mentionnées, plus facile à gérer par une équipe limitée et compte tenu du caractère pionnier du programme de travail qui était proposé de réaliser².

La recherche archéologique s'est beaucoup concentrée sur la médina, l'espace encerclé par des remparts et qui correspond au centre historique de la ville actuelle. Celle-ci a été la zone occupée par les portugais pendant ces années de contrôle de la ville, entre 1513 et 1541³. Le but du projet était comprendre la présence portugaise à Azemmour, qui a duré moins d'un demi-siècle mais qui a laissé des vestiges très importants, surtout au niveau de l'architecture militaire, à une époque des grands changements dans ce type de structures par la massification des armes à feu dans les combats⁴. De toute façon, une des questions initiales du projet était l'aspect général de la ville à l'époque médiévale, très méconnue⁵, mais fondamentale pour évaluer la présence portugaise elle-même.

1. Les étapes de collaboration entre ces équipes au niveau des recherches archéologiques et architectoniques ont été décrit dans l'article André Teixeira et Jorge Correia, «O património arquitectónico e arqueológico de origem portuguesa no Norte de África: projectos de investigação e valorização (2008-2016)», in Joaquim Rodrigues dos Santos (éd.), *Preservar o Património Português Além-Mar. Portugueses e a Salvaguarda do Património Edificado Português no Mundo*, Lisbonne, Caleidoscópio, 2017, pp. 197-223.

2. Les fouilles archéologiques sur les villes et d'autres espaces avec occupation portugaise au nord d'Afrique étaient à l'époque très limitées, se distinguant les cas de Ksar Seghir et de Ceuta. Voir Charles L. Redman, *Qsar es-Seghir: an Archaeological view of medieval life*, New York, Academic Press, 1986, et Fernando Villada Paredes, José Manuel Hita Ruiz et José Suárez Padilla, «Vestígios arqueológicos del periodo portugués (1415-1668) en Ceuta», in *Portugal e o Magrebe: Actas do 4.º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa et Braga, CHAM et CITCEM, 2011, pp. 131-163. Même l'archéologie de l'époque médiévale était encore très peu développée dans cette région, selon Abdallah Fili, «La céramique médiévale du Maroc, état de la question», *Caetaria*, n.º 4-5, 2004-2005, pp. 231-246.

3. Les remparts de la médina d'Azemmour sont classés comme patrimoine national depuis 1927 (Dahir du 9 novembre 1927, portant classement, B.O n.º 790 du 17 novembre 1927, p. 719), comme les ruines de la citadelle (Dahir du 9 novembre 1927, portant classement, B.O n.º 790 du 17 novembre 1927, p. 719) et les anciens fossés et terrains entourant les remparts d'Azemmour (Dahir du 2 mai 1931, portant classement, B.O n.º 970 du 29/5/1931, p. 646).

4. Jorge Correia, *Implantation de la ville portugaise en Afrique du Nord: de la prise de Ceuta jusqu'au milieu du XVI^{ème} siècle*, Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2008, pp. 294-303; Ana Lopes, *(A)cerca de Azamor: estruturas militares ao manuelino*, dissertation de master policopiada, Guimarães, Universidade do Minho, 2009; André Teixeira, Ana Lopes, Jorge Correia, Azzeddine Karra, «As fortificações portuguesas de Azamor: contributo para a actualização do seu conhecimento», in Isabel Cristina F. Fernandes (coord.), *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magrebe (séculos VI a XVI)*, Lisbonne, Edições Colibri et Campo Arqueológico de Mértola, 2013, vol. II, pp. 627-638.

5. Il n'existait qu'un plan schématique général et une brève description de la ville, comme signalé par Patrice Cressier, «La fortification islamique au Maroc: éléments de bibliographie», *Archéologie islamique*, n.º 5, 1995, p. 170. Azemmour n'est pas mentionnée dans les densas descrições de Basilio Pavón Maldonado, «Planimetría de ciudades y fortalezas árabes del Norte de África. Murallas, torres

Desenvolveram-se assim missões arqueológicas em Azamor entre 2008 e 2012, sob a direcção de dois de nós (Azzeddine Karra e André Teixeira), como acções de investigação, mas também como operações de salvamento arqueológico. Não obstante os recursos humanos e materiais limitados, estes trabalhos permitiram fornecer novos dados sobre a configuração e características desta cidade em época medieval, o tema que nos ocupa neste texto.

Antes do início deste projecto, já tinham sido conduzidas por um de nós (Azzeddine Karra) prospecções arqueológicas em torno da medina de Azamor, com vista a uma compreensão mais global da sua evolução urbana e da relação com o território envolvente. Estes trabalhos levaram à descoberta de importantes vestígios arqueológicos numa zona a Sul da cidade. Por um lado, detectaram-se panos de muralha em taipa numa área até 500m a Sul da actual medina. Por outro, localizaram-se uma série de silos cortados pelo desaterro realizado aquando da construção da ponte que atravessa o rio Morbeia neste sector. Por fim, reconheceram-se vestígios de um forno de olaria, bem como fragmentos de cerâmicas com defeitos de cozedura relacionados com este processo. Estes achados foram classificados como pertencendo à época medieval, levantando-se a hipótese da cidade possuir então um perímetro claramente maior que a medina actual, englobando-a, mas estendendo-se para Sul e para Oeste⁶.

No quadro das actividades do nosso projecto, durante a terceira e quarta campanha, em 2010 e 2011, foi feita uma prospecção mais intensa da área a Sul da medina actual e fez-se o levantamento topográfico dos troços de muralha e torres detectadas⁷. Foram também realizadas duas sondagens arqueológicas (S100 e S101), que permitiram recuperar um conjunto de cerâmica medieval muito significativo, não apenas pela sua quantidade, mas também pelo facto de confirmarem uma actividade oleira local⁸. Paralelamente,

y fortalezas árabes del Norte de África. Murallas, torres y puertas. Estado de la cuestión y avances», *Cuadernos del Archivo Municipal de Ceuta*, n.º 9, 1996, pp. 17-162.

6. Azzeddine Karra e Abdelaziz Touri, «L'occupation portugaise et le souci de la maîtrise de l'espace: approche archéologique des villes de Safi et d'Azemmour», in *La Présence Portugaise au Maroc et ses Vestiges. Actes du Colloque*, Rabat, Académie Royale du Maroc, 2006 pp. 171-192; Abdallah Fili e Azzeddine Karra, «Evolution urbaine de la Médina d'Azemmour d'après les sources historiques et les données archéologiques», in *Azemmour Hadiratou Doukkala. Actes du colloque organisé au sein de la Faculté des Lettres d'El Jadida*, El Jadida, Université Chouaib Doukkali, 2007, pp. 79-90.

7. Azzeddine Karra e André Teixeira, «Fouilles archéologiques à Azemmour: questions historiques et premières constatations», in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4.º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa e Lagos, CHAM e CITCEM, 2011, pp. 180-182.

8. Uma primeira aproximação a este espólio arqueológico foi feita por André Teixeira, Azzeddine Karra e Patrícia Carvalho, «La céramique médiévale d'Azemmour (Maroc): données préliminaires sur des

Des missions archéologiques se sont déroulées à Azemmour entre 2008 et 2012, sous la direction de deux d'entre nous (Azzeddine Karra et André Teixeira), comme des actions de recherche, mais aussi des opérations de sauvetage. Malgré les ressources financières et matérielles limitées, ces travaux ont permis de fournir des nouvelles données sur la configuration et les caractéristiques de cette ville à l'époque médiévale. C'est ce sujet que nous approcherons dans ce texte.

Avant le début de ce projet, des prospections archéologiques avaient été déjà menées par l'un de nous (Azzeddine Karra) autour de la médina d'Azemmour, afin d'aboutir à une compréhension plus globale de son évolution urbaine et de ses relations avec le territoire environnant. Ces travaux ont conduit à la découverte de vestiges archéologiques importants au sud de la ville. D'une part, des murailles en pisé ont été détectées, couvrant une longueur de 500m au sud de l'actuelle médina. D'autre part, une série de silos ont été localisés, tronqués lors de la construction du pont sur l'oued Oum er-Rbia dans ce secteur. Enfin un four de production céramique et des tessons de ratés de cuissons ont été aussi découverts. Ces trouvailles ont été classées comme appartenant à l'époque médiévale, en formulant l'hypothèse que la ville possédait alors un périmètre clairement plus grand que la médina actuelle, l'englobant, mais s'étendant vers le sud et l'ouest⁶.

Dans le cadre des activités de notre projet, pendant la troisième et la quatrième mission, en 2010 et 2011, une prospection plus intense de la zone au sud de la médina a été menée et nous avons procédé au relevé topographique des sections de la muraille et des tours trouvées⁷. Deux sondages archéologiques ont été fait à coté de cette enceinte (S100 et S101); ils ont permis la récupération d'un ensemble céramique médiévale significatif, non seulement par sa quantité, mais surtout parce qu'il confirme l'existence d'une production potière locale⁸. En même temps, pendant les fouilles

y puertas. Estado de la cuestión y avances», *Cuadernos del Archivo Municipal de Ceuta*, n.º 9, 1996, pp. 17-162.

6. Azzeddine Karra et Abdelaziz Touri, «L'occupation portugaise et le souci de la maîtrise de l'espace: approche archéologique des villes de Safi et d'Azemmour», in *La Présence Portugaise au Maroc et ses Vestiges. Actes du Colloque*, Rabat, Académie Royale du Maroc, 2006 pp. 171-192; Abdallah Fili e Azzeddine Karra, «Évolution urbaine de la Médina d'Azemmour d'après les sources historiques et les données archéologiques», in *Azemmour Hadiratou Doukkala. Actes du colloque organisé au sein de la Faculté des Lettres d'El Jadida*, El Jadida, Université Chouaib Doukkali, 2007, pp. 79-90.

7. Azzeddine Karra et André Teixeira, «Fouilles archéologiques à Azemmour: questions historiques et premières constatations», in *Portugal e o Magrebe. Actes du IV Colloque d'Histoire Maroco-Lusitanienne*, Lisbonne et Lagos, CHAM et CITCEM, 2011, pp. 180-182.

8. Une première approche de ce mobilier a été faite par André Teixeira, Azzeddine Karra et Patrícia Carvalho, «La céramique médiévale d'Azemmour (Maroc): données préliminaires sur des

durante as escavações arqueológicas realizadas no extremo Noroeste da medina, no interior do baluarte do Raio (Bastião de Sidi Ouadoud), em 2009, 2010 e, sobretudo, em 2011, identificámos também vestígios medievais nos níveis inferiores daquela estrutura militar; estes trabalhos são aqui abordados de forma sumária, dado que a sua complexidade exigiria outro espaço, além de em parte corresponder a períodos que não nos ocupam neste texto. A importância destes achados deve-se essencialmente à raridade de estudos arqueológicos nesta região marroquina, onde a arqueologia medieval e moderna está ainda a dar os primeiros passos⁹. Eles revelam também que o património histórico e arqueológico de Azamor se estende bem além da actual medina, nomeadamente a Sul e Sudoeste, tornando urgente a sua protecção, estudo e conservação.

Em suma, neste artigo apresentam-se os resultados dos trabalhos arqueológicos realizados em Azamor que testemunham a ocupação pré-portuguesa desta cidade. Depois de um sintético esboço histórico sobre este período, analisam-se os vários aspectos suscitados pelos trabalhos arqueológicos, nomeadamente a descoberta de fortificações, de estruturas de armazenamento e de vestígios de olaria e espaços de habitat.

2. Síntese histórica

O nome de Azamor parece provir da palavra berbere *zemmur*, que designa a oliveira brava, seguramente abundante no seu entorno¹⁰. A cidade situa-se na província da Duquela¹¹, junto à fronteira com as planícies da Enxovia, uma região de terrenos férteis e ricos na produção de cereais¹². Implanta-se na margem esquerda do rio Morbeia, a cerca de 3 km da foz (fig. 1),

vestiges de production potière», in Maria José Gonçalves e Susana Gómez Martínez (ed.), *Actas do X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*, Silves e Mértola, Câmara Municipal de Silves e Campo Arqueológico de Mértola, 2015, pp. 819-830.

9. Abdallah Fili, «La céramique médiévale du Maroc...» cit., pp. 234-235.

10. Belkacem Daouadi, «Kanz al-asrâr wa lawâqih al-afkâr». *Le trésor des secrets et des idées fécondes du Qâdî Azmûr al-Shahîr bi al-Sanhâjî*, tese de doutoramento apresentada à Université Jean Moulin Lyon 3, 2006, p. 40. As palavras portuguesas zambujo ou azambuja têm a mesma origem, segundo José Pedro Machado, *Vocabulário Português de Origem Árabe*, Lisboa, Editorial Notícias, 1991, p. 79.

11. Região entre o rio Morbeia e o rio Tensift, assim designada desde o século XI, segundo Yassir Benhima, *Safi et son territoire: Une ville dans son espace au Maroc (11^e-16^e siècles)*, Paris, Harmattan, 2008, pp. 71-71.

12. A fertilidade desta província está documentada nos séculos XII-XIII; terá sido um dos factores da escolha do local de implantação de Marraquexe, segundo Pascal Buresi e Mehdi Ghouirgate, *Histoire du Maghreb Médiéval (XI^e-XV^e siècle)*, Paris, Armand Colin, 2014, p. 71.

archéologiques effectuées à l'extrême nord-ouest de la médina, à l'intérieur du bastion du Raio (aujourd'hui bordj Sidi Ouadoud), en 2009, 2010 et surtout en 2011, nous avons identifié aussi des vestiges médiévaux dans les niveaux inférieurs de cette structure militaire; ces travaux sont ici abordés de manière sommaire, étant donné que leur complexité exigerait plus d'espace et, de plus, ils ne correspondent qu'en partie à des périodes qui sont traitées dans ce texte. L'importance de ces trouvailles est essentiellement due à la rareté des études archéologiques dans cette région marocaine, où l'archéologie médiévale et moderne en est encore au début⁹. Les résultats ont révélé aussi que le patrimoine historique et archéologique d'Azemmour s'étend bien au-delà de la médina actuelle, notamment au sud et sud-ouest, rendant urgente sa protection, son étude et sa conservation. En résumé, cet article présente les résultats des travaux archéologiques réalisés à Azemmour qui témoignent de l'occupation pré-portugaise de cette ville. Après un aperçu historique synthétique de cette période, les différents aspects soulevés par les travaux archéologiques sont analysés, à savoir la découverte de fortifications, des structures de stockage et de vestiges d'un atelier de potier et d'espaces d'habitat.

2. Aperçu historique

Le nom d'Azemmour semble provenir du mot berbère *zemmur*, qui désigne l'olivier sauvage, certainement abondant dans cet environnement¹⁰. La ville se situe dans la province de Doukkala¹¹, à côté de sa frontière avec les plaines de Chaouia, dans une région aux terrains fertiles et riches par la production de céréales¹². Elle est implantée sur la rive gauche de l'oued Oum er-Rbia, à environ 3 km de l'embouchure (fig. 1), ce

vestiges de production potière», in Maria José Gonçalves et Susana Gómez Martínez (éd.), *Actas do X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*, Silves et Mértola, Câmara Municipal de Silves et Campo Arqueológico de Mértola, 2015, pp. 819-830.

9. Abdallah Fili, «La céramique médiévale du Maroc...» cit., pp. 234-235.

10. Belkacem Daouadi, «Kanz al-asrâr wa lawâqih al-afkâr». *Le trésor des secrets et des idées fécondes du Qâdî Azmûr al-Shahîr bi al-Sanhâjî*, thèse de doctorat présentée à l'Université Jean Moulin Lyon 3, 2006, p. 40. Les mots portugais zambujo ou azambuja ont la même origine, selon José Pedro Machado, *Vocabulário Português de Origem Árabe*, Lisbonne, Editorial Notícias, 1991, p. 79.

11. Région entre l'oued Oum er-Rbia et l'oued Tensift, nommé comme ça depuis l'XI^e siècle, selon Yassir Benhima, *Safi et son territoire: Une ville dans son espace au Maroc (11^e-16^e siècles)*, Paris, Harmattan, 2008, pp. 71-71.

12. La fertilité de cette province est documentée au XII^e-XIII^e siècle; cela aura été l'un des facteurs de choix du lieu d'implantation de Marrakech, selon Pascal Buresi et Mehdi Ghouirgate, *Histoire du Maghreb Médiéval (XI^e-XV^e siècle)*, Paris, Armand Colin, 2014, p. 71.



Fig. 1 – Vista de Azamor a partir de Sul. Vue d'Azemmour depuis le sud.

facto que determinou a sua activa função portuária até ao século XVI¹³.

A importância de Azamor na Idade Média está documentada pelo menos a partir do século XI, quando a tribo sanhaja se instalou na região¹⁴. No entanto, na descrição da costa atlântica marroquina feita por Albacri, referindo-se a meados desta centúria e numa rota que segue de Sul para Norte, não se cita o nome de Azamor, passando-se de Kouz (Aguz) e Safim para el-Beida e para a região do Bu Regreg¹⁵. Já no relato de Idrisse, finalizado cerca de um século depois, a «cidade do Morbeia» aparece referida como tendo dimensão «considerável» e «grande prosperidade», resultante da sua produção agrícola (trigo e legumes) e dos lacticínios. Curiosa é a descrição do bosque de tamargueira e olmos, «entrelaçados por hera», que existia nas redondezas e que servia de covil para os leões¹⁶, uma ameaça que é referida até à época portuguesa¹⁷. Em todo o caso, parece que a

qui a déterminé sa fonction portuaire active jusqu'au XVI^e siècle¹³.

L'importance d'Azemmour au Moyen Âge est documentée au moins à partir du XI^e siècle, quand la tribu sanhaja s'est installée dans la région¹⁴. Cependant, dans la description de la côte atlantique marocaine faite par el-Bekri, se référant au milieu de ce siècle et dans un itinéraire qui va du sud au nord, le nom d'Azemmour n'est pas mentionné, passant de Kouz (Agouz) et Safi à El-Beida et à la région du Bou Regreg¹⁵. Au contraire, dans le récit d'al-Idrissi, achevé environ un siècle plus tard, le «bourg de Oumer-Rbia» est déjà cité comme ayant une dimension «considérable» et une «grande prospérité», résultat de sa production agricole (le blé et les légumes) et des laitages. Curieuse est la description du bois de tamaris et d'ormes «entrelacées par la lierre» qui existait à côté de la ville et qui servait de repaire aux lions¹⁶, un danger qui est invoqué jusqu'à l'époque portugaise¹⁷. En tout cas, il semble que la ville a été fondée

13. *Villes et Tribus du Maroc*, 2^{ème} reprise, Casablanca, Éditions Frontispice, 2002, vol. XI (Région des Doukkala), tome II (Azemmour et sa Banlieue), pp. 23-27.

14. *Villes et Tribus...* cit., vol. XI, tome II, pp. 44-46.

15. El Bekri, *Description de l'Afrique Septentrionale*, ed. Mac Guckin de Slane, Paris, Imprimerie Impériale, 1859, p. 202.

16. Edrîsî, *Description de l'Afrique et de l'Espagne*, ed. R. Dozy et M. J. de Goeje, Leiden, E. J. Brill, 1866, pp. 81-82. Azamor é também citada no *Kitab al-Istibçar*, compilação de informações geográficas terminada em 1191, como o extremo oeste do Magrebe ulterior. Ver *L'Afrique Septentrionale au XI^e siècle de Notre Ère: description extraite du Kitab al-Istibçar*, ed. E. Fagnan, Constantina, Imprimerie-Librairie Adolphe Braham, 1900, p. 120.

17. Ver a carta de António Leite, capitão de Mazagão, au rei, de 15 de Janeiro de 1527, publicada nas *SIHM, Portugal*, II-2, pp. 389-390.

13. *Villes et Tribus du Maroc*, 2^{ème} reprise, Casablanca, Éditions Frontispice, 2002, vol. XI (Région des Doukkala), tome II (Azemmour et sa Banlieue), pp. 23-27.

14. *Villes et Tribus...* cit., vol. XI, tome II, pp. 44-46.

15. El Bekri, *Description de l'Afrique Septentrionale*, ed. Mac Guckin de Slane, Paris, Imprimerie Impériale, 1859, p. 202.

16. Edrîsî, *Description de l'Afrique et de l'Espagne*, ed. R. Dozy et M. J. de Goeje, Leyde, E. J. Brill, 1866, pp. 81-82. Azemmour est aussi cité dans le *Kitab al-Istibçar*, compilation d'informations géographiques terminée en 1191, comme l'extrême ouest du Maghreb ultérieur : voir *L'Afrique Septentrionale au XI^e siècle de Notre Ère : description extraite du Kitab al-Istibçar*, ed. E. Fagnan, Constantine, Imprimerie-Librairie Adolphe Braham, 1900, p. 120.

17. Voir la lettre de António Leite, capitaine de Mazagan, au roi, de 15 janvier 1527, publiée dans les *SIHM, Portugal*, II-2, pp. 389-390.

cidade se terá fundado em época almorávida, no quadro da «política de integração do território através do fenómeno urbano» desta dinastia, documentada pela construção de mesquitas e de fortificações¹⁸. Esta região atlântica era anteriormente dominada pelos berguatas, um aguerrido reino independente, assente numa doutrina religiosa particular que, embora se inspirasse no Islão, era considerada herética pelos sunitas. Os almorávidas tiveram grandes dificuldades em neutralizar este potentado, acabando por perecer nesta luta, em 1059, Abdalá Ibne Yassin, o fundador do movimento e seu primeiro imã. A conquista da região pelos almorávidas não neutralizou os berguatas, que só foram eliminados por completo sob a dinastia almóada¹⁹.

Assim, o porto de Azamor apenas despontou ao nível comercial a partir do século XII, recebendo navios de média tonelagem. A cidade serviu como porto de escoamento de produtos de todo o vale do rio Morbeia, nomeadamente o trigo produzido nesta planície atlântica. A sua comunidade mercantil ligava esta região a outras escáfulas magrebina, mas também com diversos portos da Península Ibérica, como Cádiz, Sevilha ou Niebla, abastecendo-os daquele cereal²⁰. Azamor serviu também de conexão entre as cidades interiores, como Marraquexe, e os outros centros de poder almóada, como Rabat e Sevilha, sendo um local de passagem de dignitários políticos e militares. Era, pois, uma capital regional, dotada de governador pelo menos a partir do segundo quartel do século XIII. Foi neste contexto que ocorreu o engrandecimento e prosperidade de Azamor, uma cidade muitas vezes referida em textos geográficos, jurídicos e biográficos desta época²¹.

18. Ahmed Saleh Ettahiri, Bulle Tuil Leonetti, Abdallah Fili e Claire Déléry, «Basculement berbère et naissance d'un art marocain», in *Le Maroc médiéval. Un empire de l'Afrique à l'Espagne*, Paris, Hazan e Musée du Louvre, 2014, p. 149. Ver o resumo bibliográfico feito por Patrice Cressier, «Arqueología del Magreb almorávide. Elementos de bibliografía», in Rafael Azuar Ruiz (ed.), *Arqueología de al-Andalus Almorávide*, Alicante, Museo Arqueológico de Alicante e Diputación de Alicante, 2020, pp. 43-58.

19. Jean Brignon, Abdelaziz Amine, Brahim Boutaleb, Guy Martinet e Bernard Rosenberger, *Histoire du Maroc*, Casablanca, Librairie Nationale, 1967, pp. 80-82 et 89.

20. A abundância da produção de trigo no espaço rural de Azamor é destacada por João Leão Africano, *Description de l'Afrique*, ed. A. Épaulard, Paris, Librairie d'Amérique et d'Orient, 1981, vol. I, p. 125. Luis del Mármol Carvajal chama-lhe «la madre del pan», in *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Granada, René Rabut, 1573, fl. 53.

21. Christophe Picard, *L'océan Atlantique musulman. De la conquête arabe à l'époque almohade. Navigation et mise en valeur des côtes d'al-Andalus et du Maghreb occidental (Portugal-Espagne-Maroc)*, Paris, Éditions Maisonneuve & Larose, 1997, pp. 119-120, 156-157 e 172-173; Christophe Picard, *La Mer et les musulmans d'Occident au Moyen Age, VIII-XIII siècle*, Paris, Presses Universitaires de France, 1997, pp. 90-94 e 176.

à l'époque almoravide, dans le cadre de la «politique d'intégration du territoire par le fait urbain» de cette dynastie, témoignée par la construction de mosquées et de fortifications¹⁸.

Cette région atlantique était auparavant dominée par les berghouata, un royaume indépendant guerrier, basé sur une doctrine religieuse particulière qui, bien qu'inspirée par l'Islam, était considérée comme hérétique par les sunnites. Les almoravides ont eu de grandes difficultés à neutraliser ce potentat, Abdallah ben Yassin, le fondateur du mouvement et son premier imam décédant dans cette lutte, en 1059. La conquête de la région par les almoravides n'a pas neutralisé les berghouata, qui n'ont été complètement éliminés que sous la dynastie almohade¹⁹.

Ainsi, le port d'Azemmour n'est devenu actif au niveau commercial que depuis le XII^e siècle, abritant des navires de moyen tonnage. La ville a alors servi de port pour l'écoulement des produits de toute la vallée de l'oued Oum er-Rbia, notamment le blé produit dans cette plaine atlantique. Sa communauté marchande reliait la région à d'autres endroits du Maghreb, mais aussi aux divers ports de la péninsule Ibérique, notamment Cadix, Séville ou Niebla, en leur fournissant le blé²⁰. Azemmour a également joué le rôle de point de connexion entre les villes de l'intérieur, comme Marrakech, et d'autres centres de pouvoir almohade, comme Rabat et Séville, étant un lieu de passage de dignitaires politiques et militaires. Elle était, ainsi, une capitale régionale, avec son gouverneur au moins depuis le deuxième quart du XIII^e siècle. Dans ce contexte, on assiste à la croissance et à la prospérité d'Azemmour, ville souvent mentionnée dans les textes géographiques, juridiques et biographiques de cette époque²¹.

18. Ahmed Saleh Ettahiri, Bulle Tuil Leonetti, Abdallah Fili et Claire Déléry, «Basculement berbère et naissance d'un art marocain», in *Le Maroc médiéval. Un empire de l'Afrique à l'Espagne*, Paris, Hazan e Musée du Louvre, 2014, p. 149. Voir le résumé bibliographique fait par Patrice Cressier, «Arqueología del Magreb almorávide. Elementos de bibliografía», in Rafael Azuar Ruiz (ed.), *Arqueología de al-Andalus Almorávide*, Alicante, Museo Arqueológico de Alicante e Diputación de Alicante, 2020, pp. 43-58.

19. Jean Brignon, Abdelaziz Amine, Brahim Boutaleb, Guy Martinet e Bernard Rosenberger, *Histoire du Maroc*, Casablanca, Librairie Nationale, 1967, pp. 80-82 et 89.

20. La richesse de la production de blé dans la campagne d'Azemmour est soulevée par Jean-Léon l'Africain, *Description de l'Afrique*, ed. A. Épaulard, Paris, Librairie d'Amérique et d'Orient, 1981, vol. I, p. 125. Luis del Mármol Carvajal l'appelle comme «la mère du pain», in *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Grenade, René Rabut, 1573, fl. 53.

21. Christophe Picard, *L'océan Atlantique musulman. De la conquête arabe à l'époque almohade. Navigation et mise en valeur des côtes d'al-Andalus et du Maghreb occidental (Portugal-Espagne-Maroc)*, Paris, Éditions Maisonneuve & Larose, 1997, pp. 119-120, 156-157 et 172-173; Christophe Picard, *La Mer et les musulmans d'Occident au Moyen Age, VIII-XIII siècle*, Paris, Presses Universitaires de France, 1997, pp. 90-94 et 176.

Foi, pois, sob a dinastia almóada que Azamor teve o seu apogeu²². Foi um tempo em que a própria dimensão marítima do ocidente muçulmano conheceu particular incremento, tornando-se as frotas [«parte integrante do dispositivo militar»] da dinastia, vitais para assegurar as ligações entre domínios deste potentado, de Marrocos ao al-Andaluz²³. As cidades portuárias conheceram um grande desenvolvimento, desempenhando um papel importante na estratégia almóada, nomeadamente ao nível da sua intervenção na Península Ibérica, mas também das conexões económicas entre as regiões atlânticas e o ocidente mediterrâneo. A construção de grandes muralhas, mesquitas e palácios, bem como o crescimento dos quarteirões residenciais, artesanais e comerciais, são um bom testemunho deste processo. Estão documentados trabalhos de construção de fortificações, muralhas urbanas e mesquitas nas cidades litorais atlânticas, nomeadamente em Azamor²⁴.

Depois Azamor sofreu a conflituosidade política e militar aquando da transição de poder entre as dinastias almóada e mérinida, um período de verdadeira «rebelião» nesta zona, animada pelas disputadas entre as tribos *khlot* (ou *khult*, colotos em português), *haskura* e *sofyan*²⁵. A cidade é referida sempre como uma «fortificação» onde se acoitam facções em disputa, ou para onde são enviados prisioneiros os cabecilhas derrotados de uma contenda²⁶. Assim, o califa almóada Abu Arraxide enfrentou os *khlot* em 1234-1235, apoiando-se nos seus rivais *sofyan*, derrotando-os em batalha junto ao rio Morbeia nos inícios deste último ano; dois dos chefes revoltosos foram encarcerados em Azamor²⁷. No ano seguinte o califa

C'était donc sous les almohades qu'Azemmour a eu son apogée²². Au cours de cette période, la dimension maritime de l'occident musulman s'est amplifiée, les flottes devenant une « partie intégrante du dispositif militaire », essentielles pour assurer les liens entre les domaines de cette dynastie, du Maroc à l'Andalous²³. Les villes portuaires ont connu un grand développement, jouant un rôle important dans la stratégie almohade, notamment au niveau de l'intervention politique dans la péninsule Ibérique, mais aussi dans les connexions économiques entre les régions atlantiques et l'occident de la Méditerranée. La construction des grandes murailles, des mosquées et des palais, ainsi que la croissance des quartiers résidentiels, artisanaux et commerciaux, sont un bon témoignage de ce processus. Des travaux de construction de fortifications, d'enceintes et de mosquées sont documentés dans les villes côtières atlantiques, notamment à Azemmour²⁴.

Ensuite Azemmour a souffert des conflits politiques et militaires de la transition de pouvoir entre les dynasties almohades et mérinide, une période de véritable « rébellion » dans cette région, poussée par les antagonismes entre les tribus *khlot/khult*, *haskura* et *sofyan*²⁵. La ville est alors toujours considérée comme une « fortification » où des factions en litige se réfugient, ou dans laquelle sont faits prisonniers les vaincus d'un conflit²⁶. Ainsi, le calife almohade Abou Ar Rachid a fait face aux *khlot* en 1234-1235, s'appuyant sur ses rivaux *sofyans*, les vainquant dans un combat près de l'oued Oum er-Rbia au début de cette dernière année ; deux des chefs rebelles ont été emprisonnés à Azemmour²⁷. L'année suivante, le calife a dû faire face au chef des *haskura*, Ibn Wakarit, qui a cherché

22. Parece que Azamor teve um papel importante na submissão da região ao poder almóada. O próprio califa Abde Almunine teria permanecido na cidade com as suas tropas antes da conquista de Marraquexe em 1147, segundo Al-Baydhaq, *Akhbar al-Mahdi ibn Tumart*, publicado nos *Documents Inédits D'Histoire Almohade: fragments manuscrits du «legajo» 1919 du fonds arabe de l'Escorial*, ed. E. Lévi-Provençal, Paris, Paul Geuthner, 1928, pp. 167-168. Ver Yassir Benhima, *Safi et son territoire...* cit., p. 93, e Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion au Maroc à la fin du «Moyen-Âge» (XIV^e-XV^e siècles)*, Paris, Maisonneuve et Larose, 1986, p. 229.

23. Christophe Picard, *La Mer et les musulmans...* cit., p. 79.

24. Pascal Buresi e Mehdi Ghouirgate, *Histoire du Maghreb Médiéval...* cit., p. 49.

25. Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion...* cit., pp. 24-33; Yassir Benhima, *Safi et son territoire...* cit., pp. 124-127. Segundo as *Villes et Tribus...* cit., vol. XI, tomo II, p. 46, nestas contendas a cidade parece ter-se mantido em geral fiel aos almóadas.

26. Esta ideia é veiculada por Victoria Aguilar Sebastián, *Tribus árabes en el Magreb en época almohade, 1152-1269*, tese de doutoramento apresentada à Universidad Complutense de Madrid, 2012, p. 478.

27. Ibn Khaldun, *Histoire des Berbères et des dynasties musulmanes de l'Afrique Septentrionale*, trad. de M. Le Baron de Slane, Alger, Imprimerie du Gouvernement, 1852, vol. I, p. 66. Ver Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion...* cit., p. 37.

22. Il semble qu'Azemmour a eu un rôle important dans la soumission de la région au pouvoir almohade. Le calife Abd el Moumen lui-même semble être resté dans la ville avec ses troupes avant la conquête de Marrakech en 1147, selon Al-Baydhaq, *Akhbar al-Mahdi ibn Tumart*, publié en *Documents Inédits D'Histoire Almohade : fragments manuscrits du «legajo» 1919 du fonds arabe de l'Escorial*, ed. E. Lévi-Provençal, Paris, Paul Geuthner, 1928, pp. 167-168. Voir Yassir Benhima, *Safi et son territoire...* cit., p. 93, et Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion au Maroc à la fin du «Moyen-Âge» (XIV^e-XV^e siècles)*, Paris, Maisonneuve et Larose, 1986, p. 229.

23. Christophe Picard, *La Mer et les musulmans...* cit., p. 79.

24. Pascal Buresi et Mehdi Ghouirgate, *Histoire du Maghreb Médiéval...* cit., p. 49.

25. Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion...* cit., pp. 24-33; Yassir Benhima, *Safi et son territoire...* cit., pp. 124-127. D'après *Villes et Tribus...* cit., vol. XI, tome II, p. 46, dans ces disputes, la ville semble être restée généralement fidèle aux almohades.

26. Cette idée est défendue par Victoria Aguilar Sebastián, *Tribus árabes en el Magreb en época almohade, 1152-1269*, thèse de doctorat présentée à l'Universidad Complutense de Madrid, 2012, p. 478.

27. Ibn Khaldun, *Histoire des Berbères et des dynasties musulmanes de l'Afrique Septentrionale*, trad. de M. Le Baron de Slane, Alger, Imprimerie du Gouvernement, 1852, vol. I, p. 66. Voir Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion...* cit., p. 37.

teve que fazer face ao chefe dos *haskura*, Ibne Wacarit, que a partir da Península Ibérica procurou atacar Salé, acabando também preso em Azamor²⁸. Já em 1244-1245, o novo califa Abu Saïde mandou desterrar vários elementos da Corte nesta cidade, entre os quais um dos dignitários decisivos para a sua coroação, Abu Muhammad ben Wanudin, que ainda assim acabou por fugir apoiado pelos *sofyan*²⁹. A complacência do novo soberano face aos *khlot* e a reinstalação desta tribo na região levou os *sofyan* a revoltar-se contra os almóadas, aliando-se aos merínidas, que então desafiavam o poder de Abu Saïde; nesta querela, os *sofyan* atacaram e conquistaram episodicamente Azamor, aproveitando a escassez dos seus defensores e cometendo extorsões junto da comunidade estrangeira e judia da cidade, acabando por ser repelidos e refugiarem-se junto dos merínidas³⁰. Para aqui retrocedeu também o califa seguinte, Abu Almortada, aquando da sua derrota face aos merínidas em 1255³¹. Enfim, em 1265-1266 a cidade acabou por ser palco dos conflitos entre os dois derradeiros califas almóadas, cujo poder estava já circunscrito a Marraquexe. Nesse ano o referido Almortada foi desapossado do trono por Abu Dabus e refugiou-se em Azamor, onde acabou por ser morto pelo novo monarca, apoiado pelos *khlot*, pelos *haskura* e por facções dos sanhajas estabelecidos em torno da cidade, beneficiando de uma aliança circunstancial com os merínidas³². Escassos três anos depois estes tomaram o poder em Marraquexe, pondo fim aos almóadas.

A prosperidade da cidade parece ter prosseguido sob os merínidas. Azamor terá retomado rapidamente a sua actividade comercial, registando-se a presença de mercadores europeus no seu porto a partir

à atacar Salé a partir de la péninsule Ibérique; il a aussi fini ses jours à Azemmour²⁸. Déjà en 1244-1245, le nouveau calife Abou As Saïd a écouré quelques éléments de la Cour dans cette ville, parmi lesquels l'un des dignitaires décisifs pour son couronnement, Abou Ben Wanudin; dans ce cas, celui-ci a pu s'enfuir, soutenu par les *sofyan*²⁹. La complaisance du nouveau souverain face aux *khlot* et la réinstallation de cette tribu dans la région ont même conduit les *sofyan* à se révolter contre les almohades, qui à cette époque menaçaient le pouvoir d'Abou As Saïd; dans cette opposition, les *sofyan* ont attaqué et conquis épisodiquement Azemmour, profitant de la pénurie de ses défenseurs et commettant des extorsions auprès de la communauté étrangère et juive de la ville, finissant par être repoussés et obligés à chercher protection auprès des mérinides³⁰. Azemmour a été aussi l'endroit de refuge du calife suivant, Abou Al Mourtada, après sa défaite contre les mérinides en 1255³¹. Enfin en 1265-1266 la ville a été lieu de confrontation entre les deux derniers califes almohades, dont le pouvoir à cette époque ne dépassait pas Marrakech et ses alentours. En cette année, Al Mourtada a été écarté du trône par Abou Debbous et s'est réfugié à Azemmour, où il a fini par être tué par le nouveau monarque, soutenu par les *khlot*, les *haskura* et les factions des sanhajas établies autour de la ville, bénéficiant d'une alliance circonstancielle avec les mérinides³². Seulement trois ans plus tard, ceux-ci ont pris le pouvoir à Marrakech, mettant fin aux almohades. La prospérité de la ville semble avoir continué sous les mérinides, car elle aura rapidement repris son activité commerciale. La présence de commerçants européens est enregistrée dans son port à partir de

28. Ambrosio Huici Miranda, *Colección de Crónicas Árabes de la Reconquista*, vol. III, *Al-Bayân Al-Mubrib fi Ijtisâr Ajbâr Muluk Al-Andalus wa Al-Magrib*, por 'Idâri Al-Marrâkušî, tomo II, *Los Almohades (traducción española)*, Tetuão, Editora Marroquí, 1954, pp. 119-121.

29. Ibn Khaldun, *Histoire des Berbères...* cit., vol. II, p. 244; Ambrosio Huici Miranda, *Colección de Crónicas Árabes de la Reconquista*, vol. III, *Al-Bayân...* cit., pp. 162 e 165-168. Ver Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion...* cit., pp. 43-44.

30. Ibn Khaldun, *Histoire des Berbères...* cit., vol. I, p. 62, e vol. II, p. 244; Ambrosio Huici Miranda, *Colección de Crónicas Árabes de la Reconquista*, vol. III, *Al-Bayân...* cit., pp. 173-174. Ver Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion...* cit., p. 44, e Yassir Benhima, *Safi et son territoire...* cit., pp. 127-128.

31. Ambrosio Huici Miranda, *Colección de Crónicas Árabes de la Reconquista*, vol. III, *Al-Bayân...* cit., pp. 241-243. Ver Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion...* cit., p. 51.

32. Ibn Khaldun, *Histoire des Berbères...* cit., vol. II, p. 252; Ambrosio Huici Miranda, *Colección de Crónicas Árabes de la Reconquista*, vol. III, *Al-Bayân...* cit., pp. 303-306; Ambrosio Huici Miranda, *Colección de Crónicas Árabes de la Reconquista*, tomo I, "Al-Hulal al Mawšiyya". *Crónica Árabe de las Dinastías Almorávide, Almohade y Benimerín (traducción española)*, Tetuão, Editora Marroquí, 1952, p. 196. Ver Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion...* cit., pp. 58-59.

28. Ambrosio Huici Miranda, *Colección de Crónicas Árabes de la Reconquista*, vol. III, *Al-Bayân Al-Mubrib fi Ijtisâr Ajbâr Muluk Al-Andalus wa Al-Magrib*, por 'Idâri Al-Marrâkušî, tomo II, *Los Almohades (traducción española)*, Tétouan, Editora Marroquí, 1954, pp. 119-121.

29. Ibn Khaldun, *Histoire des Berbères...* cit., vol. II, p. 244; Ambrosio Huici Miranda, *Colección de Crónicas Árabes de la Reconquista*, vol. III, *Al-Bayân...* cit., pp. 162 e 165-168. Voir Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion...* cit., pp. 43-44.

30. Ibn Khaldun, *Histoire des Berbères...* cit., vol. I, p. 62, et vol. II, p. 244; Ambrosio Huici Miranda, *Colección de Crónicas Árabes de la Reconquista*, vol. III, *Al-Bayân...* cit., pp. 173-174. Voir Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion...* cit., p. 44, et Yassir Benhima, *Safi et son territoire...* cit., pp. 127-128.

31. Ambrosio Huici Miranda, *Colección de Crónicas Árabes de la Reconquista*, vol. III, *Al-Bayân...* cit., pp. 241-243. Voir Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion...* cit., p. 51.

32. Ibn Khaldun, *Histoire des Berbères...* cit., vol. II, p. 252; Ambrosio Huici Miranda, *Colección de Crónicas Árabes de la Reconquista*, vol. III, *Al-Bayân...* cit., pp. 303-306; Ambrosio Huici Miranda, *Colección de Crónicas Árabes de la Reconquista*, tomo I, "Al-Hulal al Mawšiyya". *Crónica Árabe de las Dinastías Almorávide, Almohade y Benimerín (traducción española)*, Tétouan, Editora Marroquí, 1952, p. 196. Voir Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion...* cit., pp. 58-59.

desta época³³. A descrição da cidade feita por Ibne Alcatibe aquando do seu primeiro exílio no Norte de África, seguramente feita na viagem que empreendeu pelo território em 1360³⁴, dá uma imagem de uma cidade próspera: [«Azamor, vizinha do rio e do campo, casada com a Primavera e o Outono, tem uma implantação agradável. Varandas e vigias estão viradas ao rio como estrelas numa constelação. Ela tira os seus produtos da terra e nos intervalos dos seus edifícios vislumbra-se o rio próximo e o seu oceano cheio de peixes. É um país que guarda os alimentos em silos e deleita os sentidos. As suas terras são férteis, o seu sabor são as carnes vermelhas e brancas. Os habitantes são prósperos, as roupas são aqui tecidas, o casario é agradável e os sáveis incomparáveis. Em contrapartida, é do trabalho e colheitas dos seus habitantes que se constitui a sua economia. Eles não conhecem descanso, nem oração encorajadora»]³⁵. Noutra obra produzida no mesmo contexto, Ibne Alcatibe insistiu na importância para a cidade da actividade agrícola, referindo-se os habitantes que vivem na zona plana³⁶.

Nesta época o impulso do sufismo marroquino constituiu-se cada vez mais como um movimento comunitário, com o surgimento nesta região de múltiplas confrarias, bem conectadas ao poder da dinastia³⁷. A cidade conheceu este processo, sendo descritos os seus marabutos de forma elogiosa: «*En Azamor a los que allí están y que son destacadísimos, y a los de la costa de Azamor y sus alrededores, que es lugar de santos*»³⁸. Um dos mais venerados era Mulei Buchaib,

33. Jean Brignon, Abdelaziz Amine, Brahim Boutaleb, Guy Martinet e Bernard Rosenberger, *Histoire du Maroc...* cit., pp. 138 e 155. O cosmopolitismo de Azamor antes da conquista portuguesa é recordado por Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África...* cit., fl. 52v. Vejam-se as referências à presença de mercados em Azamor para compra de trigo, oriundos, por exemplo, de Maiorca desde pelo menos 1330, em Antonio Ortega Villoslada, *El reino de Mallorca y el mundo Atlántico (1230-1349): Evolución político-mercantil*, La Coruña, NETBIBLO e UNED, 2008, pp. 174 e 184-185.

34. Segundo o itinerário estabelecido por Laila M. Jreis Navarro, *Entre las dos orillas: el viaje de exilio de Ibn al-Jatib a través de su obra Nufādat al-ʿīrāb fī ʿulālat al-igtirāb*, tese de doutoramento apresentada à Universidad de Granada, 2016, p. 128.

35. Descrição da sua obra *Mi'yār al-ikhtiyār fī dhikr al-ma'āhid wa al-diyār*, a que não tivemos acesso. Utilizámos a tradução para francês de Belkacem Daouadi, «*Kanz al-asrār wa lawāqih al-afkār*...» cit., p. 42, um estudo que analisa a obra do *Qādī Azmūr al-Shahīr bi al-Sanhājī*, alcaide desta cidade em meados do século XIV, que aqui se avistou com Ibne Alcatibe. A riqueza e fertilidade da planície da Duqela foi descrita também por Ibn Qunfud, que foi alcaide neste território durante a sua estadia em Marrocos entre 1358 e 1374 (ver Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion...* cit., p. 160).

36. Laila M. Jreis Navarro, *Entre las dos orillas...* cit., p. 235.

37. Yassir Benhima, *Safi et son territoire...* cit., pp. 129-132.

38. Descrição feita por Ibn Marzūq al-Tilimsānī, *El Musnad: hechos memorables de Abū L-Hasan, sultán de los Benimerines*, ed. María J. Viguera, Madrid, Instituto Hispano-Árabe de Cultura, 1977, p. 142,

cette époque³³. La description de la ville faite par Ibn al-Khatib pendant son premier exil en Afrique du Nord, certainement faite lors de son voyage à travers le territoire en 1360³⁴, donne une image d'une ville prospère: «Azemmour, voisine de l'oued et de la campagne [...], épousée du printemps et de l'automne, est d'un rang estimable. Des balcons en observatoire, pareils à des étoiles constellées, donnent sur son oued. Elle tira de la terre ses biens et dans les parages de ses bâtis on trouve sa rivière proche et son océan poissonneux. C'est un pays qui met en silo ses denrées et qui réjouit les sens. Sa terre est fertile, sa sauce est de viande rouge et blanche. L'habitant est aisé, l'habit y est tissé, l'habitat est agréable et son alose n'a pas sa pareille. En revanche, ses habitants c'est leur labour et leur moisson qui constituent leur économie [sic]. Ils ne connaissent pas de répit, ni d'oraison [...] exaltante»³⁵. Dans un autre ouvrage réalisé dans le même contexte, Ibn al-Khatib a insisté sur l'importance de l'activité agricole pour la ville, se référant à ses habitants qui vivent dans la zone de plaine³⁶.

Pendant cette époque l'impulsion du sufisme marocain s'est constitué de plus en plus comme un mouvement communautaire, avec l'essor de plusieurs confréries dans cette région, bien connectées au pouvoir de la dynastie³⁷. La ville a vécu ce processus, et ses marabouts ont été décrits de façon louable: [«à Azemmour, ceux qui sont là et qui sont très importants, et ceux de la côte d'Azemmour et ses environs, qui est un lieu des saints»]³⁸. L'un des plus vénérés

33. Jean Brignon, Abdelaziz Amine, Brahim Boutaleb, Guy Martinet et Bernard Rosenberger, *Histoire du Maroc...* cit., pp. 138 et 155. Le cosmopolitisme d'Azemmour avant la conquête portugaise est rappelé par Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África...* cit., fl. 52v. Voir les références à la présence de marchands à Azemmour pour l'approvisionnement en blé, en provenance, par exemple, de Majorque depuis au moins 1330, en Antonio Ortega Villoslada, *El reino de Mallorca y el mundo Atlántico (1230-1349): Evolución político-mercantil*, La Coruña, NETBIBLO et UNED, 2008, pp. 174 e 184-185.

34. Selon l'itinéraire établi par Laila M. Jreis Navarro, *Entre las dos orillas: el viaje de exilio de Ibn al-Jatib a través de su obra Nufādat al-ʿīrāb fī ʿulālat al-igtirāb*, thèse de doctorat présentée à l'Universidad de Granada, 2016, p. 128.

35. Description faite dans son ouvrage *Mi'yār al-ikhtiyār fī dhikr al-ma'āhid wa al-diyār*, à laquelle nous n'avions pas accès. Nous utilisons la traduction en français de Belkacem Daouadi, «*Kanz al-asrār wa lawāqih al-afkār*...» cit., p. 42, une étude qui analyse l'œuvre du *Qādī Azmūr al-Shahīr bi al-Sanhājī*, caïd de cette ville vers la moitié du XIV^e siècle et qui a été vu ici avec Ibn Khatib. La richesse et la fertilité de la plaine de Doukkala a été mentionnée aussi par Ibn Qunfud, qui a été caïd dans ce territoire pendant son séjour au Maroc entre 1358 et 1374 (voir Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion...* cit., p. 160).

36. Laila M. Jreis Navarro, *Entre las dos orillas...* cit., p. 235.

37. Yassir Benhima, *Safi et son territoire...* cit., pp. 129-132.

38. Description faite par Ibn Marzūq al-Tilimsānī, *El Musnad: hechos memorables de Abū L-Hasan, sultán de los Benimerines*, ed. María J. Viguera, Madrid, Instituto Hispano-Árabe de Cultura, 1977, p. 142, récit écrit à un moment où l'auteur, un ancien protégé de ce sultan mérinide, était loin de la Cour de Fès, en 1371. Le susmentionné Ibn

ainda hoje patrono da cidade, falecido em Azamor em 1166. Atribui-se-lhe grande sentido de justiça no uso e distribuição dos recursos e na protecção dos inocentes, além de grande piedade na sua vivência e na defesa dos crentes (nomeadamente face aos cristãos), através de uma série de episódios em que se relatam os seus milagres³⁹.

A este período corresponde também uma passagem enigmática, publicada num pequeno estudo monográfico sobre Azamor, sem indicação da fonte histórica, mas que se revela da maior importância para a história desta cidade. Refere o seguinte: [«em 1434 (837 da hégira), os habitantes, que não podiam viver mais neste aglomerado, abandonaram-no e reconstruíram a sua cidade onde ela está actualmente. Para manifestar o seu contentamento, o califa Abu Inane fez edificar em 1451 (854 da hégira) três mesquitas e enviou à cidade alfaquis e ulemas. Dez anos mais tarde fez fortificar a cidade. Os trabalhos foram empreendidos sob a direcção de *Abdelazziz ben Battan Cenhadji*»]⁴⁰. O texto é contraditório, já que aquele monarca merínida, que se intitulou califa, reinou entre 1348 e 1358. Noutras ocasiões tomámos aquela data como correcta e reflectimos, não sem alguma estranheza, sobre um processo de amuralhamento no termo da dinastia merínida, em plena convulsão política em Marrocos e com o poder dos sultões muito diminuído⁴¹. Pensamos hoje que o autor se enganou na indicação dos anos em que ocorreu aquele processo e que devemos antes atribuir a obra àquele soberano, precisamente uma centúria antes, em meados do século XIV.

É sabido que, entre as dinastias islâmicas da Península Ibérica e do Magrebe, a merínida foi das mais activas na fundação de cidades e na construção de equipamentos públicos. Várias destas novas urbes duplicaram cidades preexistentes, um fenómeno que se interpreta como uma forma de distanciamento e afirmação de poder por parte da dinastia; estas não

um relato redigido num momento em que o autor, antigo protegido deste sultão merínida, estava longe da Corte de Fez, em 1371. O supramencionado Ibn Qunfud testemunhou a força dos grupos místicos na região a Sul do rio Morbeia e, particularmente, um em Azamor, os *Suaybiyun*, herdeiros do mestre *Suayb as-Sanhagi* (ver Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion...* cit., pp. 306-307).

39. Ibn al-Zayyat al-Tadili, *Tashawwuf ila rijal at-tasawwuf. Regards sur le temps des soufis: Vie des saints du sud marocain des V^e, VI^e, VII^e siècles de l'hégire*, ed. Maurice de Fenoil e A. Toufiq, Casablanca, EDDIF/UNESCO, 2008, pp. 141-145.

40. Jean Darlet, «Monographie de la ville et de l'école franco-musulmane d'Azemmour», *Bulletin de l'Enseignement Public au Maroc*, n.º 225, 1953, p. 26.

41. André Teixeira, Ana Lopes, Jorge Correia e Azzeddine Karra, «As fortificações portuguesas de Azamor...» cit., p. 628; André Teixeira, Azzeddine Karra e Patrícia Carvalho, «La céramique médiévale d'Azemmour...» cit., pp. 827-829.

était le Moulay Bouchaib, encore aujourd'hui le patron de la ville, décédé à Azemmour en 1166. Lui-sont attribués un grand sens de la justice dans l'utilisation et la distribution des ressources et dans la protection des innocents, en plus d'une grande piété dans sa vie et dans la protection des croyants (notamment contre les chrétiens), à travers une série d'épisodes dans lesquels ses miracles sont rapportés³⁹.

À cette période correspond un passage énigmatique publié dans une courte étude monographique sur Azemmour, sans indications de sources historiques. Elle mentionne ce qui suit: «en 1434 (837 de l'hégire), les habitants qui ne pouvaient plus vivre dans cette agglomération l'abandonnent et reconstruisent leur ville là où elle est actuellement. Pour manifester son contentement, le Calife Abbou Aïnan fit édifier en 1451 (854 de l'hégire) trois mosquées et envoya dans la cité des fqihis et des oulémas. Dix ans plus tard, il faisait fortifier la ville. Les travaux furent entrepris sous la direction d'Abdelazziz ben Battan Cenhadji»⁴⁰. Le texte est contradictoire, puisque ce sultan mérinide a régné entre 1348 et 1358. En d'autres occasions, nous avons pris la date indiquée comme correcte et nous avons réfléchi, non sans quelques doutes, sur un processus de fortification à la fin de la dynastie mérinide, en plein bouleversement politique du Maroc et avec le pouvoir des sultans considérablement diminué⁴¹. Nous pensons aujourd'hui que l'auteur s'est trompé en indiquant les années au cours desquelles ce processus s'est déroulé et qu'il faut d'abord attribuer les travaux de construction à ce souverain, précisément cent ans avant, au milieu du XIV^e siècle.

On sait que, parmi les dynasties islamiques de la péninsule Ibérique et du Maghreb, la mérinide a été l'une des plus actives dans la fondation de villes et dans la construction d'équipements publics. Plusieurs de ces nouvelles villes ont doublé des villes préexistantes, phénomène qui est interprété comme une forme de distance et d'affirmation de pouvoir de la dynastie; celles-ci ne se limitaient pas à des complexes auliques, ayant toutes les fonctions et activités urbaines. Il est également documenté l'implication directe dans ce processus de la part de presque tous

Qunfud a témoigné la force des groupes mystiques dans la région au sud de l'Oum er-Rbia et particulièrement un à Azemmour, les *Suaybiyun*, héritiers du maître *Suayb as-Sanhagi* (voir Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion...* cit., pp. 306-307).

39. Ibn al-Zayyat al-Tadili, *Tashawwuf ila rijal at-tasawwuf. Regards sur le temps des soufis: Vie des saints du sud marocain des V^e, VI^e, VII^e siècles de l'hégire*, ed. Maurice de Fenoil et A. Toufiq, Casablanca: EDDIF/UNESCO, 2008, pp. 141-145.

40. Jean Darlet, «Monographie de la ville et de l'école franco-musulmane d'Azemmour», *Bulletin de l'Enseignement Public au Maroc*, n.º 225, 1953, p. 26.

41. André Teixeira, Ana Lopes, Jorge Correia e Azzeddine Karra, «As fortificações portuguesas de Azamor...» cit., p. 628; André Teixeira, Azzeddine Karra e Patrícia Carvalho, «La céramique médiévale d'Azemmour...» cit., pp. 827-829.

se limitavam a ser complexos áulicos, tendo todas as funções e actividades urbanas. Está também documentada a implicação directa neste processo por parte de quase todos os soberanos do primeiro século da dinastia, precisamente até Abu Inane, dado o ensejo de ostentação do poder pessoal. Estão neste caso as obras em Salé (1260), Fez (1276, a Fez nova), Algeciras (1285), Alcácer Ceguer (1287), Tremecém (1299-1307), Ceuta (1328) e, com o sultão Abu Hassan, a conclusão das obras de Ceuta, a recuperação de Tremecém (1335) e construções em Sidjilmassa (1332-1333) e Rabat (1339, a Chela), atribuindo-se ao califa Abu Inane as fundações em meio rural de Almedina e de *al-Qahira*⁴².

Naturalmente estas fundações não excluem toda uma série de outras construções e reformulações em cidades preexistentes. No que toca ao período em causa, o sultão Abu Hassan, que reinou entre 1331 e 1348, aparece associado àquelas fundações urbanas, mas também à construção de torres marítimas, mesquitas, madraças, azóias, hospitais, pontes e fontes. Entre as madraças que mandou erguer com grande esplendor arquitectónico está, precisamente, uma em Azamor⁴³, que poderá corresponder a uma das acima referidas, embora se atribua a sua fundação ao sucessor, Abu Inane⁴⁴. Cumpre referir que esta época corresponde de alguma forma ao apogeu e, ao mesmo tempo, ao início do colapso da dinastia, plasmada nas conquistas efémeras de Abu Hassan na zona do Estreito de Gibraltar e no Magrebe Central e no seu fim trágico, desapossado do poder pelo filho, o referido Abu Inane, também ele incapaz de segurar os seus vastos domínios norte-africanos. Foi também o tempo da peste negra, que provocou enorme mortandade em Marrocos, sendo algumas cidades descritas como parcialmente arruinadas e despovoadas nestes meados do século XIV, incluindo Marraquexe⁴⁵. Enfim,

les souverains du premier siècle de la dynastie, précisément jusqu'à Abou Inan, étant donné sa volonté d'afficher un pouvoir personnel. Sont dans ce cas les travaux à Salé (1260), à Fès (1276, la Fès-Jdid), à Algésiras (1285), à El-Ksar es-Seghir (1287), à Tlemcen (1299-1307), à Ceuta (1328) et, avec le sultan Abou Hassan, la fin des travaux à Ceuta, la reprise de ceux de Tlemcen (1335) et les constructions à Sijilmassa (1332-1333) et à Rabat (1339, la Chella), étant attribuées au calife Abou Inan les fondations en milieu rural d'El-Mdina et El-Qahira⁴².

Naturellement ces fondations n'excluent pas toute une série d'autres constructions et rénovations dans les villes préexistantes. Concernant la période en question, le sultan Abou Hassan, qui régna entre 1331 et 1348, apparaît associé à ces fondations urbaines, mais aussi à la construction de tours maritimes, mosquées, madrassas, zaouias, hôpitaux, ponts et fontaines. Parmi les madrassas qu'il a ordonné d'ériger, avec une grande splendeur architecturale, il y en a précisément une à Azemmour⁴³, qui peut correspondre à l'une des mentionnées ci-dessus, bien que sa fondation soit attribuée à son successeur, Abou Inan⁴⁴. Il est à noter que cette époque correspond, en quelque sorte, à l'apogée et, en même temps, au début de l'effondrement de la dynastie, témoigné par les conquêtes éphémères d'Abou Hassan dans la région du détroit de Gibraltar et au Maghreb central et à sa fin tragique, dépossédé du pouvoir par son fils, Abou Inan, qui a été également incapable de sécuriser ses vastes territoires nord-africains. C'était aussi l'époque de la peste noire, qui a causé un nombre énorme de morts au Maroc, avec certaines villes décrites comme partiellement ruinées et dépeuplées au milieu du XIV^e siècle, y compris Marrakech⁴⁵. Enfin, si le passage précité concernant Azemmour se réfère au mouvement des habitants ou à la réduction de la ville dans le deuxième quart du XIV^e siècle, il n'indique pas les

42. Patrice Cressier, «Los sultanes merinies, fundadores de ciudades», in Ángela Muñoz Fernández e Francisco Ruiz Gómez (ed.), *La ciudad medieval: nuevas aproximaciones*, Cádiz, Editorial de la Universidad de Cádiz, 2020, pp. 57-77.

43. Ibn Marzūq al-Tilimsānī, *El Musnad...* cit., pp. 335-326. Veja-se a versão francesa desta passagem por E. Lévi-Provençal, «Un nouveau texte d'histoire mérinide: Le *Musnad* d'Ibn Marzuk», *Hespéris. Archives Berbères et Bulletin de l'Institut des Hautes-Études Marocaines*, tomo V, 1925, p. 69 (30).

44. Deve referir-se que a obra de Ibn Marzūq al-Tilimsānī, *El Musnad...* cit., foi redigida em 1371, quatro anos após o falecimento do sultão Abu al-Hassan, mas foi composta num momento político de exaltação daquele soberano propiciada pelo seu filho Abu Faris, que assumiu o poder após Abu Inane, o irmão que desposara o pai do trono e que chegou a proibir que este fosse evocado, cf. M. J. Viguera Molins, «'Vida ejemplar' de Abu l-Hasan, sultán de los Benimerines», *Erebea. Revista de Humanidades y Ciencias Sociales*, 3, 2013, p. 55.

45. Jean Brignon, Abdelaziz Amine, Brahim Boutaleb, Guy Martinet e Bernard Rosenberger, *Histoire du Maroc...* cit., pp. 149-154; Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion...* cit., pp. 128-165.

42. Patrice Cressier, «Los sultanes merinies, fundadores de ciudades», in Ángela Muñoz Fernández e Francisco Ruiz Gómez (éd.), *La ciudad medieval: nuevas aproximaciones*, Cadix, Editorial de la Universidad de Cádiz, 2020, pp. 57-77.

43. Ibn Marzūq al-Tilimsānī, *El Musnad...* cit., pp. 335-326. Voir la version française de ce texte en E. Lévi-Provençal, «Un nouveau texte d'histoire mérinide: Le *Musnad* d'Ibn Marzuk», *Hespéris. Archives Berbères et Bulletin de l'Institut des Hautes-Études Marocaines*, tome V, 1925, p. 69 (30).

44. Il faut remarquer que l'ouvrage d'Ibn Marzūq al-Tilimsānī, *El Musnad...* cit., a été écrit en 1371, quatre ans après la mort du sultan Abu al-Hassan, mais il a été composé dans un moment politique d'exaltation de ce souverain pendant le règne de son fils Abu Faris. Celui-ci a pris le pouvoir après Abou Inane, son frère qui avait dépossédé le père du trône et qui avait même interdit des évocations de sa mémoire, cf. M. J. Viguera Molins, «'Vida ejemplar' de Abu l-Hasan, sultán de los Benimerines», *Erebea. Revista de Humanidades y Ciencias Sociales*, 3, 2013, p. 55.

45. Jean Brignon, Abdelaziz Amine, Brahim Boutaleb, Guy Martinet e Bernard Rosenberger, *Histoire du Maroc...* cit., pp. 149-154; Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion...* cit., pp. 128-165.

se a supracitada passagem relativa a Azamor refere a movimentação dos habitantes ou a redução da cidade no segundo quartel do século XIV, não indica as razões que teriam estado na origem deste processo. Não parece, porém, que estejamos face ao referido processo de duplicação de uma cidade preexistente, realizado por motivações de afirmação política.

Quanto à nova fortificação de Azamor por meados da centúria, cumpre retomar a questão da fundação de Almedina, na zona meridional da Duquela, 35km a Nordeste de Safim e 90km a Sudoeste de Azamor. O relato sobre a sua fundação deve-se novamente a Ibn Alcatibe, que por aqui passou aquando do referido primeiro exílio em Marrocos. Descreve uma região densamente povoada e com grande riqueza de gado, mas em que os seus habitantes estavam constantemente ameaçados por ataques e saques levados a cabo por certas tribos árabes inimigas. Este facto teria levado Abu Inane, [«apaixonado pela construção e edificação de monumentos»], a mandar erguer a cidade de Almedina, com seus fossos, muralhas de terra, torres, portas e silos, a fim de proteger a população. Na verdade, interpreta-se esta acção do soberano como uma forma de firmar a autoridade da dinastia nesta região, já que esta tendia a escapar ao seu controlo efectivo, pela autonomização dos Hintatas de Marraquexe, cujo mando se estendia nesta época ao rio Morbeia. A obra acabou então por não se concluir, pela morte prematura de Abu Inane, assassinado por um dos seus vizires⁴⁶.

Enfim, não obstante a escassez de referências, somos tentados e incluir a fortificação de Azamor, a que alude o mencionado texto, nesta mesma tentativa de controlo da região, desencadeada pelo soberano mérinida no intuito de estancar a desintegração do seu domínio. É claro que Azamor era nesta época o limite entre os territórios efectivamente controlados pelos mérinidas, designado nas crónicas coevas por reino de Fez, e o emergente emirado autónomo de Marraquexe⁴⁷. Estão documentados vários casos em

razões qui auraient été à l'origine de ce processus. Néanmoins, il ne semble pas que l'on soit face au processus susmentionné de duplication d'une ville préexistante, mené pour des raisons d'affirmation politique.

Quant à la nouvelle fortification d'Azemmour au milieu du siècle, il faut revenir sur la question de la fondation d'El-Mdina, dans la zone sud de Doukkala, à 35km au nord-est de Safi et à 90km au sud-ouest d'Azemmour. Le récit de sa fondation est à nouveau dû à Ibn al-Khatib, qui est passé ici lors de son premier exil au Maroc. Il décrit une région densément peuplée, riche en bétail, mais dans laquelle ses habitants sont continuellement menacés par les attaques et les pillages perpétrés par certaines tribus arabes ennemies. Ce fait aurait conduit Abou Inan, « qui était passionné par la construction et l'édification de monuments », à faire ériger la ville d'El-Mdina, avec ses fossés, ses murailles de terre, ses tours, ses portes et ses silos, afin de protéger la population. En fait, cette action du souverain est interprétée comme un moyen de consolider l'autorité de la dynastie dans cette région, puisqu'elle tendait à échapper à son contrôle effectif, à travers l'autonomie des Hintatas de Marrakech, dont le pouvoir s'étendait à cette époque à l'oued Oum er-Rbia. Les travaux n'ont pas pu être achevés, en raison de la mort précoce d'Abou Inan, assassiné par l'un de ses vizirs⁴⁶.

Quoi qu'il en soit, malgré la rareté des références, nous sommes tentés d'inclure la fortification d'Azemmour, à laquelle le texte précité fait allusion, dans cette même tentative de contrôle de la région, déclenchée par le souverain mérinide afin d'arrêter la désintégration de ses domaines. Il est clair qu'Azemmour était à cette époque la limite entre les territoires effectivement contrôlés par les mérinides – désignés dans les chroniques de l'époque comme le royaume de Fès – et l'émirat autonome émergent de Marrakech⁴⁷. Plusieurs cas sont documentés dans lesquels cette ville a de nouveau fonctionné comme un refuge pour

46. Yassir Benhima, «Al-Madina, ville mérinide de la région de Dukkala (Maroc)», *Caetaria. Revista del Museu Municipal de Algeciras*, n.º 4-5, pp. 222-224. Ver o artigo de Azzeddine Karra neste livro, «L'intervention portugaise dans la campagne de Doukkala (Maroc): cas de quelques villages fortifiés». O referido excerto relativo à fundação de Almedina pode ler-se em espanhol em Laila M. Jreis Navarro, *Entre las dos orillas...*, pp. 228-229. Segundo o secretário Ibn Djozay, [«uma das acções mais conhecidas do nosso mestre, ou seja, o sultão Abu Inane e o seu primeiro-ministro Abu Ziyân ibn Wadrar, é que eles fizeram fortificações de guerra ao longo da costa e fizeram grandes provisões de tudo o que tivesse a ver com a marinha, nos tempos de paz e de tréguas»], segundo Abdelkader Timoule, *Le Maroc à travers les chroniques maritimes*, Casablanca, Impr. Sonir, 1989, p. 174.

47. Segundo Ibn Khaldun, *Histoire des Berbères...* cit., vol. IV, p. 411, em 1374-1375 foi assinado um tratado de paz entre os dois poderes,

46. Yassir Benhima, «Al-Madina, ville mérinide de la région de Dukkala (Maroc)», *Caetaria. Revista del Museu Municipal de Algeciras*, n.º 4-5, pp. 222-224. Voir l'article d'Azzeddine Karra «L'intervention portugaise dans la campagne de Doukkala (Maroc): cas de quelques villages fortifiés», dans ce livre. L'extrait faisant référence à la fondation d'El-Medina peut être lu en espagnol en Laila M. Jreis Navarro, *Entre las dos orillas...*, pp. 228-229. D'après le secrétaire Ibn Djozay, «une des actions les plus connues de notre maître, c'est à dire le sultan Abou Inan, et son premier ministre Abou Ziyân Ibn Quedrân, c'est qu'ils firent des forteresses de guerre tout le long des côtes et qu'ils firent grande provision de tout ce qui avait quelque rapport avec la marine, dans le temps de paix et de trêves», selon Abdelkader Timoule, *Le Maroc à travers les chroniques maritimes*, Casablanca, Impr. Sonir, 1989, p. 174.

47. Selon Ibn Khaldun, *Histoire des Berbères...* cit., vol. IV, p. 411, en 1374-1375 un traité de paix a été signé entre les deux pouvoirs, par lequel «la ville d'Azemmour devait marquer le point de séparation entre le royaume de Fez et celui de Maroc».

que esta cidade funcionou novamente como refúgio de personalidades ou grupos desavindos destes dois poderes, além de confrontos entre eles⁴⁸, reforçando a ideia de ser um espaço de fronteira. Uma obra escrita em 1381-1382, embora num panegírico ao então senhor de Marraquexe Abu Abderraman, refere que nesta época «*los asuntos de Azammur se mejoran y su situación se endereza. El río Umm Rabi vuelve a ser un mercado de compra y venta*»⁴⁹, no que parece ser um testemunho de um tempo recente instável. Parece, contudo, que a cidade acabou por manter a tutela do rei de Fez⁵⁰. Quanto ao director dos trabalhos de fortificação supracitado, *Ben Battan Cenhadji*, era membro de uma linhagem que governou Azamor durante a época merínida⁵¹. Em todo o caso, é bem provável que, como no caso de Almedina, a obra apenas tenha sido concluída nos anos seguintes à morte de Abu Inane. Nos decénios seguintes estão documentadas grandes perturbações em várias regiões de Marrocos, com a destruição de aldeias e cidades, o despovoamento de vastas áreas, mesmo onde os merínidas detinham tradicionalmente controlo. A instabilidade implicou fortes movimentos populacionais, com a deslocação de tribos apoiadas por várias facções do poder central, agora em verdadeiro colapso⁵². Na região da Duqela operaram-se profundas transformações na composição social das áreas rurais, com a afluência de numerosas tribos árabes. Junto a Azamor agruparam-se os Oled bo Aziz e os Oled Frej, pertencentes à confederação da Xerquia. Paralelamente, cidades como Azamor e Safim conheceram uma situação política nova, dominadas por oligarquias locais interessadas na crescente actividade comercial, nomeadamente com os europeus, gozando de uma autonomia significativa face ao poder central de Fez ou ao de Marraquexe⁵³. As fortes tensões entre o centro político e os poderes regionais no século XV acabaram por dar espaço a interferências externas, que beneficiaram da ausência de autoridade⁵⁴. Às conquistas portuguesas na zona do Estreito de Gibraltar, seguiu-se o estabelecimento

pelo qual [«a cidade de Azamor devia marcar o ponto de separação entre o reino de Fez e o de Marraquexe»].

48. Ibn Khaldun, *Histoire des Berbères...* cit., vol. IV, pp. 419-422.

49. Ambrosio Huici Miranda, *Colección de Crónicas Árabes de la Reconquista, tomo I, "Al-Hulal al Mawšiyya". Crónica Árabe de las Dinastías Almorávide, Almohade y Benimerín (traducción española)*, Tetuão, Editora Marroquí, 1952, p. 211.

50. *Villes et Tribus...* cit., vol. XI, tomo II, pp. 47-48.

51. Ibn Khaldun, *Histoire des Berbères...* cit., vol. II, p. 123.

52. Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion...* cit., pp. 237-243 e 254.

53. Yassir Benhima, *Safi et son territoire...* cit., pp. 142-148.

54. Bernard Rosenberger, *Le Maroc au XVI siècle. Au seuil de la modernité*, Casablanca, Fondation des Trois Cultures, 2008, pp. 28-29; Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion...* cit., pp. 254-255.

des personnalités ou des groupes en désaccord avec ces deux pouvoirs, à part des confrontations entre eux⁴⁸, renforçant l'idée d'être un espace de fronteira. Un texte écrit en 1381-1382, bien que dans un panegyrique au seigneur de Marrakech Abou Abd er-Rahman, fait référence qu'à cette époque [«les affaires d'Azemmour se sont améliorées et sa situation s'est redressée. L'oued Oum er-Rbia est à nouveau un marché d'achat et de vente »], dans ce qui semble être un témoignage d'une période instable récente⁴⁹. Il semble cependant que la ville ait fini par maintenir la tutelle du roi de Fès⁵⁰. Le susmentionné directeur des travaux de fortification, Ben Battan Cenhadji, quant à lui, était membre d'une lignée qui gouvernait à Azemmour pendant l'époque mérinides⁵¹. De toute façon, il est fort probable que, comme à El-Mdina, les travaux de fortification n'ont été achevés que pendant les années suivant la mort d'Abou Inan.

Dans les décennies qui ont suivi des perturbations majeures sont relatées dans diverses régions du Maroc, avec la destruction de villages et de villes, le dépeuplement de vastes zones, même là où les mérinides avaient traditionnellement un contrôle. L'instabilité impliquait de forts mouvements de population, avec le déplacement de tribus soutenus par diverses factions du pouvoir central, alors en véritable effondrement⁵². Dans la région de Doukkala de profondes transformations ont eu lieu dans la composition sociale des zones rurales, avec l'afflux de nombreuses tribus arabes, au détriment de communautés berbères préexistantes. À côté d'Azemmour, se sont regroupées les Ouled Bou'Aziz et les Ouled Fredj, appartenant à la confédération de Sharqiyya. En même temps des villes comme Azemmour ou Safi ont connu une situation politique nouvelle, dominées par des oligarchies locales intéressées par l'activité commerciale croissante, notamment avec les européens, jouissant d'une autonomie significative par rapport au pouvoir central de Fès ou celui de Marrakech⁵³.

Les tensions extrêmes entre le centre politique et les pouvoirs régionaux au XV^e siècle ont donné l'occasion à de interférences externes, qui ont profité d'un vide d'autorité⁵⁴. C'est ainsi que les portugais, déjà

48. Ibn Khaldun, *Histoire des Berbères...* cit., vol. IV, pp. 419-422.

49. Ambrosio Huici Miranda, *Colección de Crónicas Árabes de la Reconquista, tomo I, "Al-Hulal al Mawšiyya". Crónica Árabe de las Dinastías Almorávide, Almohade y Benimerín (traducción española)*, Tétouan, Editora Marroquí, 1952, p. 211.

50. *Villes et Tribus...* cit., vol. XI, tomo II, pp. 47-48.

51. Ibn Khaldun, *Histoire des Berbères...* cit., vol. II, p. 123.

52. Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion...* cit., pp. 237-243 et 254.

53. Yassir Benhima, *Safi et son territoire...* cit., pp. 142-148.

54. Bernard Rosenberger, *Le Maroc au XVI siècle. Au seuil de la modernité*, Casablanca, Fondation des Trois Cultures, 2008, pp. 28-29; Mohamed Kably, *Société, Pouvoir et Religion...* cit., pp. 254-255.

da suserania sobre os habitantes de Azamor. O contrato assinado em 1486 previa o pagamento anual à Coroa portuguesa de um tributo de 10.000 sáveis, pescados com abundância nas águas do rio Morbeia, além de privilégios comerciais e da autorização para o estabelecimento de uma feitoria na cidade⁵⁵. Os europeus estavam, claro, empenhados em colher a riqueza que fizera outrora a prosperidade de Azamor. O estabelecimento deste acordo consagrou uma dupla política portuguesa no Norte de África, de afirmação de soberania a Norte, alcançada por D. Afonso V (1432-1481) através do tratado com Mulei Xeque, o Oatácida (1472-1504), e de suserania e parceria comercial a Sul, tanto em Azamor como em Safim⁵⁶.

No início do século XVI estas últimas cidades vassalas dos portugueses tenderam a romper os laços anteriormente firmados, na justa medida em que as relações entre Portugal e o reino de Fez se degradaram. Diversos partidos se afrontaram, uns contra, outros a favor, dos portugueses⁵⁷. Assim, depois de uma expedição de reconhecimento em 1507 e de uma tentativa de conquista frustrada em 1508, Azamor acabou por cair em mãos portuguesas em 1513⁵⁸. A expedição vitoriosa motivou discursos eufóricos sobre a capacidade militar portuguesa no Norte de África. Contudo, se nesta época o feito consolidou a confederação de tribos aliadas na Duquela, permitindo uma grande vitória sobre o rei de Fez no ano seguinte, a cidade acabou por se revelar difícil de manter a longo prazo, dadas as fragilidades económicas e ameaças militares⁵⁹. Deve referir-se que a função portuária de Azamor estava então perturbada pelo assoreamento do acesso ao mar a partir do rio Morbeia⁶⁰. Na verdade, a cidade não deixou de ser um enclave português num território que estes não controlavam, salvo na conjuntura muito específica de finais da primeira e inícios da segunda década do século XVI⁶¹. Noutras

présents dans plusieurs villes de la région du détroit de Gibraltar, ont réussi à gagner la suzeraineté des habitants d'Azemmour. Le contrat signé en 1486 prévoyait le versement annuel à la Couronne portugaise d'un tribut de 10.000 aloses, pêchées en abondance dans l'oued Oum er-Rbia, au-delà de privilèges commerciaux et de l'autorisation de l'établissement d'un comptoir dans la ville⁵⁵; les portugais étaient, bien entendu, résolus à tirer parti de la richesse qui avait fait auparavant la prospérité d'Azemmour. L'établissement de cet accord a mis en place une politique double du Portugal à l'égard de l'Afrique du Nord: au nord, l'affirmation de la souveraineté, acquise par le roi D. Afonso V (1432-1481), à travers le traité avec Moulay Cheikh el Watassi (1472-1504); au sud, de suzeraineté et de partenariat commercial, avec les gouverneurs des villes d'Azemmour et de Safi⁵⁶.

Dans les débuts du XVI^e siècle ces dernières villes vassales des portugais ont commencé à couper les liens précédemment établis, en même temps que les relations entre le Portugal et le royaume de Fès se détérioraient. Plusieurs partis se sont affrontés, les uns contre, les autres en faveur des portugais⁵⁷. Ainsi, après une expédition de reconnaissance en 1507 et d'une tentative de conquête manquée en 1508, Azemmour est finalement tombée aux mains des portugais en 1513⁵⁸. L'expédition victorieuse a inspiré des discours euphoriques sur le potentiel militaire portugais en Afrique du Nord. Mais si à l'époque cette réalisation a consolidé la confédération des tribus alliées en Doukkala, permettant une grande victoire sur le roi de Fès l'année suivante, la ville s'est avérée difficile à maintenir sur le long terme, en raison des faiblesses économiques et des menaces militaires⁵⁹. Il faut remarquer que la fonction portuaire séculaire d'Azemmour était alors perturbée par l'ensablement de l'accès à la mer à partir de l'oued Oum er-Rbia⁶⁰. En réalité la ville n'a pas cessé d'être une enclave des portugais dans un territoire qu'ils ne contrôlaient pas, sauf dans la conjoncture très spécifique de la fin

55. Maria Augusta Lima Cruz, « Documentos Inéditos para a História dos Portugueses em Azamor », *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. II, pp. 105-106. Este comércio anual foi descrito por João Leão Africano, que destaca os sáveis como a grande riqueza de Azamor nesta época. Cf. *Description de l'Afrique...* cit., pp. 125-126.

56. António Dias Farinha, *Portugal e Marrocos no Século XV*, tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, 1990, vol. I, p. 310.

57. Bernard Rosenberger, *Le Maroc au XVI siècle...* cit., pp. 74-76.

58. Maria Augusta Lima Cruz, « Documentos Inéditos... » cit., pp. 105-106.

59. Maria Augusta Lima Cruz, « La conquête portugaise d'Azemmour: du discours euphorique à la réalité », in Mohammed Salhi (ed.), *La Présence Portugaise au Maroc et les relations actuelles entre les deux pays*, Rabat, Faculté des Lettres et des Sciences Humaines – Rabat, 2009, pp. 45-54. Veja-se também o artigo desta mesma autora na presente publicação sobre o assunto.

60. *Villes et Tribus...* cit., vol. XI, tome II, pp. 24-24.

61. Bernard Rosenberger, *Le Maroc au XVI siècle...* cit., pp. 82-87; André Teixeira, « Nuno Fernandes de Ataíde et l'intervention portu-

55. Maria Augusta Lima Cruz, « Documentos Inéditos para a História dos Portugueses em Azamor », *Arquivos do Centro Cultural português*, vol. II, pp. 105-106. Ce commerce annuel a été décrit par Jean-Léon l'Africain, qui met en évidence les aloses comme la grande richesse d'Azemmour à cette époque, en *Description de l'Afrique...* cit., pp. 125-126.

56. António Dias Farinha, *Portugal e Marrocos no Século XV*, thèse de doctorat, Universidade de Lisboa, 1990, vol. I, p. 310.

57. Bernard Rosenberger, *Le Maroc au XVI siècle...* cit., pp. 74-76.

58. Maria Augusta Lima Cruz, « Documentos Inéditos... » cit., pp. 105-106.

59. Maria Augusta Lima Cruz, « La conquête portugaise d'Azemmour: du discours euphorique à la réalité », in Mohammed Salhi (éd.), *La Présence Portugaise au Maroc et les relations actuelles entre les deux pays*, Rabat, Faculté des Lettres et des Sciences Humaines – Rabat, 2009, pp. 45-54. Voir aussi l'article de la même auteure dans la présente publication.

60. *Villes et Tribus...* cit., vol. XI, tome II, pp. 24-24.

palavras, Azamor e as outras possessões portuguesas na região foram sempre espaços de fronteira, um conceito que não remete apenas para divisão e guerra, mas também para permeabilidades e contactos, embora sempre num contexto de instabilidade⁶².

3. As fortificações e a forma urbana

Os trabalhos que realizámos em Azamor permitiram documentar vestígios arqueológicos importantes em dois espaços. Por um lado, a Sul da actual medina, correspondendo a um momento de ocupação mais antigo da cidade, remontando pelo menos à época almóada e terminando na mérinida. Por outro, na própria fortificação da medina actual, onde se revelaram ocupações de época oatácida e portuguesa. Analisemos, pois, cada um destes espaços e cronologias.

3.1. O espaço a Sul da medina

Os vestígios de muralha em taipa localizam-se numa área de planalto, em zona de cota média superior à da medina, entre os 25 e os 30m, onde o acesso ao rio se faz mais dificilmente (fig. 2). Assinale-se, porém, que provavelmente parte desta configuração do terreno resulta da acumulação de sedimentos antrópicos ao longo de séculos, como a disposição das muralhas e torres reveladas parece indiciar. Trata-se de uma zona muito escassamente urbanizada, mantendo-se como um espaço com algum aproveitamento agrícola.

O troço de muralha visível arranca cerca de 150m a Sul do torreão Sudeste da muralha da medina (fig. 3), tendo uma configuração rectilínea, paralela ao curso fluvial. É possível que aquele torreão e a cortina agora descoberta possam ter estado unidas, protegendo o acesso ribeirinho. A destruição desse troço teria sido provocada pela abertura do fosso em época portuguesa, perpendicular ao rio neste quadrante. Trata-se de uma zona que foi porto fluvial até ao século XX, precisamente na intersecção entre a zona de cota mais baixa da medina e o espaço meridional da cidade em cota mais elevada e que aqui analisamos (fig. 4). Bem próximo deste troço conserva-se ainda uma das torres que protegia o perímetro defensivo, bastante

gaie à l'intérieur des terres du Maroc», in Maria Augusta Lima Cruz e Rui Manuel Loureiro (ed.), *Estudos de História Luso-Marroquina*, Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 2010, pp. 101-116.

62. Mathew Racine, "A most opulent Iliad". *The Portuguese Occupation of Southern Morocco (1505-1542): the fortunes of a Frontier Society*, tese de doutoramento, University of California em Santa Barbara, 2003. O mesmo conceito foi utilizado com nuances em André Teixeira, «Introduction», in André Teixeira (ed.), *Entre les deux rives du Détroit de Gibraltar: Archéologie de frontières aux 14-16^e siècles*, Lisboa, CHAM, 2016, pp. 11-15.

de la première et du début de la deuxième décennie du XVI^e siècle⁶¹. En d'autres termes, Azemmour et les autres possessions portugaises dans la région ont été toujours des espaces frontaliers, un concept qui ne fait pas seulement référence à la division et à la guerre, mais aussi aux perméabilités et aux contacts, quoique toujours dans un contexte d'instabilité⁶².

3. Les fortifications et la forme urbaine

Le travail que nous avons effectué à Azemmour nous a permis de documenter des vestiges archéologiques importants dans deux espaces. D'une part, au sud de l'actuelle médina, correspondant à un moment d'occupation plus ancienne de la ville, remontant au moins à la période almohade et se terminant à la mérinide. D'autre part, dans le rempart de la médina actuelle, où se sont révélés des occupations de la période wattasside et portugaise. Analysons donc chacun de ces espaces et chronologies.

3.2. L'espace au sud de la médina

Les vestiges d'une enceinte en pisé se trouvent sur un plateau, dans un espace au-dessus de l'altitude moyenne de la médina, entre 25 et 30m, où l'accès au fleuve se trouve plus difficile (fig. 2). Soulignons, toutefois, qu'une partie de la configuration du terrain est probablement le résultat de l'accumulation de sédiments anthropiques au cours des siècles, comme la disposition des courtines et tours révélées semblent l'indiquer. Il s'agit d'une zone à peine urbanisée, constituant un espace d'utilisation agricole.

La section de l'enceinte visible commence à environ 150m au sud de la tour sud-est du rempart de la médina (fig. 3), avec une configuration rectiligne parallèle au cours du fleuve. Il est possible que cette tour et l'enceinte maintenant découverte aient été réunies, protégeant l'accès au bord de la rivière. La destruction de cette section aurait été causée par l'ouverture du fossé à l'époque portugaise, perpendiculaire à la rivière dans ce quadrant. C'est une zone qui fut le port fluvial jusqu'au XX^e siècle, précisément à l'intersection entre la zone la plus basse de la médina et l'espace sud plus haut que nous analysons ici (fig. 4).

61. Bernard Rosenberger, *Le Maroc au XVI siècle...* cit., pp. 82-87; André Teixeira, «Nuno Fernandes de Ataíde et l'intervention portugaise à l'intérieur des terres du Maroc», in Maria Augusta Lima Cruz e Rui Manuel Loureiro (éd.), *Estudos de História Luso-Marroquina*, Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 2010, pp. 101-116.

62. Mathew Racine, "A most opulent Iliad". *The Portuguese Occupation of Southern Morocco (1505-1542): the fortunes of a Frontier Society*, thèse de doctorat, University of California à Santa Barbara, 2003. Le même concept, avec des nuances, a été utilisé en André Teixeira, «Introduction», in André Teixeira (ed.), *Entre les deux rives du Détroit de Gibraltar: Archéologie de frontières aux 14-16^e siècles*, Lisbonne, CHAM, 2016, pp. 11-15.



Fig. 2 – Vista de Azamor a partir de Norte, vendo-se ao fundo a zona arborizada onde foram realizados os achados arqueológicos medievais.
Vue d'Azemmour depuis le nord ; au fond l'endroit arborisé où les découvertes archéologiques médiévales ont été effectuées.

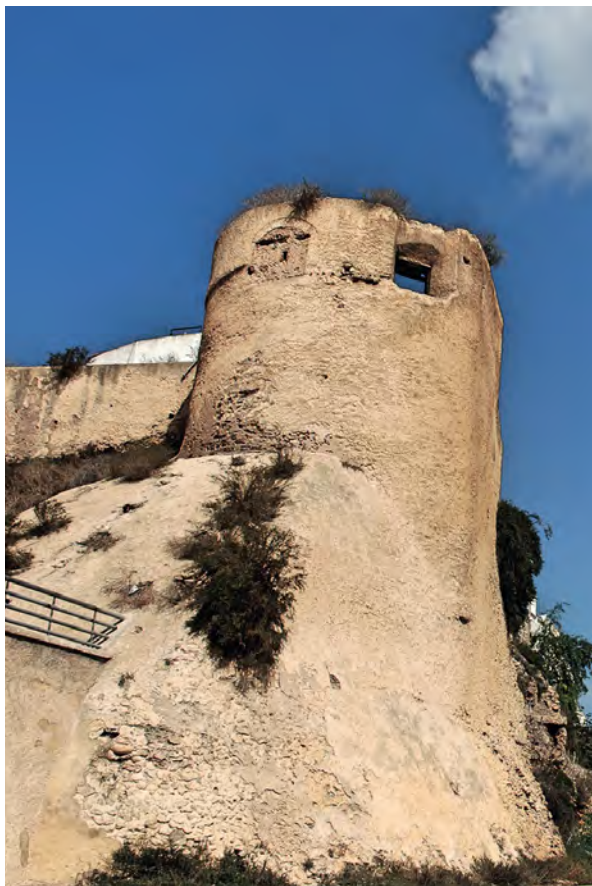


Fig. 3 – Torreão Sudeste da muralha da medina. Tour sud-est du rempart de la médina.



Fig. 4 – Porto fluvial de Azamor no início do século XX. Port fluvial d'Azemmour au début du XX^e siècle.
© <http://azamaz.free.fr/galerie/picture.php?/637/category/5>.

arruinada e em perigo de colapso pelo esboroamento em direcção ao rio do solo onde assenta (fig. 5). Tem formato quadrangular e cerca de 5 m de lado, apresentando dois corpos: uma base espessada, fabricada maioritariamente com alvenaria de pedra pequena a média, incluindo também tijolo, agregada por argamassa; e um corpo superior mais estreito, exclusivamente em taipa. Toda a estrutura era revestida por argamassa de cal. A torre está algo avançada face ao trajecto visível da cortina, parecendo que se ligaria a este através de um passadiço. A confirmar-se esta hipótese podemos aventar que se trata de uma torre albarrã, solução militar muito difundida sob os almóadas⁶³. No entanto, a acumulação de sedimentos no interior do perímetro, soterrando quase por completo a estrutura, impede a confirmação clara desta hipótese. A Sul desta área, a muralha foi amputada pela construção da ponte e estrada de acesso ao centro da cidade. Detectam-se indícios da sua continuidade mais a Sul, a sensivelmente 450m da cerca da medina, onde novos troços em taipa, preservados em cerca de 1m de altura, confirmam a continuidade da estrutura militar, já com trajecto curvilíneo na direcção Oeste

À proximité de cette section, l'une des tours qui protégeait l'enceinte est encore préservée, plutôt vétuste et en danger d'effondrement à cause du glissement vers la rivière du terrain sur lequel elle est assise (fig. 5). D'une forme carrée, avec environ 5m de côté, elle présente deux corps : une base épaissie construite en maçonnerie de pierre de petites à moyennes dimensions et, plus rarement, de la brique, liée au mortier ; un corps supérieur plus étroit, exclusivement en pisé, revêtu d'enduit et de chaux. La tour est légèrement avancée par rapport au tracé visible de la courtine et semble être reliée à celle-ci par un passage étroit. Si cette hypothèse se confirme, nous pourrions parler ici de l'existence une tour *albarrana*, solution militaire très diffusée sous les Almohades⁶³. Cependant, l'accumulation de sédiments à l'intérieur du périmètre, recouvrant presque la totalité de la structure, empêche la confirmation de cette proposition. Au sud de ce secteur, l'enceinte a été coupée par la construction du pont et la route menant au centre-ville. Sa continuité est attestée plus au sud, à environ 450m du rempart de la médina, où de nouvelles courtines en pisé, préservées sur environ 1m de hauteur, confirment la continuité de la structure militaire, déjà



Fig. 5 – Torre da muralha em taipa sobre o rio Morbeia. Tour de la muraille en pisé sur l'oued Oum er-Rbia.

63. Samuel Márquez Bueno e Pedro Gurriarán Daza, «Recursos formales y constructivos en la arquitectura militar almohade de al-Andalus», *Arqueología de la Arquitectura*, n.º 5, 2008, pp. 121-123.

63. Samuel Márquez Bueno et Pedro Gurriarán Daza, «Recursos formales y constructivos en la arquitectura militar almohade de al-Andalus», *Arqueología de la Arquitectura*, n.º 5, 2008, pp. 121-123.

(fig. 6). Nesta secção destaca-se uma nova torre quadrangular, ainda menos bem conservada que a anterior, mas que segue o mesmo modelo construtivo, embora a base não pareça ser reforçada (fig. 7). Esta torre marca alguma inflexão no traçado da cortina, então já claramente orientada para Oeste, bem como um menor declive entre as faces interior e exterior (fig. 8). A muralha desaparece junto à actual Boulevard Moulay Al-Hassan, em zona já totalmente urbanizada.

Relativamente às técnicas construtivas desta estrutura, além do que se anotou acerca das torres, cumpre referir que toda a cortina foi erguida com recurso à taipa militar, ou *tabiya*, tendo os panos de muralha grande resistência (fig. 9). Estes obtiveram-se pela mescla de sedimento argiloso e arenoso, por um lado, e cascalho, por outro – materiais existentes com abundância nas proximidades –, a uma boa percentagem de cal, seguramente também produzida localmente⁶⁴, fundamental para conferir solidez à estrutura. Em certos segmentos observam-se orifícios de um lado a outro na largura das cortinas, correspondentes às travessas de madeira (naturalmente desaparecidas) que suportavam os taipais, base do sistema de cofragem desta técnica da taipa⁶⁵.

Ao contrário do que sucede com a torre a Este, virado ao rio e possível albarã, não se detecta qualquer base pétreia nos panos de muralha, como é comum nas construções militares almóadas⁶⁶. A verdade, contudo, é que a base das estruturas não foi atingida nas escavações realizadas no paramento interior, nem o terreno se encontrava tão erodido que se pudesse ver no exterior. Com efeito, o pano de muralha mais bem conservado, entre as duas torres atrás referidas e onde se fez uma sondagem arqueológica, preserva-se numa altura de 7m, medidos no paramento externo (fig. 10). Neste troço, apesar do referido paramento externo se encontrar assaz erodido, é possível detectar as linhas de separação entre as diversas fiadas de taipais, com uma altura de pouco mais de 80cm (equivalentes a dois côvados *ma' muni*), na linha do que tem sido observado noutras construções militares

64. Antes da conquista de Azamor pelos portugueses existiam aí vários produtores de cal, que pediram autorização ao novo poder para voltar à cidade e retomar as suas actividades, cf. Maria Augusta Lima Cruz, «Documentos Inéditos para a História dos Portugueses em Azamor», *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. II, 1970, pp. 112-113 e 115.

65. Sobre este assunto veja-se Pedro Gurriarán Daza e J. Sáez Rodríguez, «Tapial o fábricas de encofradas en recintos urbanos andalusíes», in Antonio Torremocha Silva e Virgilio Martínez Enamorado (ed.), *Actas del II Congreso Internacional: La Ciudad en Al-Andalus y el Magreb (Algeciras)*, Granada, Fundación El Legado Andalusi, 2002, pp. 562-569 e 584-587.

66. Pedro Gurriarán Daza e J. Sáez Rodríguez, «Tapial o fábricas de encofradas...» cit., p. 576.

avec un tracé curviligne orienté vers l'ouest (fig. 6). Dans cette section on observe une autre tour quadrangulaire, encore moins bien conservée que la précédente, mais qui suit le même modèle constructif, bien que sa base ne semble pas être renforcée (fig. 7). Cette tour marque une inflexion dans le contour de la courtine, déjà tendanciellement orientée vers l'ouest, ainsi qu'une déclivité moins accentuée entre ses faces intérieure et extérieure (fig. 8). L'enceinte disparaît près de l'actuel Boulevard Moulay Al-Hassan, dans une zone déjà totalement urbanisée.

En ce qui concerne les techniques de construction de cette structure, en plus de ce qui a été noté sur les tours, il faut repérer que tout la muraille a été battue avec du pisé militaire, ou *tabiya*, les murs ayant une grande résistance (fig. 9). Ceux-ci ont été fabriqués en mélangeant des sédiments argileux et sableux, d'une part, et du gravier, d'autre part – matériaux existants en abondance à proximité – avec un bon pourcentage de chaux, certainement aussi produite localement⁶⁴, fondamentale pour rendre la structure solide. Dans certains segments, on observe des trous d'un côté à l'autre dans la largeur des courtines, correspondant aux traverses en bois (naturellement absentes) qui supportaient les banches, base du système de coffrage de cette technique du pisé⁶⁵.

Contrairement à ce qui se passe avec la tour est, face à la rivière et possible *albarana*, aucune base en pierre n'est détectée dans les murs, comme cela est courant dans les structures militaires almohades⁶⁶. La vérité, cependant, est que la base des structures n'a pas été atteinte lors des fouilles effectuées à côté de la face interne du mur et le terrain n'était pas non plus si érodé qu'elle pouvait être vue de l'extérieur. En effet, la partie de la muraille la mieux préservée, entre les deux tours mentionnées ci-dessus et où un sondage archéologique a été mené, se conserve à une hauteur de 7m, mesurés dans la face extérieure du mur (fig. 10). Dans cette section, bien que la face extérieure susmentionnée soit assez érodée, il est possible de détecter les lignes de séparation entre les différentes rangées de banches, d'une hauteur d'un peu plus de 80cm (correspondants à deux coudées *ma' muni*),

64. Avant la conquête d'Azemmour par les portugais il y avait plusieurs producteurs de chaux, qui ont demandé autorisation au nouveau pouvoir pour revenir à la ville et reprendre leurs activités, cf. Maria Augusta Lima Cruz, «Documentos Inéditos para a História dos Portugueses em Azamor», *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. II, 1970, pp. 112-113 et 115.

65. Sur ce sujet voir Pedro Gurriarán Daza et J. Sáez Rodríguez, «Tapial o fábricas de encofradas en recintos urbanos andalusíes», in Antonio Torremocha Silva et Virgilio Martínez Enamorado (éd.), *Actas del II Congreso Internacional: La Ciudad en Al-Andalus y el Magreb (Algeciras)*, Granada, Fundación El Legado Andalusi, 2002, pp. 562-569 et 584-587.

66. Pedro Gurriarán Daza et J. Sáez Rodríguez, «Tapial o fábricas de encofradas...» cit., p. 576.



Fig. 6 – Troço da muralha em taipa a Sudeste. Section de la muraille en pisé à sud-est.



Fig. 7 – Torre da muralha em taipa a Sudeste. Tour de la muraille en pisé à sud-est.



Fig. 8 – Troço da muralha em taipa a Sul, junto à Boulevard Moulay Al-Hassan. Section de la muraille en pisé au sud, près de la Boulevard Moulay Al-Hassan.



Fig. 9 – Detalhe de um troço da muralha em taipa. Detaille d'une section de la muraille en pisé.



Fig. 10 – Paramento externo do troço mais bem conservado da muralha em taipa. Surface externe de la partie de la muraille en pisé la mieux préservée.

coevas⁶⁷. Neste mesmo troço observa-se também uma marca oblíqua na estrutura, que corresponderá a uma paragem diária no trabalho de construção, como tem sido observado noutros locais⁶⁸.

Ainda neste segmento de muro é possível observar que a fortificação é composta na realidade por duas cortinas acopladas, fabricadas com técnicas idênticas. A interior será mais antiga, já que a última fiada da exterior parece sobrepor-se-lhe, como que agregando as duas estruturas. Apesar da sua erosão é possível avançar que as duas cortinas teriam cerca de 0,9m de largura cada uma, embora a externa possa ser ligeiramente mais espessa. Coloca-se a hipótese de estarmos face a dois momentos construtivos, com uma primitiva muralha interior, cuja ruína teria levado à construção de nova cortina exterior, optando-se por agregar as duas construções, obtendo uma fortificação de grande espessura. Note-se que, usando esta técnica da taipa, seria difícil reparar convenientemente a muralha em caso de ruína, não fazendo sentido derrubá-la para erguer uma nova, já que isso desguarneceria por completo a cidade. Os eventuais problemas estruturais do pano de muralha mais antigo, nomeadamente no paramento exterior, ficavam assim anulados dentro da nova cortina. Esta solução de acoplamento de muralhas em operações de reparação é muito comum e está profusamente documentada na Península Ibérica⁶⁹.

Por fim, cumpre referir que subsistem ainda vestígios do reboco que protegia as superfícies desta construção em taipa, naturalmente mais bem conservados na área escavada que nas áreas onde os paramentos estão sujeitos aos agentes erosivos. O reboco era uniforme, encontrando-se em desagregação mesmo na superfície interna, onde parece ter-se destacado em linhas horizontais, eventualmente correspondentes à altura das diversas tábuas que constituíam os taipais (fig. 11). Os escassos vestígios de reboco nos paramentos externos impedem-nos de indagar sobre a existência de [«falsas juntas de grande aparelho decorando por vezes muralhas e torres»] (fig. 12), uma imagem claramente relacionada com as fortificações e a propaganda almóada (independentemente da

comme il a été observé dans d'autres structures militaires de la même époque⁶⁷. Dans cette même partie de la muraille, il y a aussi une marque oblique sur la structure, qui doit correspondre à un arrêt d'un jour dans les travaux de construction, comme cela a été considéré à d'autres endroits⁶⁸.

Toujours dans cette section de courtine, il est possible d'observer que la fortification est en fait composée de deux murs couplés, fabriqués avec la même technique de construction. L'intérieur doit être plus ancien, puisque la dernière rangée de l'extérieur semble se chevaucher, comme si elle agrégeait les deux structures. Malgré son érosion, il est possible d'avancer que chacun des deux murs avaient une largeur d'environ 0,9m, bien que l'extérieur puisse être légèrement plus épais. L'hypothèse est que nous sommes confrontés à deux moments de construction, avec un mur intérieur primitif, dont la ruine aurait conduit à la construction d'un nouveau mur extérieur, en choisissant d'agrèger les deux constructions, obtenant une fortification très épaisse. Notez qu'en utilisant cette technique du pisé, il serait difficile de réparer correctement un mur en cas de ruine ; il n'aurait aucun sens de le démolir pour en construire un nouveau, car cela rendrait la ville complètement sans protection. Les possibles problèmes structurels de la face extérieure du mur plus ancien ont ainsi été résolus avec la construction du nouveau mur. Cette solution de couplage des murs dans les opérations de réparation est très courante et est abondamment documentée dans la péninsule Ibérique⁶⁹.

Dernièrement, il est à noter qu'il existe encore des traces de l'enduit qui protégeait les surfaces de cette construction en pisé, naturellement mieux conservées dans la zone qui a été fouillée que dans les zones où les murs sont soumis à des agents érosifs. Le plâtre était uniforme, étant en désagrégation même sur la surface interne, où il semble s'être détaché en lignes horizontales, correspondant peut-être à la hauteur des différentes banches qui composaient les parois latérales (fig. 11). Les quelques traces de plâtre sur les murs extérieurs nous empêchent de nous renseigner sur l'existence de [« faux-joints de grande appareil décorant souvent les murs et les tours »] (fig. 12), une image clairement connectée aux fortifications et à la propagande almohade (indépendamment de sa chro-

67. Leopoldo Torres Balbás, *Ciudades Hispanomusulmanas*, Madrid, Instituto Hispano-Árabe de Cultura, 1970, tomo II, p. 560; Pedro Gurriarán Daza e J. Sáez Rodríguez, «Tapial o fábricas de encofradas...» cit., pp. 570-571. Além dos esclarecimentos fornecidos pelas suas publicações, estamos reconhecidos às preciosas sugestões que nos foram feitas sobre este assunto por Pedro Gurriarán Daza.

68. Pedro Gurriarán Daza e J. Sáez Rodríguez, «Tapial o fábricas de encofradas...» cit., p. 574.

69. Estamos reconhecidos pelas preciosas sugestões que nos foram feitas sobre este assunto por Miguel Ángel Hervás e Pedro Gurriarán Daza.

67. Leopoldo Torres Balbás, *Ciudades Hispanomusulmanas*, Madrid, Instituto Hispano-Árabe de Cultura, 1970, tomo II, p. 560 ; Pedro Gurriarán Daza et J. Sáez Rodríguez, «Tapial o fábricas de encofradas... » cit., pp. 570-571. En plus des éclaircissements de ses publications, nous sommes reconnaissants des précieuses suggestions qui nous ont été faites à ce sujet par Pedro Gurriarán Daza.

68. Pedro Gurriarán Daza et J. Sáez Rodríguez, «Tapial o fábricas de encofradas... » cit., p. 574.

69. Nous sommes reconnaissants aux suggestions qui nous ont été faites à ce sujet par Miguel Ángel Hervás et Pedro Gurriarán Daza.



Fig. 11 – Paramento interno do troço mais bem conservado da muralha em taipa, na sondagem arqueológica. Surface interne de la partie de la muraille en pisé la mieux préservée, dans le sondage archéologique.



Fig. 12 – Detalhe do paramento externo do troço mais bem conservado da muralha em taipa, vendo-se o seu reboco. Detaille de la surface externe de la partie de la muraille en pisé la mieux préservée, s'observant le plâtre.

sua cronologia exacta), muito presente na Península Ibérica, mais raramente no Magrebe⁷⁰.

Em suma, estes achados levantam dois problemas básicos de interpretação: por um lado, a datação, por outro, o traçado da fortificação. Estas duas questões articulam-se com uma outra: a da relação das fortificações agora reveladas com as que circundam a actual medina. Os trabalhos arqueológicos que realizámos permitem lançar algumas hipóteses de trabalho, sem contudo lhe dar resposta satisfatória a estas questões. No que toca à fundação destas estruturas não dispomos de dados estratigráficos, já que as sondagens arqueológicas que realizámos perto desta muralha (descritas abaixo), entre as suas torres mencionadas, não atingiram os seus alicerces. Está documentada uma intensa actividade de construção de fortificações pelos almorávidas, erguendo estruturas em taipa com base em pedra e torres quadrangulares. Se entre as obras que se lhes atribuem não figura Azamor⁷¹, deve recordar-se as dificuldades de domínio desta região pela dinastia, face à resistência dos berquatas, um cenário que lhes terá levado a uma posição de força. Do ponto de vista das características estruturais já tivemos oportunidade de enunciar alguns elementos que concorrem para lhe atribuir uma origem almóada, sem sustentar absolutamente esta proposta. A utilização da taipa em construções militares foi comum ao longo de toda a Idade Média, embora generalizando-se sobretudo a partir dos almorávidas e dos almóadas, nomeadamente no Magrebe⁷². A grande resistência das cortinas de Azamor agora descobertas, dada pela alta percentagem de cal na sua composição, sugere uma cronologia mais recente e uma pertença aos programas militares daquelas dinastias magrebina. Relativamente às torres albarrãs, como

nologie exacte), très présente dans la péninsule Ibérique, plus rarement au Maghreb⁷⁰.

Somme toute ces découvertes soulèvent deux problèmes fondamentaux d'interprétation : d'une part la datation, d'autre part le tracé de la fortification. Ces deux questions sont liées à une autre : la relation entre ces fortifications maintenant révélées et celles qui entourent la médina actuelle. Les travaux archéologiques que nous avons réalisés permettent de lancer quelques hypothèses de travail, sans toutefois donner une réponse tout à fait satisfaisante à ces questions. En ce qui concerne la fondation des structures nous ne disposons pas de données stratigraphiques, une fois que les sondages archéologiques que nous avons fait tout près de cette muraille (décrits ci-dessous), entre les deux tours mentionnées, n'ont pas atteint la base de l'enceinte. Une intense activité de construction de fortifications par les almoravides a été documentée, érigeant des structures en pisé sur des soubassements en moellons et de tours carrées. Si parmi les œuvres qui leur sont attribuées Azemmour ne figure pas⁷¹, il faut rappeler les difficultés de dominer cette région par la dynastie, face à la résistance des berghouata, scénario qui les aurait poussés à une position de force. Du point de vue des caractéristiques architecturales nous avons déjà cité quelques éléments qui soutiennent une origine almohade, sans prouver avec certitude cette proposition. L'utilisation du pisé en constructions militaires a été générale pendant tout le Moyen Âge, bien qu'elle s'ait diffusé particulièrement sous les almoravides et les almohades, notamment au Maghreb⁷². La grande résistance des courtines d'Azemmour maintenant découvertes, donné par le haut pourcentage de chaux dans sa composition, suggère une chronologie plus récente et une appartenance aux programmes militaires de ces dynasties

70. Pedro Gurriarán Daza e J. Sáez Rodríguez, «Tapial o fábricas de encofradas...» cit., pp. 578-582, citando Henri Terrasse relativamente a esta última questão da decoração das muralhas e torres. Ver: Rafael Azuar Ruiz, «Aspectos simbólicos de la arquitectura militar almohade. El falso despiece de sillería y las bóvedas de arcos entrecruzados», in Patrice Cressier, Maribel Fierro e Luis Molina (ed.), *Los almohades: problemas y perspectivas*, Madrid, CSIC, 2005, vol. I, pp. 123-147; Samuel Márquez Bueno e Pedro Gurriarán Daza, «Recursos formales y constructivos...» cit., pp. 117-121; Rafael Azuar Ruiz e Isabel Cristina Ferreira Fernandes, «La fortificación del califato almohade», in Patrice Cressier e Vicente Salvatierra (ed.), *Las Navas de Tolosa. 1212-2012. Miradas Cruzadas*, Jaén, Universidad de Jaén, 2013, pp. 403-405.

71. Ahmed Saleh Ettahiri, Bulle Tuil Leonetti, Abdallah Fili e Claire Déléry, «Basculement berbère...» cit., p. 149.

72. Leopoldo Torres Balbás, *Ciudades Hispanomusulmanas...* cit., tomo II, pp. 560-562; Pedro Gurriarán Daza e J. Sáez Rodríguez, «Tapial o fábricas de encofradas...» cit., pp. 589-620; Rafael Azuar Ruiz, «Técnicas constructivas y fortificación almohade en al-Andalus», in Magdalena Valor Piechotta, José Luis Villar Iglesias e José Ramírez del Río (coord.), *Los almohades: su Patrimonio Arquitectónico y Arqueológico en el Sur de al-Andalus*, Sevilla, Consejería de Relaciones Institucionales – Junta de Andalucía, 2004, p. 63.

70. Pedro Gurriarán Daza et J. Sáez Rodríguez, «Tapial o fábricas de encofradas...» cit., p. 578-582, citant Henri Terrasse pour cette dernière question de la décoration des murs et des tours. Voir : Rafael Azuar Ruiz, «Aspectos simbólicos de la arquitectura militar almohade. El falso despiece de sillería y las bóvedas de arcos entrecruzados», in Patrice Cressier, Maribel Fierro et Luis Molina (éd.), *Los almohades: problemas y perspectivas*, Madrid, CSIC, 2005, vol. I, pp. 123-147; Samuel Márquez Bueno et Pedro Gurriarán Daza, «Recursos formales y constructivos...» cit., pp. 117-121; Rafael Azuar Ruiz et Isabel Cristina Ferreira Fernandes, «La fortificación del califato almohade», in Patrice Cressier et Vicente Salvatierra (éd.), *Las Navas de Tolosa. 1212-2012. Miradas Cruzadas*, Jaén, Universidad de Jaén, 2013, pp. 403-405.

71. Ahmed Saleh Ettahiri, Bulle Tuil Leonetti, Abdallah Fili et Claire Déléry, «Basculement berbère...» cit., p. 149.

72. Leopoldo Torres Balbás, *Ciudades Hispanomusulmanas...* cit., tomo II, pp. 560-562; Pedro Gurriarán Daza et J. Sáez Rodríguez, «Tapial o fábricas de encofradas...» cit., pp. 589-620; Rafael Azuar Ruiz, «Técnicas constructivas y fortificación almohade en al-Andalus», in Magdalena Valor Piechotta, José Luis Villar Iglesias et José Ramírez del Río (coord.), *Los almohades: su Patrimonio Arquitectónico y Arqueológico en el Sur de al-Andalus*, Séville, Consejería de Relaciones Institucionales – Junta de Andalucía, 2004, p. 63.

poderia ser o caso da estrutura subsistente no flanco Este dos vestígios agora encontrados, virada ao rio, também constitui um elemento que aponta para uma cronologia almóada, época em que estas construções tiveram enorme difusão⁷³.

Assim, no que toca à datação das estruturas, é possível que Azamor tenha conhecido trabalhos de fortificação durante as dinastias almorávida e almóada, correspondentes às muralhas agora encontradas. Eventualmente poderemos estar face a uma primitiva fortificação almorávida⁷⁴, que, ante a ruína, foi objecto de nova campanha pelos almóadas, que terão acoplado nova muralha à antiga cortina, erguendo novas torres. Trata-se apenas de uma hipótese, já que também é possível que as duas cortinas datem de época almóada. Neste último caso é plausível que uma das fases das construções de Azamor seja coeva da de Safim, comprovadamente da segunda metade do século XII ou dos primeiros decénios da centúria seguinte⁷⁵, uma época de florescimento destas cidades costeiras e de uma política sistemática dos almóadas de construção de cercas urbanas em taipa com portas monumentais em pedra⁷⁶.

Relativamente à data de abandono desta área da cidade, as duas sondagens arqueológicas que realizámos proporcionaram uma grande quantidade de material cerâmico: por um lado, vestígios de uma oficina de produção oleira, por outro, cerâmicas de utilização doméstica com semelhanças às detectadas em outros sítios arqueológicos do Norte de Marrocos, do século XIV ou inícios da centúria seguinte (detalhadas abaixo). Esta data marcará, pois, o período de abandono desta parte sul de Azamor, precedendo assim mais de um século a chegada dos portugueses. É, pois, tentador fazer coincidir este facto com a referência histórica acima apontada, o abandono da cidade no segundo quartel do século XIV e sua recons-

73. Leopoldo Torres Balbás, *Ciudades Hispanomusulmanas...* cit., tomo II, p. 590; Samuel Márquez Bueno e Pedro Gurriarán Daza, «Recursos formales...» cit., pp. 121-123; Rafael Azuar Ruiz e Isabel Cristina Ferreira Fernandes, «La fortificación del califato almohade» cit., p. 406.

74. Os dados sobre as cercas urbanas construídas pelos almorávidas no Magrebe são ainda muito escassos, circunscrevendo-se por agora ao caso de Marrakech, segundo Patrice Cressier, «Arqueología del Magreb almorávide...» cit., p. 50, muito embora se considere que o papel desta dinastia como construtora e reformadora de cidades é subestimado pela historiografia (p. 46).

75. Yassir Benhima, *Safi et son territoire...* cit., p. 112.

76. Sergio Martínez Lillo, «La continuidad de la arquitectura beréber en el Magreb. Ciertos ejemplos en lo militar y religioso», in Rafael López Guzmán (coord.), *La Arquitectura del Islam Occidental*, Madrid, Sierra Nevada '95 – El legado Andalusi e Lunweg Editores, 1995, pp. 152-153. Ver Patrice Cressier, «Les portes monumentales urbaines almohades: symboles et fonctions», in Patrice Cressier, Maribel Fierro e Luis Molina (ed.), *Los almohades...* cit., vol. I, pp. 149-187.

magrébines. Quant aux tours *albarranas*, comme pourrait être le cas de la structure qui subsiste sur le flanc est des vestiges maintenant retrouvés face au fleuve, elles constituent aussi un élément qui pointe vers une chronologie almohade, une époque où ces constructions ont eu une énorme diffusion⁷³.

Ainsi, lorsqu'il s'agit de dater les structures, il est possible qu'Azemmour ait connu des travaux de fortification sous les dynasties almoravide et almohade, correspondants aux deux murs couplés qui viennent d'être retrouvés. Finalement, nous pourrions être confrontés à une fortification almoravide primitive⁷⁴, qui tombant en ruine a fait l'objet d'une nouvelle campagne sous les almohades, qui auront ajouté un nouveau mur à l'ancienne, érigeant de nouvelles tours. Ce n'est qu'une hypothèse, car il est également possible que les deux murs datent de la période almohade. Dans ce dernier cas, il est vraisemblable qu'une des phases des constructions d'Azemmour soit de la même époque de celle de Safi, sûrement de la seconde moitié du XII^e siècle ou des premières décennies du siècle suivant⁷⁵, époque d'apogée de ces villes côtières et d'une politique systématique des almohades de construction d'enceintes urbaines en pisé avec des portes monumentales en pierre⁷⁶.

En ce qui concerne la date de l'abandon de cet endroit, les deux sondages archéologiques effectués ont livré une grande quantité de mobilier céramique: d'une part, des vestiges d'un atelier de production potière, d'autre part, de céramiques d'utilisation domestique présentant des ressemblances avec celles trouvées dans d'autres sites archéologiques au Nord du Maroc du XIV^e siècle ou début du siècle suivant (détaillées ci-dessous). Cette date marquera donc la période d'abandon de cette partie sud d'Azemmour, précédant donc plus d'un siècle l'arrivée des portugais. Il est ainsi tentant de faire coïncider ce fait avec la référence historique susmentionnée: l'abandon de la ville au deuxième quart du XIV^e siècle et sa recons-

73. Leopoldo Torres Balbás, *Ciudades Hispanomusulmanas...* cit., tomo II, p. 590; Samuel Márquez Bueno et Pedro Gurriarán Daza, «Recursos formales...» cit., pp. 121-123; Rafael Azuar Ruiz et Isabel Cristina Ferreira Fernandes, «La fortificación del califato almohade» cit., p. 406.

74. Les données sur les enceintes urbaines construites par les almoravides au Maghreb sont encore très faibles, pour le moment circonscrites au cas de Marrakech, selon Patrice Cressier, «Arqueología del Magreb almorávide...» cit., p. 50, même si le rôle de cette dynastie comme bâtisseur et réformateur de villes est sous-estimé par l'historiographie (p. 46).

75. Yassir Benhima, *Safi et son territoire...* cit., p. 112.

76. Sergio Martínez Lillo, «La continuidad de la arquitectura beréber en el Magreb. Ciertos ejemplos en lo militar y religioso», in Rafael López Guzmán (coord.), *La Arquitectura del Islam Occidental*, Madrid, Sierra Nevada '95 – El legado Andalusi e Lunweg Editores, 1995, pp. 152-153. Voir Patrice Cressier, «Les portes monumentales urbaines almohades: symboles et fonctions», in Patrice Cressier, Maribel Fierro et Luis Molina (éd.), *Los almohades...* cit., vol. I, pp. 149-187.

trução noutra lugar⁷⁷. Na verdade, a própria tradição popular aponta que [«a 500m das muralhas, sempre a Sul, subsistem os vestígios de uma muralha a que chamamos Azamor el-Hadar, e que terá sido o local de implantação primitivo da cidade»]⁷⁸. Trata-se, contudo, de um processo que merece ser mais bem documentado.

Quanto à configuração de Azamor antes do século XV, os vestígios não nos permitem ter por agora uma ideia clara (fig. 13). Se a muralha desaparece junto à actual Boulevard Moulay Al-Hassan, como referido, a configuração da Boulevard Ahmed Choufani, que liga este espaço ao santuário de Mulei Buchaib⁷⁹ – o referido marabuto patrono da cidade –, poderá coincidir com o traçado do antigo dispositivo defensivo, que assim teria deixado profunda marca no tecido urbano. A curvatura desta artéria, que aliás prossegue um pouco a Norte deste espaço religioso na Route Doukkala, parece apontar para um circuito tendencialmente circular, na continuidade dos vestígios preservados de muralha em taipa, que encerraria esta parte da cidade na Idade Média.

Já no que toca ao sector setentrional da cidade colocam-se muitas dúvidas. Colegas arquitectos propõem que a Boulevard Mohamed V marque a continuidade do traçado da cerca, que se conectaria com a muralha da medina actual através de uma grande porta, de que ainda se vêem vestígios em fotografias antigas⁸⁰. Antes disso, um de nós havia proposto que a cidade poderia mesmo englobar uma parte a Noroeste daquela artéria⁸¹. Cumpre-nos registar que no extremo Nordeste da actual medina, em escavações arqueológicas no interior do baluarte do Raio (denominado *bordj Sidi Ouadoud*) – adiante afloradas – identificámos vestígios de materiais medievais, pelo que esta parte da cidade seria então certamente ocupada. Enfim, naquela primeira hipótese, a cidade teria um perímetro fortificado de cerca de 3200m e uma área a rondar os 50ha. São dimensões bem inferiores aos grandes centros urbanos almóadas, como Marraquexe, Fez, Rabat ou Sevilha, mas também de

struction dans un autre endroit⁷⁷. En réalité, la tradition populaire elle-même indique que «à 500m des remparts, toujours au sud, subsistent les vestiges d'une enceinte que l'on appelle Azemmour el-Hadar, et qui aurait été l'emplacement primitif de la ville»⁷⁸. C'est pourtant un processus qui mérite d'être mieux documenté.

Pour la configuration d'Azemmour avant le XV^e siècle, les vestiges ne permettent pas d'avoir, à l'heure actuelle, une idée claire (fig. 13). Si l'enceinte disparaît près de l'actuel Boulevard Moulay Al-Hassan, comme signalé, la configuration du Boulevard Ahmed Choufani, qui relie celui-ci au mausolée de Moulay Bouchaib⁷⁹ – le saint protecteur de la ville susmentionné –, pourrait coïncider avec le tracé de l'ancien dispositif militaire, qui aurait laissé une profonde marque dans le tissu urbain. La courbure de cette artère, qui d'ailleurs continue au nord de cet espace religieux sur la Route Doukkala, semble indiquer un circuit tendanciellement circulaire, dans la continuité des murs de pisé préservés, qui fermait ainsi cette partie de la ville au Moyen Âge.

Le secteur septentrional de la ville, quant à lui, pose de nombreux doutes. Certains de nos collègues architectes proposent que le Boulevard Mohamed V représente la continuité du tracé de l'enceinte, qui serait reliée à l'actuel rempart de la médina par une grande porte, dont on peut encore apercevoir les vestiges sur d'anciennes photographies⁸⁰. Avant ça, un de nous avait proposé que la ville pouvait même inclure une zone au nord-ouest de cette avenue⁸¹. Notons qu'à l'extrême nord-ouest de la médina actuelle, au cours des fouilles archéologiques à l'intérieur du bastion du *Raio* (nommé *bordj Sidi Ouadoud*) – mentionnées ci-dessous – nous avons identifié du mobilier archéologique médiéval. Cela nous permet de dire que cette partie de la ville était alors certainement occupée.

Enfin, dans cette première hypothèse, la ville avait un périmètre fortifié d'environ 3200m et une surface d'environ 50ha. Ce sont des dimensions bien inférieures aux grands centres urbains almohades, comme Marrakech, Fès, Rabat ou Séville, mais aussi d'autres villes importantes, comme Almería, Grenade,

77. Jean Darlet, «Monographie de la ville...» cit., p. 26.

78. *Villes et Tribus...* cit., vol. XI, tome II, p. 22.

79. Mausoléu que, segundo a tradição, foi erguido à morte do santo em 1166 sobre ruínas romanas, um facto nunca comprovado. Ver Belkacem Daouadi, «Kanz al-asrâr wa lawâqih al-afkâr»... cit., p. 42.

80. Proposta que publicámos em André Teixeira, Ana Lopes, Jorge Correia e Azzeddine Karra, «As fortificações portuguesas de Azamor...» cit., pp. 627-628, e Jorge Correia, André Teixeira e Maria Augusta Lima Cruz, «Building and performing: early sixteenth-century Portuguese presence in Azammūr», *The Journal of North African Studies*, 19:1, 2014, pp. 94-95.

81. Abdallah Fili e Azzeddine Karra, «Evolution urbaine...» cit., p. 85.

77. Jean Darlet, «Monographie de la ville...» cit., p. 26.

78. *Villes et Tribus...* cit., vol. XI, tome II, p. 22.

79. Mausolée qui, selon la tradition, a été élevé à la mort du saint en 1166 sur des ruines romaines, un fait jamais prouvé. Voir Belkacem Daouadi, «Kanz al-asrâr wa lawâqih al-afkâr»... cit., p. 42.

80. Proposition qu'on a publiée en André Teixeira, Ana Lopes, Jorge Correia, Azzeddine Karra, «As fortificações portuguesas de Azamor...» cit., pp. 627-628, et Jorge Correia, André Teixeira et Maria Augusta Lima Cruz, «Building and performing: early sixteenth-century Portuguese presence in Azammūr», *The Journal of North African Studies*, 19:1, 2014, pp. 94-95.

81. Abdallah Fili et Azzeddine Karra, «Evolution urbaine...» cit., p. 85.



Fig. 13 – Planta de Azamor, com a muralha da medina a Norte (linha negra a cheio) e troços preservados (linha cinza a cheio) ou hipotéticos (linha cinza a tracejado) da muralha mais antiga a Sul. Plan d’Azemmour, avec le rempart de la médina au nord (ligne noir continue) et des sections préservées (ligne gris continue) et présumées (ligne gris pointillée) de la muraille plus ancienne au sud.

outras cidades importantes, como Almeria, Granada, Maiorca ou Badajoz. Azamor teria a dimensão de uma cidade média, como Ecija, Valencia, Jerez de la Frontera, ou Tânger⁸².

3.2. A medina

Independentemente da configuração e dimensões que Azamor atingiu na Idade Média, o que é evidente é que este grande circuito muralhado já não se encontrava povoado à chegada dos portugueses no início do século XVI, devendo a cortina estar então bastante destruída.

Um documento português de 1513, escrito após a conquista da cidade, afirma que Azamor «é muito pouco menos de Évora e tão chã»⁸³. Esta cidade portuguesa teria então um perímetro fortificado de cerca de 3800m, mas uma área bastante superior, em torno a 95ha. Contudo, parece que esta passagem é mais um exagero tendente a exacerbar o feito militar acabado de realizar, que uma descrição fiel da realidade. Outro português da época, o geógrafo Valentim Fernandes, assinala que Azamor tinha uma população de cerca de 1000 habitantes à chegada dos portugueses, sublinhando que antes ela albergava 12.000 pessoas, segundo informações fornecidas pelos habitantes⁸⁴. Parece-nos estes autores portugueses fazem referência àquele passado de maior esplendor, numa época em que este espaço a Sul da medina estaria já abandonado, embora não se exclua que algumas construções fossem ainda visíveis.

A célebre gravura de Azamor publicada no *Civitates Orbis Terrarum*⁸⁵ (fig. 14), provavelmente copiada do desenho desaparecido de Duarte de Armas realizado aquando da expedição de reconhecimento em 1507⁸⁶, representa a imagem da cidade antes da conquista portuguesa. O desenho evidencia uma cerca urbana rectangular, ao longo do rio e em zona plana, incluindo múltiplas torres. Este contorno parece corresponder sensivelmente à actual muralha da medina (fig. 15). Esta associação é ainda mais clara se tivermos em conta as obras realizadas aqui pelos portugueses.

82. Vejam-se os números de Leopoldo Torres Balbás, *Ciudades Hispanomusulmanas...* cit., tomo II, p. 106, e de Magdalena Valor Piechota, «Algunos ejemplos de construcciones defensivas almohades en la provincia de Sevilla», in Magdalena Valor Piechotta, José Luis Villar Iglesias e José Ramírez del Río (coord.), *Los almohades...* cit., p. 147.

83. Carta de D. João de Meneses ao rei, de Azamor, 01-09/12/1513, publicada nas *SIHM*, I, pp. 459-467.

84. Valentim Fernandes, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénégal*, ed. Pierre de Cenival e Théodore Monod, Paris, Larose, 1938, p. 28.

85. Georgius Braunius e Franciscus Hogenbergius, *Civitates Orbis Terrarum*, Coloniae Agrippinae, Petrum à Brachel, 1572, vol. I, 57v.

86. Jorge Correia, *Implantação da cidade...* cit., p. 292.

Majorque ou Badajoz. Azemmour était dans la dimension de villes moyennes, comme Ecija, Valencia, Jerez de la Frontera, ou Tanger⁸².

3.2. La médina

Indépendamment de la configuration et des dimensions qu'Azemmour atteignit au Moyen Âge, ce qui est évident c'est que ce grand circuit fortifié n'était plus peuplé à l'arrivée des portugais au début du XVI^e siècle, l'enceinte probablement étant déjà assez détruite à cette époque.

Un document portugais de 1513, écrit après la conquête de la ville, atteste qu'Azemmour [«est beaucoup moins qu'Évora et si plane»]⁸³. Cette ville portugaise avait alors un périmètre fortifié d'environ 3800m, mais une surface beaucoup plus importante, autour de 95ha. Mais il semble que ce passage est plus une exagération tendant à exacerber le fait militaire qui vient d'être réalisé, qu'une description authentique de la réalité. Un autre auteur portugais de l'époque, le géographe Valentim Fernandes, signale qu'Azemmour avait une population d'environ 1000 habitants à l'arrivée des portugais, soulignant qu'avant elle hébergeait 12.000 personnes selon les informations données par les habitants⁸⁴. Il nous semble que ces auteurs portugais font référence à ce passé d'une plus grande splendeur, à une époque où cet espace au sud de la médina était déjà abandonné, bien qu'il ne soit pas exclu que certains bâtiments étaient encore visibles. La célèbre gravure d'Azemmour publiée dans le *Civitates Orbis Terrarum*⁸⁵ (fig. 14), probablement copiée du dessin disparu de Duarte de Armas ébauché pendant l'expédition de reconnaissance de 1507⁸⁶, représente l'image de la ville avant la conquête portugaise. Le dessin met en évidence une enceinte urbaine rectangulaire, toute au long du fleuve en zone plaine, comprenant plusieurs tours. Ce contour semble correspondre plus au moins à l'actuel rempart de la médina (fig. 15). Cette association est encore plus claire si l'on tient compte des travaux faits à cet endroit par les portugais.

82. Voir les chiffres de Leopoldo Torres Balbás, *Ciudades Hispanomusulmanas...* cit., tomo II, p. 106, et de Magdalena Valor Piechota, «Algunos ejemplos de construcciones defensivas almohades en la provincia de Sevilla», in Magdalena Valor Piechotta, José Luis Villar Iglesias et José Ramírez del Río (coord.), *Los almohades...* cit., p. 147.

83. Lettre de D. João de Meneses au roi, d'Azemmour, 01-09/12/1513, publiée dans les *SIHM*, I, pp. 459-467.

84. Valentim Fernandes, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénégal*, ed. Pierre de Cenival e Théodore Monod, Paris, Larose, 1938, p. 28.

85. Georgius Braunius et Franciscus Hogenbergius, *Civitates Orbis Terrarum*, Coloniae Agrippinae, Petrum à Brachel, 1572, vol. I, 57v.

86. Jorge Correia, *Implantation de la ville...* cit., p. 294.



Fig. 14 – Vista de Azamor publicada no *Civitates Orbis Terrarum*, de 1572, vol. I, fl. 57v (a partir de Norte). Vue d’Azemmour publiée dans le *Civitates Orbis Terrarum*, de 1572, vol. I, fl. 57v (depuis le nord).

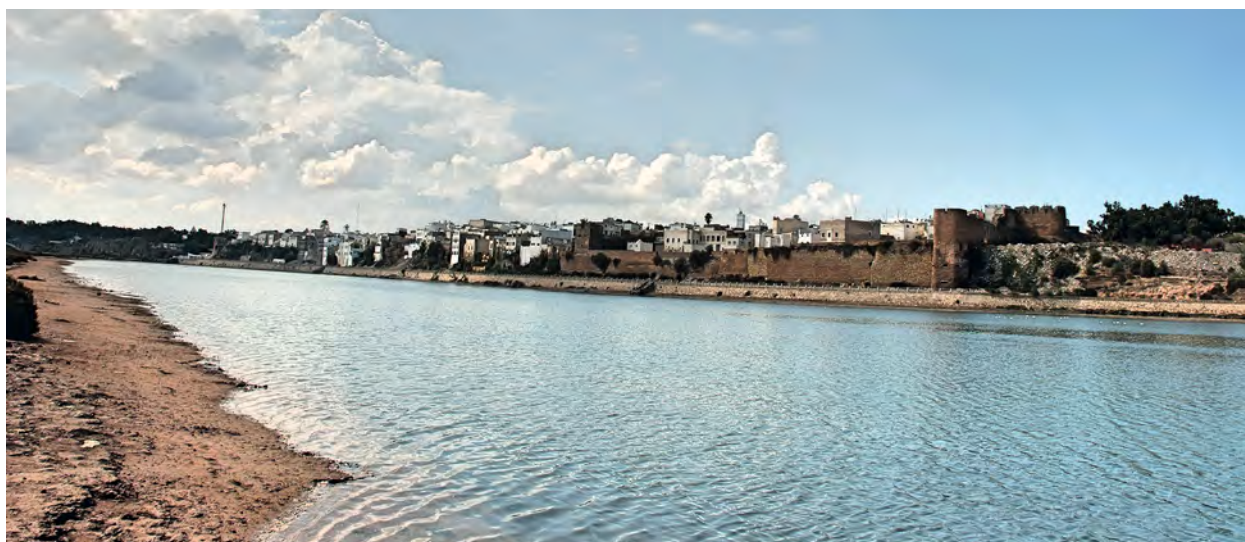


Fig. 15 – Muralhas da medina de Azamor a partir de Norte. Remparts de la médina d’Azemmour depuis le nord.

As primeiras obras começaram logo no ano da conquista, em 1513⁸⁷. As muralhas existentes eram consideradas fracas, visto que a taipa se desfazia em alguns sectores⁸⁸. Os trabalhos centraram-se no actual quarteirão do Kasbah-Mellah, onde se localizava a antiga alcáçova medieval, denominada pelos portugueses de castelo e cuja configuração é impossível precisar (ver fig. 13). A documentação é clara na indicação de que as obras, que duraram até meados de 1514, consistiram essencialmente na reparação e reforço do antigo castelo islâmico com alvenaria de pedra⁸⁹,

87. Ver em André Teixeira, Ana Lopes, Jorge Correia e Azzeddine Karra, «As fortificações portuguesas de Azamor...» cit., pp. 629-636.

88. Cartas de D. João de Meneses e de Francisco e Diogo de Arruda ao rei, de Azamor, 01-09/12/1513 e 31/03/1514, publicadas nas *SIHM*, vol. I, pp. 461 e 526 (página citada).

89. Cartas de Nuno Gato, Vasco de Pina e Francisco e Diogo de Arruda ao rei, de Azamor, 18/12/1513, 30/03/1514 e 31/03/1514, publicadas nas *SIHM*, vol. I, pp. 468, 522-523 e 526-527.

Les premiers travaux ont commencé dès l’année de la conquête, en 1513⁸⁷. Les murailles existantes étaient considérées fragiles, car le pisé se désagrégait dans certains secteurs⁸⁸. Les travaux se sont concentrés sur l’actuel quartier Kasbah-Mellah, où se trouvait l’ancienne kasbah médiévale, nommée par les portugais comme château et dont la configuration est impossible à préciser (voir fig. 13). La documentation indique clairement que les travaux, qui ont duré jusqu’au milieu de 1514, ont essentiellement consisté à réparer et à renforcer l’ancien château islamique avec de la maçonnerie en pierre⁸⁹, une solution critiquée par

87. Voir en André Teixeira, Ana Lopes, Jorge Correia, Azzeddine Karra, «As fortificações portuguesas de Azamor...» cit., pp. 629-636.

88. Lettres de D. João de Meneses et Francisco et Diogo de Arruda au roi, d’Azemmour, 01-09/12/1513 et 31/03/1514, publiées en *SIHM*, vol. I, pp. 461 e 526 (cité).

89. Lettres de Nuno Gato, Vasco de Pina et Francisco et Diogo de Arruda au roi, d’Azemmour, 18/12/1513, 30/03/1514 et 31/03/1514, publiées en *SIHM*, vol. I, pp. 468, 522-523 et 526-527.

uma solução criticada por alguns, defendendo «que é menos trabalho e custo fazer-se de novo que remediar coisas velhas e podres»⁹⁰. Foram também lançadas obras na cerca da medina⁹¹, pelo reforço da muralha com alvenaria de pedra, dando-lhe um perfil semelhante ao do castelo, em trabalhos que, contudo, não foram muito substanciais. Logo após a conquista iniciou-se também a escavação de um fosso em torno do castelo, hoje pouco reconhecível, mas visível em fotografias antigas; o trabalho foi suspenso pela dificuldade da tarefa em zona «de pedra tão endiabrada» e escassez de meios⁹², vindo a concluir-se anos depois⁹³.

Assim, não é crível que o actual perímetro muralhado de Azamor resulte de obra portuguesa: se a documentação é taxativa em afirmar que estes apenas consolidaram as muralhas do castelo preexistentes, no actual bairro do Kasbah-Mellah, não é lógico que tivessem construído de novo a cerca da medina. Além disso, em diversos lanços da fortificação observa-se que as cortinas são compostas por um muro interior em taipa, certamente pertencente à cerca preexistente, a que foi adossado pelos portugueses um paramento em alvenaria de pedra, bem como o pronunciado alambor, como assumido pela documentação da época⁹⁴. A análise métrica da estrutura revela ainda a sua concepção unitária, nomeadamente nos ângulos das inflexões da muralha, evidenciando um programa único, à excepção da zona ribeirinha, modificada pelos portugueses⁹⁵. Em suma, a obra quinhentista nas muralhas de Azamor limitou-se ao reforço estrutural de uma fortificação preexistente, seguramente aquela que foi construída em meados do século XIV sob os merínidas, nomeadamente o califa Abu Inane, conforme a referência acima citada.

O actual perímetro da medina é, pois, composto por um paramento interno em taipa, erguido por certo naquela época, com uma extensão de cerca de 1500m e abrangendo uma área de 10ha. Há vestígios claros

certain qui considérait [« qu'il y a moins de travail et de coûts à faire de nouveau que de réparer des choses vieilles et pourries »]⁹⁰. Des travaux ont également commencé sur le rempart de la médina⁹¹, en renforçant la muraille avec de la maçonnerie en pierre, lui donnant un profil similaire à celui du château, une action pourtant peu substantielle. Peu de temps après la conquête, la fouille d'un fossé autour du château a commencé, actuellement à peine reconnaissable, mais visible sur des photographies anciennes ; les travaux ont été suspendus en raison de la difficulté de la tâche dans une zone [« d'une pierre si diabolique »] et de manque de moyens⁹², s'achevant des années plus tard⁹³.

Ainsi, il n'est pas crédible que le périmètre fortifié actuel d'Azemmour résulte des travaux portugais : si la documentation est catégorique en affirmant que les portugais n'ont consolidé que le mur du château préexistant, dans l'actuelle quartier du Kasbah-Mellah, il n'est pas logique qu'ils aient bâti de nouveau le rempart de la médina. En outre, dans plusieurs sections de la fortification on observe que les courtines sont composées d'un mur intérieur en pisé, appartenant certainement à la muraille préexistante, à laquelle les portugais ont adossé un mur de maçonnerie en pierre, en plus d'un talus accentué, comme témoignent les documents de l'époque⁹⁴. L'analyse métrique de la structure révèle également sa conception unitaire, notamment dans les angles des courtines, démontrant un programme unique, à l'exception de la zone riveraine, modifiée par les portugais⁹⁵. En somme les travaux du XVI^e siècle sur les murailles d'Azemmour se sont limités aux renforcements structurels sur une fortification déjà existante, vraisemblablement celle qui a été bâtie au milieu du XIV^e siècle sous les mérinides, notamment le calife Abu Inan, selon la référence citée ci-dessus.

L'actuelle périmètre de la médina est donc composé d'un mur intérieur en pisé, certainement érigé pendant cette époque, ayant une extension d'environ 1500m et couvrant une surface de 10ha. Il y a des traces

90. Carta de Nuno Gato ao rei, de Azamor, 31/03/1514, publicada nas *SIHM*, vol. I, p. 532.

91. Carta de Francisco e Diogo de Arruda ao rei, de Azamor, 31/03/1514, publicada nas *SIHM*, vol. I, pp. 527-528.

92. Cartas de Nuno Gato, de Francisco e Diogo de Arruda e, novamente, de Nuno Gato ao rei, de Azamor, 05/12/1513 a primeira, e 31/03/1514 as duas últimas, publicada nas *SIHM*, vol. I, pp. 455, 527 e 531.

93. A carta de Vicente Rodrigues Evangelho ao rei, de Azamor, 10/04/1530, publicada nas *SIHM*, vol. II, p. 511, prova a existência de um fosso sob a casa dos capitães.

94. Numa carta ao rei, de Azamor, 18/04/1520, publicada nas *SIHM*, vol. II, p. 274, D. Álvaro de Noronha informava que «o muro deste castelo e por não ser reparado a lugares, porque me, Senhor, parece que foi, Senhor, aquafelado a lugares que ficava uma obra debaixo (...), caiu um pedaço».

95. Ana Lopes, (A)cerca de Azamor... cit., pp. 148-149.

90. Lettre de Nuno Gato au roi, d'Azemmour, 31/03/1514, publiée en *SIHM*, vol. I, p. 532.

91. Lettre de Francisco et Diogo de Arruda au roi, d'Azemmour, 31/03/1514, publiée en *SIHM*, vol. I, pp. 527-528.

92. Lettres de Nuno Gato, de Francisco et Diogo de Arruda et, encore, de Nuno Gato au roi, d'Azemmour, 05/12/1513 la première et 31/03/1514 les deux dernières, publiées en *SIHM*, vol. I, pp. 455, 527 et 531.

93. La lettre de Vicente Rodrigues Evangelho au roi, d'Azemmour, 10/04/1530, publiée en *SIHM*, vol. II, p. 511, témoigne l'existence d'un fossé sous la capitainerie.

94. Dans une lettre au roi, d'Azemmour, 18/04/1520, publiées en *SIHM*, vol. II, p. 274, D. Álvaro de Noronha informait que [« une partie de la muraille de ce château est tombé, car elle n'a pas été restaurée entièrement ; il semble qu'elle a été recouverte en laissant une construction au-dessous »].

95. Ana Lopes, (A)cerca de Azamor... cit., pp. 148-149.

desta estrutura nas cortinas Norte e Sul, sobrepostas por alvenaria de pedra de época portuguesa, como mencionado (figs. 16 e 17). A composição da taipa é distinta da que fora utilizada nas fortificações anteriores ao sul da medina, detendo muito menor percentagem de cal e maior quantidade de terra, apresentando uma coloração castanha e uma constituição menos sólida. A dimensão dos caixotões rondará os 80cm, embora esta medida deva ser tomada com precaução, já que o acesso aos panos de muralha foi limitado.

Segundo a vista de Azamor de inícios do século XVI, o perímetro era pontuado por múltiplas torres quadrangulares, figurando-se cinco na cortina Norte, além das duas de canto, e quatro na frente ribeirinha Este, às quais se somavam três cubelos sobre a orla fluvial,

évidentes de cette structure dans les courtines nord et sud des remparts, recouverts de maçonnerie en pierre portugaise, comme mentionné (figs. 16 et 17). La composition du pisé est différente de celle utilisée dans les fortifications précédentes au sud de la médina, ayant un pourcentage beaucoup plus faible de chaux et une plus grande quantité de terre, présentant une couleur brune et une constitution moins solide. La taille des banquettes sera d'environ 80cm, bien que cette mesure soit à prendre avec précaution, car l'accès aux murs a été limité.

Selon l'image d'Azemmour du début du XVI^e siècle, le périmètre était ponctué de plusieurs tours quadrangulaires, dont cinq sur la courtine nord, en plus des deux d'angle, et cinq autres sur le front de la rivière à l'Est, en plus des trois cubes ronds sur le bord de la rivière, deux d'entre eux placés au bout de deux



Fig. 16 – Troço Norte da muralha da medina, com superfície externa e alambor em alvenaria de pedra e núcleo em taipa. Section nord du rempart de la médina, avec la surface externe et le talus en maçonnerie de pierre et le noyau en pisé.



Fig. 17 – Troço Sul da muralha da medina, com superfície externa e alambor em alvenaria de pedra e núcleo em taipa. Section sud du rempart de la médina, avec la surface externe et le talus en maçonnerie de pierre et le noyau en pisé.

dois deles colocados no termo de dois espigões⁹⁶. Esta imagem, que pode ser uma idealização, levaria a que os tramos entre torres da cortina Norte fossem de cerca de 25m, ao passo que na Este seriam de 100m. A diferença justificar-se-ia pelo facto da frente ribeirinha ser menos susceptível a ataque por parte de inimigos, o que se enquadra no contexto histórico acima mencionado, de uma cidade cada vez mais aberta ao comércio externo, mas que tinha que fazer face a perturbações que marcavam o território circunvizinho. Uma nota ainda para a representação das torres naquela imagem, algumas elevando-se em dois pisos, como a do canto mais próximo da foz do rio, outras constituindo as portas ribeirinhas da cidade, com imponentes arcos em ferradura.

A par das obras na muralha do castelo, está documentada a construção de quatro baluartes nos primeiros

pointes. Cette image, qui peut être une idéalisation, signifierait que les sections entre les tours de la courtine nord étaient d'environ 25m, alors qu'à l'est elles seraient de 100m⁹⁶. La différence serait justifiée par le fait que le côté riverain était moins susceptible d'être attaqué par des ennemis, ce qui s'inscrit dans le contexte historique évoqué plus haut, d'une ville de plus en plus ouverte au commerce extérieur, mais qui a dû faire face aux perturbations existantes dans le territoire environnant. A noter également dans la représentation des tours dans cette image, certaines s'élevant sur deux étages, comme celle la plus proche de l'embouchure de la rivière, d'autres constituant les portes fluviales de la ville, avec d'imposantes arches outrepassées.

Outre les travaux signalés sur la muraille du château, des mentions à la construction de quatre bastions

96. Na imagem publicada por Georgius Braunius e Franciscus Hogenbergius, *Civitates Orbis Terrarum...* cit., vol. I, 57v.

96. Dans l'image publiée par Georgius Braunius et Franciscus Hogenbergius, *Civitates Orbis Terrarum...* cit., vol. I, 57v.

anos da presença portuguesa em Azamor. Dois deles são destacados na documentação da época, os de São Cristóvão e do Raio, por serem considerados os elementos mais robustos do sistema defensivo⁹⁷. Os baluartes estão preservados, não havendo dúvidas quanto à classificação da estrutura Noroeste da muralha como o baluarte do Raio, já que dispomos da sua minuciosa descrição⁹⁸. A designação actual, bastião de *Sidi Ouadoud*, remontará à época moderna e parece justificar-se pelo facto de, a partir dele, se avistar o santuário de *Sidi Ouadoud*, localizado perto da desembocadura do rio Morbeia⁹⁹. A estrutura foi interpretada como das «realizações de maior qualidade que nos legou a época de D. Manuel», o rei que ordenou a sua construção. É considerada uma das formas mais evoluídas da denominada arquitectura militar de transição em contexto português, pelo seu grau de adaptação aos novos desafios bélicos da artilharia¹⁰⁰. No entanto, as escavações arqueológicas que efectuámos aqui revelaram uma utilização extensiva das construções preexistentes, assim como a ocupação deste espaço desde períodos mais recuados da Idade Média.

As escavações arqueológicas no baluarte do Raio fornecem-nos assim dados acerca da configuração de uma destas torres pré-portuguesas (fig. 18). Antes do início dos trabalhos distinguem-se claramente duas partes deste baluarte: por um lado, uma secção quadrangular a Sul, com paramentos evidenciando uma diversidade de momentos construtivos e um solo entulhado com sedimentos e detritos muito recentes, de onde afloravam dois muros em taipa orientados sensivelmente de Norte para Sul (fig. 19); por outro, uma plataforma de extremidade arredondada a Norte, com um solo composto por silhares a cota muito superior à parte anterior, onde jaziam quatro peças de artilharia (fig. 20). Embora consolidado e renovado no exterior, o baluarte estava em ruínas na parte interior, sendo que no início do século XX já aqui estavam aqueles canhões sem uso, excepto um que marcava a aurora e a quebra do jejum no mês do Ramadão¹⁰¹, o que ainda assim mostra um espaço de alguma forma utilizado.

A escavação incidiu quase exclusivamente na referida parte Sul do interior do baluarte e implicou a remo-

sont faites dans les premières années de la présence portugaise à Azemmour. Deux de ces bastions sont mis en évidence dans la documentation de l'époque, ceux de *São Cristóvão* et du *Raio*, considérés comme les éléments les plus robustes du système défensif⁹⁷. Les bastions sont aujourd'hui préservés et il n'y a aucun doute quant à la classification de la structure nord-ouest du rempart comme le bastion du *Raio*, puisque nous avons sa description détaillée⁹⁸. La désignation actuelle, bastion de Sidi Ouadoud, remonte à l'époque moderne et semble se justifier par le fait que, de là, on aperçoit le sanctuaire de Sidi Ouadoud, situé près de l'embouchure de l'oued Oum er-Rbia⁹⁹. La structure a été considérée comme faisant partie des «réalisations de meilleure qualité que nous a légué l'époque de D. Manuel», le roi portugais qui a ordonné sa construction. Elle est considérée comme une des formes les plus évoluées de l'architecture militaire de transition dans le contexte portugais, en raison de son degré d'adaptation aux nouveaux défis militaires de l'artillerie¹⁰⁰. Cependant, les fouilles archéologiques que nous avons effectuées ici ont révélé une utilisation extensive des constructions préexistantes, ainsi qu'une occupation de cet espace depuis des temps plus reculés du Moyen Âge.

Les fouilles archéologiques au bastion du *Raio* nous fournissent ainsi des données sur la configuration de l'une de ces tours pré-portugaises (fig. 18). Avant le début des travaux, deux parties de ce bastion étaient clairement distinguées : d'une part, une section quadrangulaire au sud, avec des murs présentant une diversité d'éléments de différentes périodes de construction et un sol rempli de sédiments et de débris très récents, dont deux des murs en pisé s'élevaient, orientés plus ou moins nord-sud (fig. 19); d'autre part, une plateforme avec une pointe arrondie au nord, avec un sol composé de pierres de taille à un niveau beaucoup plus élevé que la partie précédente, où reposaient quatre pièces d'artillerie (fig. 20). Bien que consolidé et rénové à l'extérieur, le bastion était en ruines à l'intérieur. Au début du XX^e siècle, ces canons hors d'usage étaient déjà là, à l'exception d'un qui tonnait encore pour annoncer l'aurore et la rupture du jeûne pendant le mois du Ramadan¹⁰¹, ce qui montre que l'espace avait encore une certaine utilisation.

La fouille s'est concentrée presque exclusivement sur la partie sud de l'intérieur du bastion et a impli-

97. Carta de Rui Barreto ao rei, de Azamor, 21/02/1514, publicadas nas *SIHM*, vol. I, pp. 496-497.

98. Carta de Nuno Gato ao rei, de Azamor, 31/03/1514, publicada nas *SIHM*, vol. I, p. 531.

99. *Villes et Tribus...*cit., vol. XI, tome II, p. 3.

100. Rafael Moreira, «A época manuelina», in Rafael Moreira (dir.), *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*, Lisboa, Publicações Alfa, 1989, pp. 130-131.

101. *Villes et Tribus...*cit., vol. XI, tome II, p. 3.

97. Lettre de Rui Barreto au roi, d'Azemmour, 21/02/1514, publiée dans les *SIHM*, vol. I, pp. 496-497.

98. Lettre de Nuno Gato au roi, d'Azemmour, 31/03/1514, publiée dans les *SIHM*, vol. I, p. 531.

99. *Villes et Tribus...*cit., vol. XI, tome II, p. 3.

100. Rafael Moreira, «A época manuelina», in Rafael Moreira (dir.), *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*, Lisbonne, Publicações Alfa, 1989, pp. 130-131.

101. *Villes et Tribus...*cit., vol. XI, tome II, p. 3.



Fig. 18 – Exterior do baluarte do Raio. Extérieur du bastion du Raio ou de Sidi Ouadoud.



Fig. 19 – Interior sul do baluarte do Raio no início dos trabalhos. Intérieur sud du bastion du Raio au début des travaux.



Fig. 20 – Interior norte do baluarte do Raio no início dos trabalhos. Intérieur nord du bastion du Raio au début des travaux.

ção de uma espessa camada de sedimentos contendo materiais contemporâneos. A área de trabalho foi dividida em quatro sectores, correspondentes ao canto Sudoeste (BR1), canto Noroeste (BR2N) e parte central Oeste (BR2) e Este/Sudeste (BR3) do recinto, tendo em conta que toda a parte nascente e Nordeste desta secção do baluarte não foi intervencionada (fig. 21).

qué l'enlèvement d'une épaisse couche de sédiments contenant des matériaux contemporains. La zone de travail a été divisée en quatre secteurs, correspondant à l'angle sud-ouest (BR1), à l'angle nord-ouest (BR2N) et à la partie centrale ouest (BR2) et centrale est/sud-est (BR3) de l'espace, en tenant compte du fait que les parties est et nord-est du bastion n'ont pas été objets de notre intervention archéologique (fig. 21).



Fig. 21 – Sondagens arqueológicas no interior sul do baluarte do Raio. Sondages archéologiques dans l'intérieur sud du bastion du Raio.

O momento mais antigo foi detectado na base da sondagem BR2N, onde foram detectados dois muros paralelos em taipa, não necessariamente pertencentes a construções militares, mas cuja funcionalidade é impossível determinar atendendo à reduzida área sondada, associados a muito poucos materiais de época almóada (fig. 22).

Sobre estes níveis foram erguidas as paredes da torre, construídas em taipa e fazendo uso de tijolo para arcos de sustentação e abóbadas, num esquema técnico e formal muito similar ao das construções merínidas a que se aludiu e às que adiante se descrevem. Naquela sondagem BR2N esta época está representada por um pilar em tijolo que sustentaria a abóbada, reforçado em algum momento através de um espessamento com tijolos efectuado algo tosca-mente, assente num dos muros mais antigos para maior solidez (fig. 22.1). Na sondagem BR1 detec- tou-se a provável base da torre, assente em grandes

Le moment le plus ancien a été identifié dans la base du sondage BR2N, où deux murs parallèles en pisé ont été détectés, n'appartenant pas forcément à des constructions militaires; sa fonctionnalité est impossible à déterminer, compte tenu de la faible superficie étudiée. Ils sont associés à très peu de matériaux de la période almohade (fig. 22).

Sur ces niveaux, les murs de la tour ont été édifiés. Ils sont construits en pisé, en utilisant de la brique pour soutenir les arcs et les voûtes, dans un schéma technique et formel très similaire à celui des bâtiments mérinides mentionnés et ceux décrits ci-dessous. Dans ce sondage BR2N, cette période est représentée par un pilier en brique, qui soutiendrait la voûte; il a été renforcé à un moment donné par un épaississement avec des briques, fait un peu grossièrement, basé sur l'un des murs les plus anciens pour avoir plus grande solidité (fig. 22.1). Dans le sondage BR1, la base probable de la tour a été détectée, avec de gros



Fig. 22 – Nível inferior da sondagem BR2N no baluarte do Raio, vendo-se muro em taipa sobreposto por pilar de tijolo (22.1) e por sedimento (22.2). Niveau inférieur du sondage BR2N au bastion du Raio, s'observant le mur en pisé superposé par le pilier en brique (22.1) et par le sédiment (22.2).

blocos de pedra disformes, a partir dos quais se elevaram os arcos de sustentação em tijolo (fig. 23); a escassez de materiais não permite atribuir cronologia de forma conclusiva, mas é segura uma datação pré-portuguesa. No paramento Oeste e no canto Sudoeste é possível observar as paredes em taipa, bem como os arcos fundacionais em tijolo e o arranque de abóbada de canhão no mesmo material (fig. 24). Na parede Sul vislumbra-se, num plano afastado, outro arco de tijolo fundacional da torre, a que se adossou um arco em ferradura para arranque de uma abóbada hemisférica, que constituiria o centro desta torre (fig. 25). Parece-nos, pois, poder avançar-se que estamos face a uma torre que terá tido alguma notoriedade, dado o cuidado de alguns apontamentos arquitectónicos, a exemplo de outra torre de canto figurada na gravura de inícios do século XVI, aquela que estava mais próxima da foz do rio, já citada.

Seguiu-se o período de apropriação portuguesa deste espaço. Em termos estruturais regista-se a perfuração das paredes em taipa ao nível térreo para criação de bombardeiras, em localizações desfasadas dos elementos arquitectónicos preexistentes, como o mencionado arco em ferradura (fig. 25). Além disso, revestiram-se as paredes com reboco (na parede Sul) ou tijolo (na parede Este) (fig. 24). As referidas abóbadas foram destruídas, adossando-se um grosso pilar à parede Sul, erguido numa amálgama pouco cuidada de tijolos, silhares e argamassa, para sustentação de

blocs de pierre déformés, à partir dos quais les arcs de soutien en brique ont été fondés (fig. 23). La rareté des matériaux ne permet pas une attribution chronologique définitive, mais la datation pré-portugaise est sûre. Dans le mur ouest et dans l'angle sud-ouest, il est possible d'observer les murs en pisé, ainsi que les arcs de fondation en brique et le départ de la voûte cylindrique dans le même matériau (fig. 24). Dans le mur sud, à un plan éloigné, on peut voir un autre arc de fondation de la tour, auquel un arc outrepassé a été ajouté pour supporter une voûte sphérique, qui constituerait le centre de cette tour (fig. 25). Il nous semble donc pouvoir avancer que nous sommes face à une tour qui aura eu une certaine notoriété, compte tenu de ses particularités architecturales. C'est peut-être le même cas d'une autre tour d'angle figurée dans la gravure du début du XVI^e siècle, celle plus proche de l'embouchure du fleuve, déjà citée.

Vient ensuite la période d'appropriation portugaise de cet espace. En termes structurels, les murs en pisé ont été troués au niveau du sol pour créer des canonnières, dans des emplacements désuets des éléments architecturaux préexistants, comme l'arc outrepassé susmentionné (fig. 25). En plus, les murs ont été recouverts de plâtre (sur le mur sud) ou de brique (sur le mur est) (fig. 24). Les voûtes susmentionnées ont été détruites, s'ajoutant un pilier épais au mur sud, construit dans un amalgame mal entretenu de briques, de pierres taillées et de mortier, pour



Fig. 23 – Provável base da torre na sondagem BR1 do baluarte do Raio. Base probable de la tour au sondage BR1 du bastion du Raio.



Fig. 24 – Muros em taipa, arco de fundação em tijolo e arranque da abóbada de canhão em tijolo da torre, no paramento Oeste e canto Sudoeste do baluarte do Raio. Murs en pisé, arcs de fondation en brique et départ de la voûte cylindrique en brique de la tour, dans le mur ouest et dans l'angle sud-ouest du bastion du Raio.



Fig. 25 – Arco de fundação (plano afastado) e arco ultrapassado de sustentação da abóbada (plano próximo) da torre, no paramento Sul do baluarte do Raio. Arc de fondation (plan éloigné) et arc outrepassé de soutien de la voûte (plan proche) de la tour, dans le mur sud du bastion du Raio.

um piso superior (fig. 26); este tem uma orientação ligeiramente desalinhada da parte inferior. A configuração deste é, pois, ainda hoje bastante devedora da época portuguesa, como evidenciado pelos suportes de bandeira ornados com a estética do rei D. Manuel I (fig. 27)¹⁰², o que não exclui que alguma compartimentação interna seja posterior (fig. 28). Ao nível do solo, os portugueses terão estabelecido uma escada e rampa de acesso às bombardeiras da parede Oeste

soutenir un étage supérieur (fig. 26); celui-ci a une orientation légèrement désalignée de la partie inférieure. La configuration de celui-ci est donc un héritage de l'époque portugaise, comme en témoignent les supports de drapeaux décorés de l'esthétique du roi D. Manuel I (fig. 27)¹⁰², ce qui n'exclut pas qu'une certaine compartimentation interne soit postérieure (fig. 28). Au niveau du sol, les portugais auront mis en place une échelle et une rampe d'accès aux canon-



Fig. 26 – Pilar encostado ao paramento Sul do baluarte do Raio. Pilier appuyé sur le mur sud du bastion du Raio.

102. Ver Ana Lopes, *(A)cerca de Azamor...* cit., p. 135, André Teixeira, Ana Lopes, Jorge Correia e Azzeddine Karra, «As fortificações portuguesas de Azamor...» cit., pp. 629-630, e o artigo de Jorge Correia e Ana Lopes neste volume.

102. Voir Ana Lopes, *(A)cerca de Azamor...* cit., p. 135, André Teixeira, Ana Lopes, Jorge Correia et Azzeddine Karra, «As fortificações portuguesas de Azamor...» cit., pp. 629-630, et l'article de Jorge Correia et Ana Lopes dans ce livre.



Fig. 27 – Suportes para bandeiras no piso superior do baluarte do Raio. Supports de drapeaux dans l'étage supérieur du bastion du Raio.

(identificada na sondagem BR2), aliás bem articuladas com aquele pilar (fig. 29). Esta estrutura de tijolo, pequenas pedras e argamassa foi relativamente improvisada, assentando em sedimento (como se vê na sondagem BR2N, fig. 22.2). Apenas sobre esta estrutura e à mesma cota na zona central do baluarte (na sondagem BR3), que teria um solo em terra batida (fig. 30), é que foram recolhidos materiais arqueológicos de época portuguesa, misturados com outros mais recentes, interpretando-se como remobilizações de sedimentos que aqui ocorreram nos últimos séculos. Por fim, é indubitavelmente obra portuguesa o prolongamento para Norte de toda esta área quadrangular que foi objecto do nosso trabalho, numa plataforma arredondada que permitia flanquear as cortinas, além da introdução de múltiplos dispositivos de tiro de artilharia (figs. 18 e 20); esta não mereceu senão uma limpeza da nossa parte, confirmando-se apenas que o coroamento é por certo obra posterior aos portugueses (fig. 31).

Outros elementos estruturais posteriores ao século XVI são os dois muros em taipa existentes no centro do recinto, fabricos com grande percentagem de cal e, por isso, muito resistentes (fig. 29). Assentam em terra, numa base de coluna ou em pedras de mó reaproveitadas. Têm uma orientação distorcida da base



Fig. 28 – Paramento Oeste do baluarte do Raio, com detalhe dos vestígios de compartimentação interna do piso superior. Mur ouest du bastion du Raio, avec le détail des vestiges de compartimentation interne de l'étage supérieur.

nières du mur ouest (identifié dans le sondage BR2), bien reliées à ce pilier (fig. 29). Cette structure de brique, de petites pierres et de mortier a été relativement improvisée, déposée sur des sédiments (comme le montre la coupe du sondage BR2N, fig. 22.2). Uniquement sur cette structure et au même niveau de la zone centrale du bastion (dans le sondage BR3), qui aurait un sol en terre (fig. 30), des matériaux archéologiques de l'époque portugaise ont été collectés, mélangés à d'autres plus récents. On les interprète comme originaires de remobilisations de sédiments qui se sont produites ici au cours des derniers siècles. Enfin, c'est sans doute une œuvre portugaise le prolongement vers le nord de toute cette zone carrée qui a fait l'objet de nos travaux ; elle a donné lieu à une plate-forme arrondie qui permettait de flanquer les remparts, en plus de la mise en place de multiples dispositifs de tir d'artillerie (fig. 18 et 20). Cela ne méritait rien d'autre de notre part qu'un nettoyage, confirmant seulement que le l'achèvement est certainement plus récent que l'époque portugaise (fig. 31). D'autres éléments structurels postérieurs au XVI^e siècle sont les deux murs en pisé battu au centre de la tour, fabriqués avec un pourcentage élevé de chaux et, par conséquent, très résistants (fig. 29). Ils reposent sur terre, sur une base de colonne ou sur des meules réutilisées. Ils ont une orientation différente de celle

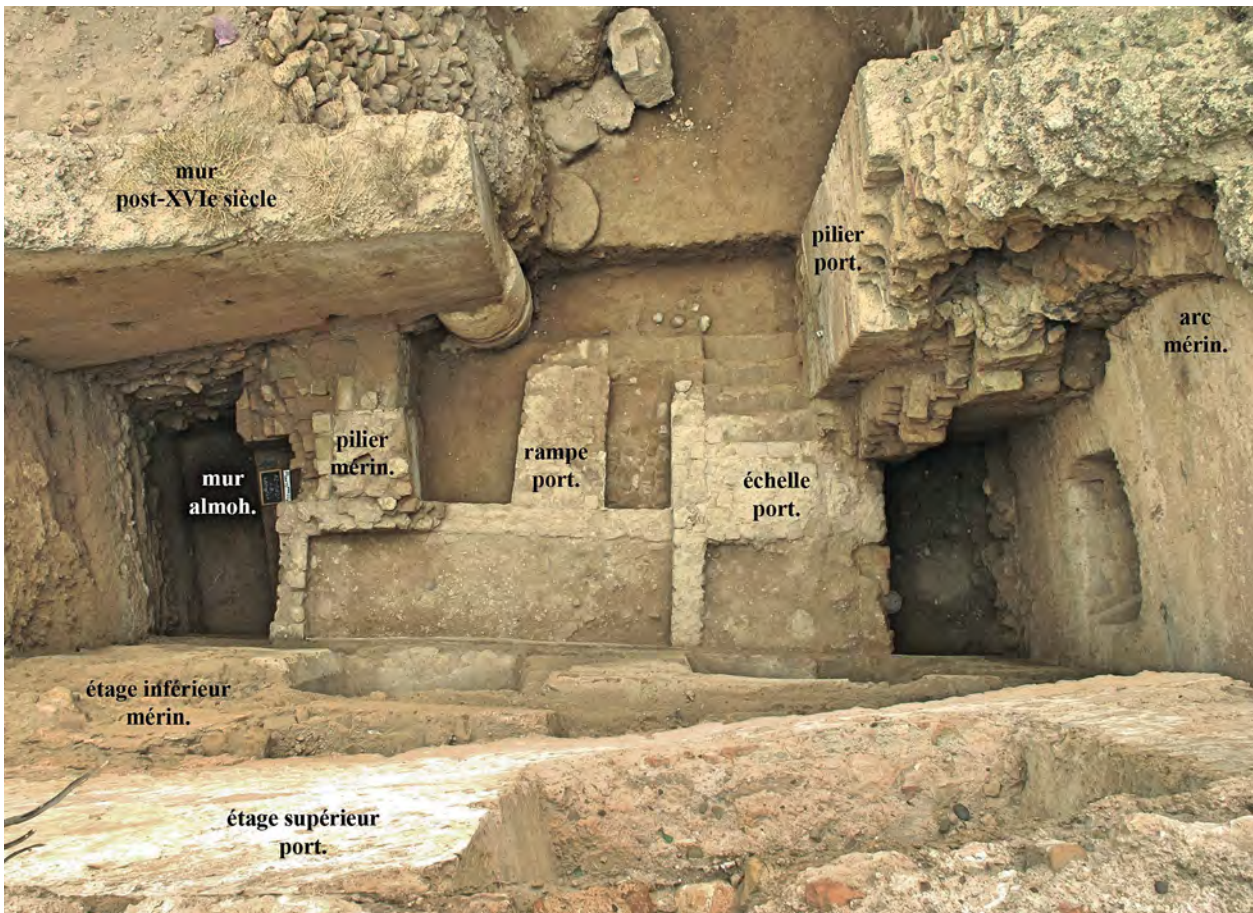


Fig. 29 – Escada e rampa de acesso às bombardeiras do paramento Oeste do baluarte do Raio (identificadas na sondagem BR2). Échelle et rampe d'accès aux canonniers du mur ouest du bastion du Raio (identifiées dans le sondage BR2).



Fig. 30 – Solo em terra batida de época portuguesa do baluarte do Raio (identificado na sondagem BR3). Sol de terre battue de l'époque portugaise du bastion du Raio (identifiées dans le sondage BR3).



Fig. 31 – Coroamento da parte arredondada Norte do baluarte do Raio, vendo-se canhoneira posterior à construção portuguesa. Achèvement de la plate-forme arrondie nord du bastion du Raio, s'observant une embrasure postérieure à la construction portugaise.

da torre, mas também do referido pilar de suporte do piso superior. Deverá, contudo, ter constituído uma remodelação ou reforço deste último.

Em suma, a intervenção arqueológica permitiu constatar que a estrutura primordial da parte quadrangular do baluarte do Raio remonta ao período medieval, nomeadamente à muralha da medina que anteriormente descrevemos e sobre a qual nos alongaremos

de la base de la torre, mais aussi du pilier de support de l'étage supérieur. Cependant, il devrait s'agir d'un remodelage ou d'un renforcement de ce dernier.

En résumé, l'intervention archéologique a permis de constater que la structure primordiale de la partie quadrangulaire du bastion du Raio remonte à la période médiévale ; elle a fait partie du rempart de la médina que nous avons décrit précédemment

um pouco mais de seguida. A semelhança técnica e formal com este perímetro defensivo, a existência de elementos estranhos à tradição construtiva portuguesa, a posterior colocação de elementos seguramente portugueses de forma desfasada face à restante estrutura e a existência de espólio arqueológico de clara cronologia medieval fazem-nos concluir que as obras portuguesas reaproveitaram muito extensivamente a estrutura preexistente, alongada, sobrelevada e perfurada para adaptação ao uso de artilharia. A torre merínida quadrangular, correspondente à área que intervencionámos no baluarte do Raio, teria pois cerca de 10m de lado, dimensões que deveriam ser superiores às das demais que existiam na cortina merínida. Noutros dois casos em que ocorreu reaproveitamento de torres quadrangulares prévias para transformação em baluartes calculam-se dimensões originais de 7,3 e 8,25m, respectivamente nos baluartes do Rio e de Nordeste (fig. 13)¹⁰³. As transformações operadas pelos portugueses impedem, porém, aferir de forma mais cabal a configuração destas torres quadrangulares preexistentes. Nos demais casos, tudo leva a crer que os portugueses terão arrasado boa parte destas estruturas. Além de terem reaproveitado as referidas três para as transformar em baluartes alongados e de extremidade arredondada, talvez o tenham feito também para o baluarte de São Cristóvão, de forma redonda e implantado junto à casa dos capitães (fig. 32). Terão ainda conservado outras duas torres quadrangulares nos dois ângulos mais avançados da cortina virada a terra, a Oeste (fig. 13); contudo, o seu actual aspecto deve-se a época posterior ao abandono português (fig. 33), pelo que não podem ser usadas para determinar a configuração da fortificação merínida¹⁰⁴. Parece evidente que, dada a concentração do poder de fogo nos baluartes por parte dos portugueses, boa parte das pequenas torres preexistentes foram consideradas um empecilho ao bom uso da artilharia, levando à sua demolição¹⁰⁵. A concepção do dispositivo defensivo merínida de Azamor que descrevemos tem paralelo noutras fortificações coevas, como *al-Mansura* ou *al-Afrag*, em Ceuta, erguida em 1328-1329 por ordem do sultão Abu Saïd e terminada sob Abu Hassan nos anos seguintes. Embora as torres que se conservam deste perímetro sejam menores, com 6,55m de lado, observa-se o mesmo tipo de muralha ritmada por torres quadrangulares ocas, sobrelevadas face à cor-

103. Ana Lopes, (*A*) *cerca de Azamor...* cit., pp. 127-141 e 155-159.

104. Recentes escavações arqueológicas em Azamor, coordenadas por Aboukacem Chebri, evidenciaram estruturas mais antigas no interior destas torres. Agradeço esta informação à Abdallah Fili.

105. Rafael Moreira, «A época manuelina»... cit., pp. 126-132.

et sur lequel nous allons nous pencher ci-dessous. La similitude technique et formelle avec ce périmètre défensif, l'existence d'éléments étrangers à la tradition constructive portugaise, le placement ultérieur d'éléments certainement portugais en décalage avec le reste de la structure et l'existence de matériaux archéologiques de claire chronologie médiévale nous font conclure que les œuvres portugaises ont largement réutilisé la structure préexistante, qui a été allongée, surélevée et trouée pour s'adapter à l'utilisation de l'artillerie.

La tour quadrangulaire mérinide, correspondant à la zone où nous sommes intervenus au bastion du *Raio*, aurait donc environ 10m de côté, des dimensions qui devraient être plus élevées que celles des autres tours qui existaient dans le rempart mérinide. Dans deux autres cas de réutilisation d'anciennes tours carrées pour leur transformation en bastions, les dimensions d'origine de 7,3 et 8,25m ont été calculées, respectivement dans les bastions du *Rio* et du nord-est (fig. 13). Cependant, les transformations effectuées par les portugais empêchent une évaluation plus approfondie de la configuration de ces tours préexistantes¹⁰³. Dans tous les autres cas, tout porte à croire que les portugais auront détruit une bonne partie de ces structures. En plus d'avoir réutilisé ces trois tours pour les transformer en bastions allongés à extrémité arrondie, ils l'ont peut-être aussi fait pour le bastion de São Cristóvão, de forme ronde et implanté à côté de la capitainerie (fig. 32). Ils auront également conservé deux autres tours carrées dans les deux angles les plus avancés de la courtine face à la terre, à l'ouest (fig. 13). Cependant, son aspect actuel est dû à la période qui a suivi l'abandon portugais (fig. 33; elles ne peuvent donc pas être utilisées pour déterminer la configuration de la fortification mérinide¹⁰⁴. Il semble évident que, compte tenu de la concentration de la puissance de feu dans les bastions par les portugais, la plupart des petites tours préexistantes ont été considérées comme un obstacle au bon usage de l'artillerie, conduisant à leur démolition¹⁰⁵.

On peut faire le parallèle entre la conception du dispositif défensif mérinide qui vient d'être décrit et d'autres fortifications contemporaines, comme *al-Mansura* ou *al-Afrag*, à Ceuta, érigée en 1328-1329 par ordre du sultan Abou Saïd et terminée sous Abou Hassan dans les années suivantes. Bien que les tours qui sont conservées de ce périmètre soient plus petites, avec 6,55m de côté, le même type de muraille est observé, rythmé par des tours carrées creuses, surélevées sur

103. Ana Lopes, (*A*) *cerca de Azamor...* cit., pp. 127-141 et 155-159.

104. De fouilles récentes à Azemmour, coordonnées par Aboukacem Chebri, ont montré des structures plus anciennes à l'intérieur de ces tours. Je remercie cette information à Abdallah Fili.

105. Rafael Moreira, «A época manuelina»... cit., pp. 126-132.



Fig. 32– Casa dos capitães e baluarte de São Cristóvão vistos do exterior. Capitainerie et bastion de São Cristóvão vus de l'extérieur.



Fig. 33 – Torre quadrangular na cortina Oeste no quarteirão do Kasbah-Mellah. Tour carrée dans la courtine ouest du quartier Kasbah-Mellah.

tina, ali a espaços de 20m entre cada uma, idênticos ao cálculo para a cortina Norte de Azamor. Como em Ceuta, também em Azamor se observa a ausência de dispositivos poliorcéticos de reforço comuns nesta época, como torres albarrãs, barbacãs ou fossos, apenas se notando a existência de dois espigões culminados em torres redondas nas duas extremidades da frente marítima, dispositivo idêntico ao do sistema defensivo medieval da cidade do Estreito¹⁰⁶. De resto, também no que toca às técnicas construtivas se verificam similitudes, sendo construções quase exclusivamente levantadas em taipa, com caixotões de 70-85cm de altura, fazendo uso limitado da cal e sem aparente sapata de fundação em pedra, ou seja, com [«uma pobreza material e construtiva evidente»]¹⁰⁷. Se esta circunstância é clara para Ceuta, grande metrópole do Estreito, é-o ainda mais para Azamor. Preservam-se ainda em Azamor mais duas estruturas pertencentes muito provavelmente ao perímetro defensivo merínida. Ambas se localizam no quarteirão do Kasbah-Mellah, a meia distância nos panos de muralha em que se inserem (fig. 13, ver portas): a Oeste, entre uma das torres quadrangulares subsistentes e o baluarte do Raio; a Norte, entre os baluartes do Raio e o existente a Nordeste.

A primeira constitui-se como um torreão rectangular adossado pelo interior ao pano de muralha Oeste, revestido por alvenaria de pedra no exterior, seguramente a obra de época portuguesa acima referida. Era, pois, composto por três muros que encostam a um troço de 9,78m da cortina: um a Norte, com 4,34m de comprimento, outro a Este, com 9m de comprimento, e outro a Sul, com dimensão idêntica ao primeiro, estando cimentado no exterior. Em conjunto formava-se, pois, um recinto com cerca de 39m² de área. Os muros têm uma espessura de cerca de 0,8m e foram inteiramente erguidos em taipa, muito idêntica à que serviu para construir a cortina, verificando-se os orifícios das travessas de madeira que suportavam os taipais, bem como as marcas de separação entre as suas fiadas, com uma altura de 70cm (fig. 34). Vêem-se em altura sete destas fiadas, sendo a última culminada por uma abóbada de canhão inteiramente erguida em tijolo, demarcada do corpo inferior por

la courtine, à des espaces de 20m entre chacune, identiques au calcul pour la courtine nord d’Azemmour. Comme à Ceuta, également à Azemmour on observe l’absence de dispositifs poliorcétiques de renforcement habituels à cette époque, tels que les tours *albarranas*, les barbacanes ou les fossés; on ne remarque que l’existence de deux pointes culminant en tours rondes aux deux extrémités du front de mer, un dispositif identique à celui du système défensif médiéval de la ville du détroit¹⁰⁶. En outre, les similitudes en ce qui concerne les techniques de construction sont claires, avec des constructions presque exclusivement élevées en pisé, avec des banques de 70 à 85cm de hauteur, une utilisation limitée de la chaux et sans fondation apparente en pierre, c’est à dire, d’une [«faiblesse matérielle et constructive évidente»]¹⁰⁷. Si cette circonstance est claire pour Ceuta, la grande métropole du détroit, elle l’est encore plus pour Azemmour.

Deux autres structures qui appartiennent très probablement au périmètre défensif mérinide sont conservées à Azemmour. Toutes deux sont situées dans le quartier Kasbah-Mellah, à mi-chemin des courtines dans lequel elles sont insérées (fig. 13, voir portes): à l’ouest, entre l’une des tours quadrangulaires restantes et le bastion du *Raio*; au nord, entre le bastion du *Raio* et celui existant au nord-est.

La première est une tourelle rectangulaire accolée par l’intérieur au rempart ouest; celui-ci est recouvert de maçonnerie en pierre à l’extérieur, certainement l’œuvre de la période portugaise mentionnée ci-dessus. Elle était donc composée de trois murs qui s’appuyaient contre une section de 9,78m de la courtine: un au nord, avec 4,34m de long, un autre à l’est, de 9m de long, et un autre au sud, de même dimension que le premier, étant cimenté à l’extérieur. Ensemble, donc, ces murs composent une enceinte avec une surface d’environ 39m². Les murs ont une épaisseur d’environ 0,8m et ont été entièrement érigés en pisé, très identique à celui utilisé pour construire la muraille; les trous des traverses en bois qui soutenaient les banques, ainsi que les marques de séparation entre les rangées, d’une hauteur de 70cm, sont observables (fig. 34). Sept de ces rangées sont visibles en hauteur, la dernière aboutissant à une voûte cylindrique entièrement érigée en brique, délimitée latéra-

106. José Manuel Hita Ruiz e Fernando Villada Paredes, «A propósito de las puertas y corachas islámicas y lusitanas del frente occidental de las fortificaciones del istmo de Ceuta», in *Congreso Internacional Ceuta, 1415: Los orígenes de la expansión europea*, Ceuta, Instituto de Estudios Ceutíes, tomo I, pp. 59-103.

107. Pedro Gurriarán Daza, «Las murallas de al-Manşūra: análisis constructivo», in Fernando Villada Paredes e Pedro Gurriarán Daza (ed.), *al-Manşūra. La ciudad olvidada*, Ceuta, Ciudad Autónoma de Ceuta, 2013, pp. 45-51 (citação da última página traduzida do espanhol).

106. José Manuel Hita Ruiz et Fernando Villada Paredes, «A propósito de las puertas y corachas islámicas y lusitanas del frente occidental de las fortificaciones del istmo de Ceuta», in *Congreso Internacional Ceuta, 1415: Los orígenes de la expansión europea*, Ceuta, Instituto de Estudios Ceutíes, tomo I, pp. 59-103.

107. Pedro Gurriarán Daza, «Las murallas de al-Manşūra: análisis constructivo», in Fernando Villada Paredes et Pedro Gurriarán Daza (ed.), *al-Manşūra. La ciudad olvidada*, Ceuta, Ciudad Autónoma de Ceuta, 2013, pp. 45-51 (citation de la dernière page traduite de l’espagnole).

uma linha de tijolos dispostos lateralmente em cutelo (fig. 35). A construção tem evidentes afinidades com o baluarte do Raio. Todo o espaço era, assim, coberto, estando hoje parte da abóbada colapsada. Sobre esta existia um terraço ao nível do adarve (fig. 36). No exterior subsistem ainda vestígios de reboco de argamassa de cal (fig. 37), observando-se diversos orifícios abertos em época moderna ou contemporânea a vários níveis. O espaço é hoje um anexo de uma habitação, acedendo-se a ele através de um destes pequenos orifícios ao nível do primeiro piso. De referir que, conservando-se 7,9m de altura máxima, o nível actual do solo encontra-se vários metros acima daquele que seria o da base da muralha, pelo que é evidente que a estrutura agora revelada está muito soterrada.

A segunda estrutura desenvolve-se a partir da muralha Norte e parece ter uma configuração idêntica à anterior, embora de maiores dimensões. Restam apenas os arranques de dois muros a partir de um troço da face interna da cortina com 12,68m de comprimento: a Oeste com 2m, a Este com 2,85, estando os seus topos ao nível do adarve (fig. 38). Pelos vestígios deste último muro parece que seriam mais espessos que os da estrutura acima, embora não tenha sido possível medi-los com rigor. Entre os dois muros e junto à cortina observa-se o arranque de uma abóbada semelhante à descrita (fig. 39), que fecharia um espaço idêntico, com terraço ao nível do adarve. A estrutura parece ter usado os mesmos materiais e técnicas construtivas. Hoje está inteiramente integrada numa habitação encostada a este pano de muralha. Destaca-se, porém, uma particularidade importante, não observada no caso anterior: pela derrocada do alambor no exterior desta mesma área da muralha, foi possível observar os restos de um arco em tijolo (fig. 40), que claramente permitia a comunicação entre o espaço extramuros e este torreão antes das obras portuguesas de inícios do século XVI.

A nosso ver, estas duas estruturas correspondem a duas portas da antiga cerca merínida. Tinham uma localização equidistante face às torres que protegiam os panos de muralha Este e Norte ou as suas inflexões (fig. 13). Os acessos foram certamente entaipados pelos portugueses, cobrindo o exterior pelo capeamento da muralha de taipa com alvenaria de pedra e pelo levantamento de pronunciados alambores, no âmbito das obras atrás referidas. Restringiam-se assim os acessos ao sector Norte da cidade, local de implantação do castelo e onde se veio a estabelecer o principal núcleo de povoamento português na cidade. Não foram, porém, destruídas as estruturas internas destas portas, certamente reaproveitadas para outro fim, como o de local para armazenamento de armas,

lement de la partie inférieure de ce bâtiment par une ligne de briques disposées latéralement (fig. 35). Il a des affinités constructives évidentes avec le bastion du Raio. Toute la structure était ainsi couverte, étant une partie de la voûte aujourd'hui effondrée. Il y avait une terrasse au niveau du chemin de ronde (fig. 36). A l'extérieur, il y a encore des traces de mortier d'enduit à base de chaux (fig. 37). On observe plusieurs trous ouverts à l'époque moderne ou contemporaine à différents niveaux. Aujourd'hui, l'espace a été intégré comme annexe d'une habitation, accessible par l'un de ces petits trous au niveau du premier étage. Il est à noter que, en maintenant une hauteur maximale de 7,9m, le niveau actuel du sol est de plusieurs mètres au-dessus de celui de la base de la structure ; il est évident que la tourelle ici révélée est très enterrée. La deuxième structure se développe à partir de la courtine nord et semble avoir une configuration identique à la précédente, bien qu'avec des dimensions plus importantes. Il n'est conservé que les départs de deux murs à partir d'une section de la face intérieure de la muraille de 12,68m de long : à l'ouest avec 2m, à l'est avec 2,85m, ses sommets se situant au niveau du chemin de ronde (fig. 38). D'après les vestiges de ce dernier mur, il semble qu'ils devaient être plus épais que ceux de la structure au-dessus, bien qu'il n'ait pas été possible de les mesurer avec précision. Entre les deux murs et à côté de la muraille, on aperçoit une voûte similaire à celle décrite (fig. 39), qui fermerait un espace identique, avec une terrasse au niveau du chemin de ronde. La structure semble avoir utilisé les mêmes matériaux et techniques de construction. Aujourd'hui, elle est entièrement intégrée dans une habitation adossée à cette partie de la muraille. Cependant, une caractéristique importante est à noter, non observée dans le cas précédent : par l'effondrement du talus à l'extérieur dans cette même zone, il a été possible d'observer les restes d'un arc en brique (fig. 40), qui clairement a permis la communication entre l'espace extra-muros et cette tourelle avant les travaux portugais du début du XVI^e siècle.

À notre avis, ces deux structures correspondent à deux portes de l'ancien rempart mérinide. Elles avaient un emplacement équidistant entre les tours qui protégeaient les courtines est et nord ou leurs inflexions (fig. 13). Les accès ont certainement été bouchés par les portugais, obstrués à l'extérieur en couvrant le mur en pisé avec de la maçonnerie en pierre et en soulevant des talus prononcés, dans le cadre des travaux précités. Ainsi, l'accès au secteur nord de la ville était restreint, ce qui peut se justifier par le fait qu'ici se trouvait le château et l'endroit où le principal noyau de la colonie portugaise dans la ville a été établi. Cependant, les structures internes de ces portes n'ont pas été détruites et ont été certainement réutilisées à une



Fig. 34 – Paramento interno Sul da estrutura adossada pelo interior à muralha Oeste no quarteirão Kasbah-Mellah. Surface interne sud de la structure accolée par l'intérieur au rempart ouest dans le quartier Kasbah-Mellah.



Fig. 36 – Terraço ao nível do caminho de ronda da estrutura adossada pelo interior à muralha Oeste no quarteirão Kasbah-Mellah. Terrasse au niveau du chemin de ronde de la structure accolée par l'intérieur au rempart ouest dans le quartier Kasbah-Mellah.



Fig. 35 – Abóbada e paramento interno Norte da estrutura adossada pelo interior à muralha Oeste no quarteirão Kasbah-Mellah. Voûte et surface interne nord de la structure accolée par l'intérieur au rempart ouest dans le quartier Kasbah-Mellah.



Fig. 37 – Paramento externo Este da estrutura adossada pelo interior à muralha Oeste no quarteirão Kasbah-Mellah. Surface externe est de la structure accolée par l'intérieur au rempart ouest dans le quartier Kasbah-Mellah.



Fig. 38 – Paramento interno da estrutura adossada pelo interior à muralha Norte no quarteirão Kasbah-Mellah. Surface interne de la structure accolée par l'intérieur au rempart nord dans le quartier Kasbah-Mellah.



Fig. 40 – Paramento externo da estrutura adossada pelo interior à muralha Norte no quarteirão Kasbah-Mellah, observando-se parte de um arco. Surface externe de la structure accolée par l'intérieur au rempart nord dans le quartier Kasbah-Mellah, s'observant une partie d'un arc.



Fig. 39 – Abóbada e paramento interno Este da estrutura adossada pelo interior à muralha Norte no quarteirão Kasbah-Mellah. Voûte et surface interne est de la structure accolée par l'intérieur au rempart nord dans le quartier Kasbah-Mellah.

já que constituíam construções de alguma solidez¹⁰⁸. A configuração destas antigas portas merínidas de Azamor obrigava, pois, os transeuntes a fazer um ângulo recto para entrar na cidade, num sistema típico de porta em cotovelo simples. Seguiam protótipos comuns nesta época, como o citado exemplo de al-Mansura ou al-Afrag, em Ceuta. Escavações arqueológicas na parte interior da Porta de Fez, a principal desta fortificação, revelaram uma estrutura idêntica à de Azamor, com um recinto interno destinado a assegurar aquele trajecto em ângulo recto, coberto por abóbada em tijolo. O exemplo de Ceuta, onde se conserva o arco da porta com o esplendor de outras realizações urbanas merínidas, tem dimensões maiores (6,7x10,75m) que os de Azamor, já que aqui elas seriam portas secundárias. Note-se que, tal como

108. Ana Lopes, (A)cerca de Azamor... cit., pp. 142-143 e 157-158. Em 1932 a estrutura abobadada deste tipo no lado Oeste era chamada de *khazîn dar el-baroud*, ou seja, a paiol, segundo *Villes et Tribus...* cit., vol. XI, tome II, p. 3.

autre fin, comme un lieu de stockage des armes, car il s'agissait de constructions d'une certaine solidité¹⁰⁸. La configuration de ces anciennes portes mérinides d'Azemmour obligeait les passants à faire un angle droit pour entrer dans la ville, dans un système typique de porte coudée simple. Elles ont suivi des prototypes courants à cette époque, comme l'exemple précité d'al-Mansura ou al-Afrag, à Ceuta. Les fouilles archéologiques à l'intérieur de la porte de Fès, la principale de cette fortification, ont révélé une structure identique à celle d'Azemmour, avec une enceinte interne conçue pour assurer ce chemin à angle droit, recouverte d'une voûte en brique. L'exemple de Ceuta, où l'arche de la porte est préservée avec la splendeur d'autres réalisations urbaines mérinides, a des dimensions plus grandes (6,7x10,75m) que celles d'Azemmour, puisqu'ici il s'agirait de portes secondaires.

108. Ana Lopes, (A)cerca de Azamor... cit., pp. 142-143 et 157-158. En 1932 la structure voûtée de ce type dans le côté ouest était appelée de *khazîn dar el-baroud*, c'est-à-dire, la poudrière, selon *Villes et Tribus...* cit., vol. XI, tome II, p. 3.

na *Bab Fas* da cidade do Estreito¹⁰⁹, só nesta parte da fortificação merínida de Azamor intervêm outros materiais que não a taipa, nomeadamente os tijolos para fabrico de abóbadas e arcos, realidade visível nestas portas, mas também na torre que deu origem ao baluarte do Raio. Outros paralelos coevos podem ser apontados, nomeadamente as da cidade-necrópole de Chella, em Rabat, erguida em 1339: o acesso nas duas portas principais faz-se em cotovelo simples, de forma muito idêntica a de Azamor no caso da *Bab Ayn Aganna*, a segunda em termos de importância em todo o recinto¹¹⁰.

4. Uma área subterrânea de armazenamento alimentar

Embora não tenha sido objecto dos nossos estudos, é evidente a importância dos silos (*matamoras*) detectados na zona a Sul da medina actual, já há muito referenciados pela bibliografia¹¹¹, mas que continuam sem o devido levantamento e conservação.

Estes vestígios distribuem-se ao longo da estrada de acesso à ponte que atravessa o rio Morbeia, numa extensão de cerca de 150m (fig. 13). As estruturas foram criadas através de escavação no substrato geológico calcário e o seu interior foi revestido por uma espessa camada de reboco de impermeabilização, certamente destinada a garantir uma boa estanquidade e isolamento dos alimentos armazenados. Os silos mais completos apresentam uma abertura bastante estrangulada, um corpo alongado e uma base aplanada, denominando-se por vezes como tendo forma troncocónica ou de ampola (fig. 41). Esta forma é a mais comum em todo o mundo e também no ocidente islâmico medieval, nomeadamente para o armazenamento de cereais¹¹². A sua função em

A noter que, comme à la *Bab Fas* dans la ville du détroit¹⁰⁹, ce n'est que dans cette partie de la fortification mérinide d'Azemmour qu'interviennent d'autres matériaux que le pisé, à savoir des briques pour la fabrication de voûtes et d'arcs, réalité visible dans ces portes, mais aussi dans la tour qui est à l'origine du bastion du Raio. D'autres parallèles contemporains peuvent être relevés, à savoir ceux de la nécropole de Chella, à Rabat, construite en 1339 : l'accès aux deux portes principales se fait par de simples coudes, de manière très identique à celle d'Azemmour dans le cas de *Bab Ayn Aganna*, le deuxième en termes d'importance dans toute l'enceinte¹¹⁰.

4. Une zone de stockage alimentaire souterraine

Bien que cela n'ait pas fait l'objet de nos études, il est évident que l'importance des silos (*matmura*) détectés dans la zone au sud de l'actuelle médina, qui sont déjà référencés dans la bibliographie depuis longtemps¹¹¹, mais qui continuent sans étude et conservation digne. Ces vestiges se distribuent le long de la route d'accès au pont qui traverse l'oued Oum er-Rbia, sur une extension d'environ 150m (fig. 13). Les structures ont été créées par creusement dans le substrat géologique calcaire et leur intérieur a été couvert d'un épais enduit d'imperméabilisation, certainement afin de garantir une bonne étanchéité pour isoler les aliments stockés. Les silos les plus complets présentent une ouverture assez étranglée, un corps allongé et une base aplanie, étant quelque fois dénommés comme en forme tronconique ou d'ampoule (fig. 41). Cette configuration est la plus courante dans tout le monde et aussi dans l'occident islamique médiéval, particulièrement pour l'emmagasinage des céréales¹¹². Leur fonction à Azemmour serait, précisément, le stockage

109. Pedro Gurriarán Daza, «Las murallas de al-Manşūra...» cit., p. 49, e Fernando Villada Paredes e José Suárez Padilla, «Investigación arqueológica en el Afrag de Ceuta», in Fernando Villada Paredes e Pedro Gurriarán Daza (ed.), *al-Manşūra. La ciudad olvidada...* cit., pp. 75-80.

110. Patrice Cressier, «Les portes urbaines post-almohades du Maroc (XIII^e-XIX^e siècles)», in Thomas G. Schattner e Fernando Valdés Fernández (ed.), *Stadttype: Bautyp und Kunstform / Puertas de ciudades: tipo arquitectónico y forma artística*, Mainz, Deutsches Archäologisches Institut, Diputación Provincial de Toledo e Real Fundación de Toledo, 2006, pp. 464-465.

111. Denise Valéro, *Petite Histoire des Ruines Portugaises au Maroc*, Casablanca, Presses des Imp. de France, 1952, pp. 51-52.

112. Josep Miret i Mestre, *Sistemes tradicionals de conservació dels aliments en fosses i sitges: un enfocament multidisciplinar*, 2009, pp. 54, 68 et 70-71 (documento não publicado disponível em https://www.academia.edu/820033/Sistemes_tradicionals_de_conservaci%C3%B3_dels_aliments_en_fosses_i_sitges_Un_enfocament_multidisciplinar_Traditional_systems_for_preserving_food_in_pits_and_in_silos_A_multidisciplinary_approach). Mohamed Meouak, «Graneros y silos en las fuentes árabes del occidente islámico medieval», in *Anaquel de Estudios Árabes*, n.º 12, 2001, p. 446.

109. Pedro Gurriarán Daza, «Las murallas de al-Manşūra...» cit., p. 49, et Fernando Villada Paredes e José Suárez Padilla, «Investigación arqueológica en el Afrag de Ceuta», in Fernando Villada Paredes e Pedro Gurriarán Daza (ed.), *al-Manşūra. La ciudad olvidada...* cit., pp. 75-80.

110. Patrice Cressier, «Les portes urbaines post-almohades du Maroc (XIII^e-XIX^e siècles)», in Thomas G. Schattner e Fernando Valdés Fernández (ed.), *Stadttype: Bautyp und Kunstform / Puertas de ciudades: tipo arquitectónico y forma artística*, Mainz, Deutsches Archäologisches Institut, Diputación Provincial de Toledo e Real Fundación de Toledo, 2006, pp. 464-465.

111. Denise Valéro, *Petite Histoire des Ruines Portugaises au Maroc*, Casablanca, Presses des Imp. de France, 1952, pp. 51-52.

112. Josep Miret i Mestre, *Sistemes tradicionals de conservació dels aliments en fosses i sitges: un enfocament multidisciplinar*, 2009, pp. 54, 68 et 70-71 (document non publié disponible en https://www.academia.edu/820033/Sistemes_tradicionals_de_conservaci%C3%B3_dels_aliments_en_fosses_i_sitges_Un_enfocament_multidisciplinar_Traditional_systems_for_preserving_food_in_pits_and_in_silos_A_multidisciplinary_approach). Mohamed Meouak, «Graneros y silos en las fuentes árabes del occidente islámico medieval», in *Anaquel de Estudios Árabes*, n.º 12, 2001, p. 446.



Fig. 41 – Silo junto à estrada de acesso à ponte sobre o rio Morbeia. Silo à côté de la route d'accès au pont sur l'oued Oum er-Rbia.

Azamor seria, precisamente, o armazenamento da produção agrícola, nomeadamente o trigo produzido em abundância na região, dado que as suas características permitiam assegurar a sua perenidade face aos agentes climáticos e à presença de animais¹¹³. Se a escavação de silos subterrâneos para armazenamento de alimentos é uma realidade desde a pré-história em todo o mundo¹¹⁴, desenvolveu-se grandemente no período medieval em toda a Europa ocidental¹¹⁵. A sua utilização está profusamente documentada no al-Andalus, como também no Norte de

de la production agricole, notamment le blé produit en abondance dans la région, étant donné que leurs caractéristiques permettaient d'assurer leur pérennité face à des conditions climatiques et à la présence d'animaux¹¹³.

Si le creusement de silos souterrains pour l'emmagasinage d'aliments est une réalité depuis la préhistoire partout dans le monde¹¹⁴, il a connu un grand développement pendant la période médiévale dans toute l'Europe occidentale¹¹⁵. Son utilisation est amplement documentée en al-Andalus, ainsi qu'en Afrique

113. As dúvidas levantadas por certos autores sobre a funcionalidade deste tipo de estruturas não parecem poder colocar-se neste caso, precisamente devido às características do solo onde os silos foram abertos e ao tratamento que foi dado às suas superfícies. Ver Antonio Malalana Ureña, Jorge Morín de Pablos e Rafael Barroso Cabrera, «Acerca de la funcionalidad de los denominados "silos-basureros": una propuesta metodológica para el estudio de la agricultura andalusí en época califal y taifa», in *Archeologia Medievale*, vol. XL, 2013, p. 346.

114. Josep Miret i Mestre, *Sistemes tradicionals de conservació...* cit., pp. 9-15 e 19-20. Ver François Sigaut, *Les réserves de grains à long terme. Techniques de conservation et fonctions dans l'histoire*, Lille, Maison des Sciences de l'Homme et Université de Lille III, 1978, pp. 13-43.

115. Ver A. Fernández Ugalde, «El almacenamiento subterráneo y la conquista feudal en la Península Ibérica: aportaciones de la arqueología», in Guy de Boe e Frans Verhaeghe (ed.), *Rural Settlements in Medieval Europe. Papers of the "Medieval Europe Brugge 1997"*, Zellik, I.A.P., 1997, vol. 6, pp. 283-289, e Alfonso Vigil-Escalera Guirado, Giovanna Bianchi e Juan Antonio Quirós (ed.), *Horrea, barns and silos. Storage and incomes in Early Medieval Europe*, Bilbao, Universidad del País Vasco, 2004.

113. Les doutes soulevés par certains auteurs sur la fonctionnalité de ce type de structures ne semblent pas pouvoir se poser dans cette situation, précisément en raison des caractéristiques du sol où les silos ont été ouverts et du traitement qui a été donné à leurs surfaces. Voir Antonio Malalana Ureña, Jorge Morín de Pablos et Rafael Barroso Cabrera, «Acerca de la funcionalidad de los denominados "silos-basureros": una propuesta metodológica para el estudio de la agricultura andalusí en época califal y taifa», in *Archeologia Medievale*, vol. XL, 2013, p. 346.

114. Josep Miret i Mestre, *Sistemes tradicionals de conservació...* cit., pp. 9-15 e 19-20. Voir François Sigaut, *Les réserves de grains à long terme. Techniques de conservation et fonctions dans l'histoire*, Lille, Maison des Sciences de l'Homme et Université de Lille III, 1978, pp. 13-43.

115. Voir A. Fernández Ugalde, «El almacenamiento subterráneo y la conquista feudal en la Península Ibérica: aportaciones de la arqueología», in Guy de Boe et Frans Verhaeghe (éd.), *Rural Settlements in Medieval Europe. Papers of the "Medieval Europe Brugge 1997"*, Zellik, I.A.P., 1997, vol. 6, pp. 283-289, et Alfonso Vigil-Escalera Guirado, Giovanna Bianchi, Juan Antonio Quirós (éd.), *Horrea, barns and silos. Storage and incomes in Early Medieval Europe*, Bilbao, Universidad del País Vasco, 2004.

África, onde era a solução mais utilizada para armazenamento de cereal, tanto nas planícies atlânticas, como no interior do país. A sua vigilância era rigorosamente observada pelos poderes urbanos e a sua existência valorizava os terrenos onde se encontravam. De facto, além dos aspectos relacionados com a conservação dos alimentos, deve sublinhar-se que estas estruturas se justificavam com a necessidade de conferir segurança às reservas alimentares, o que está relacionado com um tipo de organização económica e social na qual os seus possuidores ganhavam riqueza, meios de acção e poder¹¹⁶. A importância deste tipo de estruturas está confirmada ao longo da Idade Moderna, inclusive na região da Duquela¹¹⁷, conservando-se ainda etnograficamente em zonas rurais de Marrocos, como no Rif¹¹⁸.

A datação destas estruturas de Azamor é impossível de determinar no actual estado do nosso conhecimento. A sua criação deverá datar da época de maior esplendor da cidade, nos séculos XII a XIV, quando é referida como porto exportador de produtos do seu entorno rural. Recordemos que, em meados desta última centúria, Ibne Alcatibe glosava a fertilidade e grande produção agrícola da região, registando que [«É um país que guarda os alimentos em silos e deleita os sentidos»]¹¹⁹. Devemos, pois, enquadrar aqui a utilização destas estruturas no quadro de [«sociedades baseadas nas trocas comerciais, predominando o armazenamento de grão a longo prazo (mais de um ano) sem abertura dos silos»], nas quais o [«silo funciona como um acumulador de alimentos»]¹²⁰. A extensão dos vestígios permite mesmo colocar a hipótese desta zona constituir um campo de silos, zona aberta não construída da cidade cheia de fossas deste tipo, destinadas à sua venda em larga escala através do comércio marítimo. Na região da Duquela, o mesmo tipo de vestígios foi detectado na cidade de Safim e nas povoações rurais de Almedina e de Aguz, onde as diferentes tribos da região armazenavam os

du Nord, où il était la solution la plus utilisée pour le stockage des céréales, soit dans les plaines atlantiques, soit à l'intérieur du pays. Leur surveillance était strictement observée par les pouvoirs urbains et leur existence valorisait le terrain où ils se trouvaient. En effet, outre les aspects liés à la conservation des aliments, il faut souligner que ces structures étaient justifiées par la nécessité d'assurer la sécurité des réserves alimentaires, liée à un type d'organisation économique et sociale dans laquelle leurs propriétaires assureraient leur richesse, leurs moyens d'action et leur puissance¹¹⁶. L'importance de ce type de structures est confirmée tout au long de la période moderne, y compris dans la région de Doukkala¹¹⁷. Elles sont encore conservées ethnographiquement dans des zones rurales du Maroc, comme dans le Rif¹¹⁸.

La datation de ces structures d'Azemmour est impossible de déterminer dans l'état actuel de nos connaissances. Leur création devrait dater de la période d'apogée de la ville, du XII^e au XIV^e siècle, lorsqu'elle est qualifiée comme port d'exportation des produits de son environnement rural. Rappelons-nous qu'au milieu de ce dernier siècle, Ibn al-Khatib a loué la fertilité et la grande production agricole de la région, notant que « c'est un pays qui met en silo ses denrées et qui réjouit les sens »¹¹⁹. Il faut donc concevoir l'utilisation de ces structures ici comme appartenant à des « sociétés basées sur l'échange commercial prévaut le stockage du grain à long terme (plus d'un an), sans ouvrir les silos », dans lesquelles le « silo fonctionne comme un accumulateur de denrées »¹²⁰. L'extension des vestiges soulève l'hypothèse que cette zone a été même un champ de silos, zone ouverte non bâtie de la ville, pleine de fosses de ce type, destinées à leur vente à grande échelle par le commerce maritime. Dans la région de Doukkala, le même type de vestiges a été détecté dans la ville de Safi et dans les villages ruraux d'El-Mdina et d'Agouz, où les différentes tribus

116. Bernard Rosenberger, « Réserves de grains et pouvoir dans le Maroc précolonial », in M. Gast, F. Sigaut, C. Beutler (ed.), *Les techniques de conservation des grains à long terme*, tome 3, fasc. 1, Paris, C.N.R.S., 1985, pp. 237-239; Mohamed Meouak, « Graneros y silos... » cit., pp. 445-447.

117. Bernard Rosenberger, « Réserves de grains et pouvoir... » cit., p. 244.

118. Ver Leonor Peña-Chocarro, Jesús Emilio González Urquijo, Juan José Ibáñez e Lydia Zapata, « Técnicas de almacenamiento de alimentos en el mundo rural tradicional: experiencias desde la etnografía », in Alfonso Vigil-Escalera Guirado, Giovanna Bianchi e Juan Antonio Quirós (ed.), *Horrea, barns and silos...* cit., pp. 214-215.

119. Descrição feita na sua obra *Mi'yâr al-ikhtiyâr fi dhikr al-ma'âhid wa al-diyâr*, a partir da tradução para francês de Belkacem Daouadi, « *Kanz al-asrâr wa lawâqih al-afkâr*... » cit., p. 42.

120. Josep Miret i Mestre, *Sistemes tradicionals de conservació...* cit., pp. 63-64 e 175.

116. Bernard Rosenberger, « Réserves de grains et pouvoir dans le Maroc précolonial », in M. Gast, F. Sigaut, C. Beutler (éd.), *Les techniques de conservation des grains à long terme*, tome 3, fasc. 1, Paris, C.N.R.S., 1985, pp. 237-239 ; Mohamed Meouak, « Graneros y silos... » cit., pp. 445-447.

117. Bernard Rosenberger, « Réserves de grains et pouvoir... » cit., p. 244.

118. Voir Leonor Peña-Chocarro, Jesús Emilio González Urquijo, Juan José Ibáñez et Lydia Zapata, « Técnicas de almacenamiento de alimentos en el mundo rural tradicional : experiencias desde la etnografía », in Alfonso Vigil-Escalera Guirado, Giovanna Bianchi, Juan Antonio Quirós (éd.), *Horrea, barns and silos...* cit., pp. 214-215.

119. Description faite dans son ouvrage *Mi'yâr al-ikhtiyâr fi dhikr al-ma'âhid wa al-diyâr*, dans une traduction en français de Belkacem Daouadi, « *Kanz al-asrâr wa lawâqih al-afkâr*... » cit., p. 42.

120. Josep Miret i Mestre, *Sistemes tradicionals de conservació...* cit., pp. 63-64 et 175.

seus víveres, que serviam igualmente para o comércio com a Península Ibérica¹²¹.

Mais difícil ainda é aferir a data de inutilização destes silos de Azamor. Este espaço poderia ter sido abandonado na mesma época de toda a zona a Sul da actual medina, em meados do século XIV, ou seja, pouco depois do registo de Ibne Alcatibe. Lembre-se que, com a construção das actuais muralhas da medina na segunda metade desta centúria, esta área ficou em espaço extramuros, portanto à mercê de ataques inimigos, embora muito próximo do seu limite meridional. No entanto, é também possível que a área tenha continuado a ser utilizada com esta função após esta data, já que existem numerosos casos de campos de silos no exterior, embora próximo, das cercas das medinas medievais islâmicas. Os portugueses procuraram, aliás, controlar as reservas de cereais desta região no início do século XVI, a fim de dominar as suas tribos, inclusive procurando-as persuadir a guardar o seu cereal em Azamor¹²². O assunto só poderia ser cabalmente esclarecido com trabalhos de prospecção e levantamento nesta área.

5. Vestígios de habitat e de uma oficina oleira

Os testemunhos de habitat e de produção oleira na zona a Sul da medina de Azamor foram obtidos através da realização de duas sondagens (S100 e S101), junto ao troço mais bem conservado da muralha almóada em taipa a que nos referimos acima (fig. 42). São vestígios muito limitados, compostos quase exclusivamente por cerâmicas, embora encerrem um grande potencial de investigação no futuro, através da realização de trabalhos arqueológicos de maior fôlego.

Na S100 obtivemos uma sucessão estratigráfica que corresponde basicamente a quatro momentos de ocupação (fig. 43).

O mais antigo, na base da sondagem, inclui quatro estratos delimitados entre si por interfaces compactas, diferenciando-se também pelas cores ligeiramente distintas dos sedimentos, entre o castanho (C6), o castanho-acinzentado (C5), novamente o castanho (C4) e o castanho-acinzentado (C3) (fig. 44). Os quatro estratos são humoso-arenosos medianamente compactos, com grande quantidade de cerâmica medieval, parte dela correspondente a vestígios de produção oleira. Na análise destas cerâmicas

de la région stockaient leurs vivres, également utilisés pour le commerce avec la péninsule Ibérique¹²¹.

Il est encore plus difficile d'évaluer la date de désactivation de ces silos d'Azemmour. Cet espace aurait pu être abandonné en même temps de toute la zone au sud de l'actuelle médina, au milieu du XIV^e siècle, c'est-à-dire peu de temps après le témoignage d'Ibn al-Khatib. Rappelons qu'avec la construction des remparts de l'actuelle médina dans la seconde moitié de ce siècle, cette zone est restée dans un espace extramuros, donc menacée par des attaques ennemies, bien qu'à côté de sa limite au sud. Cependant, il est également possible que la zone ait continué à être utilisée avec cette fonction après cette date, car il existe de nombreux cas de camps de silos à l'extérieur, bien que proches des enceintes des médinas islamiques médiévales. Les portugais ont cherché même à contrôler les réserves céréalières de cette région au début du XVI^e siècle, afin de dominer leurs tribus, notamment en essayant de les persuader de conserver leurs céréales à Azemmour¹²². La question ne peut être pleinement élucidée que par des travaux de prospection et de relevé dans cette zone.

5. Vestiges d'habitat et d'un atelier de potier

Les vestiges d'habitat et de production de poterie dans la zone au sud de la médina d'Azemmour ont été découverts par la fouille de deux sondages archéologiques (S100 et S101), situés à côté de la section la mieux conservée de la muraille almohade en pisé mentionnée ci-dessus. Ce sont des vestiges très limités, composés presque exclusivement de céramiques, bien qu'ils contiennent un grand potentiel de recherche à l'avenir, par la réalisation de travaux archéologiques plus importants.

Dans le S100 nous avons obtenu une succession stratigraphique qui correspond essentiellement à quatre moments d'occupation.

Le plus ancien, dans la base du sondage archéologique, comprend quatre strates, délimités par des interfaces compactes et avec des couleurs de sédiment légèrement distinctes, entre le marron (C6), le marron-gris (C5), à nouveau le marron (C4) et le marron-gris (C3). Les quatre strates correspondent à des sédiments sableux-organiques moyennement compacts, avec une grande quantité de céramiques médiévales, dont une partie sont des vestiges de production de poterie. Dans l'analyse de ces céramiques, nous avons réalisé des collages entre les couches 3-4

121. Bernard Rosenberger, « Réserves de grains et pouvoir... » cit., pp. 241 e 249.

122. Bernard Rosenberger, « Réserves de grains et pouvoir... » cit., pp. 256-257.

121. Bernard Rosenberger, « Réserves de grains et pouvoir... » cit., pp. 241 et 249.

122. Bernard Rosenberger, « Réserves de grains et pouvoir... » cit., pp. 256-257.



Fig. 42 – Sondagem arqueológica 100, junto à cerca em taipa mais antiga. Sondage archéologique 100, à côté de l'enceinte en pisé plus ancienne.

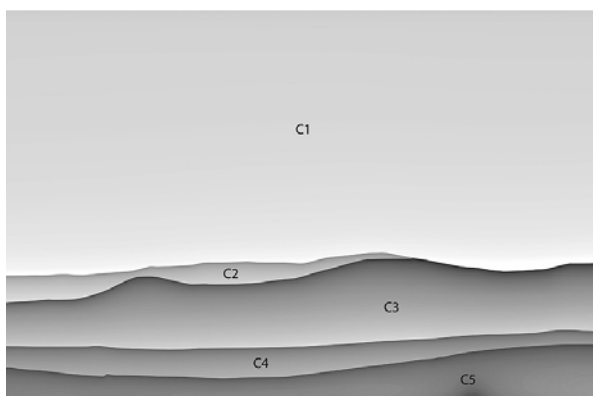


Fig. 43 – Corte estratigráfico Oeste da S100. Coupe stratigraphique ouest du S100.



Fig. 44 – Interfaces estratigráficas das camadas 1A, 3, 4 e 5 da S100. Interfaces stratigraphiques des couches 1A, 3, 4 et 5 du S100.

fizemos colagens entre as camadas 3-4 e 4-5, o que significa que todas fazem parte do mesmo momento de deposição, ou um tempo relativamente próximo. A sua interpretação é de que resultam de despejos de uma olaria que existiria nas redondezas, mas também de detritos de espaços habitacionais vizinhos. Neste particular, cumpre referir dois aspectos: por um lado, que as olarias tradicionais implicam sempre a existência de espaços onde se amontoam desperdícios de produção, muitas vezes sob níveis de compactação de sedimento, além das próprias estruturas de forno e tratamento da argila; por outro, que a coexistência de áreas de fabrico e de habitação dos oleiros vem sendo verificada em vários pontos do ocidente medi-

et 4-5, ce qui signifie qu'elles font toutes parties du même moment de dépôt ou d'une période relativement proche. Leur interprétation est qu'elles résultent des déchets d'un atelier de potiers qui aurait existé dans les environs, mais aussi de débris d'habitat domestique. À cet égard, deux aspects doivent être mentionnés : d'une part, que les ateliers de potiers traditionnels impliquent toujours, en plus des structures du four et du traitement de l'argile, l'existence d'espaces où les déchets de production sont accumulés, souvent sous des niveaux de compactage des sédiments ; d'autre part, que la coexistence des zones de production et d'habitat des potiers a été vérifiée dans plusieurs régions de la Méditerranée occiden-

terrâneo, já que estas unidades tinham então um carácter essencialmente doméstico¹²³.

Um segundo momento de ocupação corresponde a um fino estrato (C2) de sedimento castanho-claro, argiloso-humoso e compacto, com raro material arqueológico. Interpreta-se como nível de anulação da ocupação anterior (em momento imediatamente posterior), regularizando o terreno num possível piso de circulação (fig. 45).

O terceiro momento (C1) corresponde a um estrato muito potente, com 1,5m de altura, de sedimento castanho-claro, humoso e muito solto, com grande quantidade de material arqueológico medieval e muito raras pequenas pedras (fig. 45). Foi o primeiro nível de escavação, mas o material contemporâneo era muito escasso e concentrado somente à superfície. Interpreta-se não como o resultado do colapso de qualquer estrutura, dada a inexistência de materiais de construção, mas como uma operação de aterro de sedimentos que continham restos de ocupações domésticas, seguramente bastante remobilizados. É de sublinhar, contudo, que a semelhança de algumas cerâmicas com as dos estratos mais antigos permite defender que a produção oleira na cidade persistiu, provavelmente nesta mesma área de Azamor, embora num espaço algo afastado do local específico onde realizámos as sondagens arqueológicas.

tale, ces unités de production ayant alors un caractère essentiellement domestique¹²³.

Un deuxième moment d'occupation correspond à une fine strate (C2) de sédiment marron clair, argileux-organique et compact, avec un rare mobilier archéologique. Il est interprété comme un niveau d'annulation de l'occupation précédente (faite juste après), régularisant le terrain pour créer un possible sol de circulation (fig. 45).

Le troisième moment (C1) correspond à une strate très épaisse, haute de 1,5m, de sédiment marron clair organique et très meuble, avec une grande quantité de matériel archéologique médiéval et de très rares petites pierres (fig. 45). C'était le premier niveau de fouille, mais le matériel contemporain était très rare et concentré uniquement en surface. Il n'est pas interprété comme le résultat de l'effondrement d'une structure, compte tenu du manque de matériaux de construction, mais comme une opération de décharge de sédiments qui contenaient des restes d'occupations domestiques, certainement assez remobilisées. Il faut noter, cependant, que la similitude de certaines céramiques avec celles des couches plus anciennes nous permet d'argumenter que la production de poterie dans la ville a persisté, probablement dans ce même quartier d'Azemmour, bien que dans un espace quelque peu éloigné d'où nous avons effectué les sondages archéologiques.



Fig. 45 – Interfaces estratigráficas das camadas 1, 1A e 2 da S100. Interfaces stratigraphiques des couches 1, 1A et 2 du S100.

O derradeiro momento corresponde a um estrato (C1A) concentrado ao longo da muralha a Este desta sondagem, uma vala aberta nas camadas anteriormente referidas até à C5. Composta por sedimento

Le dernier moment correspond à une strate (C1A) concentrée tout au long de la muraille à l'Est de ce sondage, une fosse ouverte dans les couches mentionnées ci-dessus jusqu'à C5. Composée de sédiment

123. Ver María Mercedes Delgado Pérez (ed.), *Más allá de las murallas. Contribución al estudio de las dinámicas urbanas en el sur de al-Andalus*, Madrid, La Ergástula, 2020. No caso de Ceuta, veja-se Fernando Villada Paredes, André Teixeira, Joana Bento Torres, André Bargão, Cristóvão Fonseca e Gonçalo C. Lopes, «Um complexo oleiro na Ceuta merínida: o sítio arqueológico de Llano de la Dama», in *Actas del VI Congreso de Arqueología Medieval (España-Portugal)*, no prelo.

123. Voir María Mercedes Delgado Pérez (éd.), *Más allá de las murallas. Contribución al estudio de las dinámicas urbanas en el sur de al-Andalus*, Madrid, La Ergástula, 2020. Il faut noter le cas de Ceuta, où quelques-uns de nous sommes en train d'étudier le site de Llano de la Dama, en Fernando Villada Paredes, André Teixeira, Joana Bento Torres, André Bargão, Cristóvão Fonseca et Gonçalo C. Lopes, «Um complexo oleiro na Ceuta merínida: o sítio arqueológico de Llano de la Dama», in *Actas del VI Congreso de Arqueología Medieval (España-Portugal)*, sous presse.

castanho claro, humoso e ainda mais solto que o anterior, revelou grande quantidade de material cerâmico, semelhante ao detectado na C1.

Na S101 apenas se escavou o nível superior, correspondente ao terceiro momento de ocupação deste espaço na outra sondagem.

5.1. Os fabricos cerâmicos

Globalmente, verifica-se uma grande homogeneidade dos materiais arqueológicos em todos os estratos, embora na camada 1 se registem um bom número de tipos cerâmicos que não se detectam nas camadas inferiores. Simultaneamente, os vestígios de produção oleira, como os fragmentos de peças cerâmicas falhadas, deformadas, fissuradas e queimadas, os nódulos de argila cozidos, os vestígios de vidro nas fracturas dos fragmentos e as trempes ou separadores anulares (fig. 46), são visíveis essencialmente abaixo da camada 2.

Todas as cerâmicas encontradas foram divididas em dois grandes grupos, o das cerâmicas não vidradas e o das cerâmicas vidradas, subdividindo-se estes em subgrupos segundo as características de fabrico e de tratamento de superfície.

Assim, na cerâmica não vidrada, submetida a apenas uma cozedura, por isso também designada cerâmica em biscoito, foram considerados sete subgrupos de fabrico:

A) pasta bege/amarela ou laranja, com superfícies beges/amarelas, com poucos desengordurantes de pequena dimensão, manipulação a torno, muitas vezes com pintura a vermelho ou negro nas superfícies.

marron clair, organique et encore plus meuble que le précédent, elle a livré une grande quantité de mobilier céramique, similaire à ce qui a été détecté dans la C1. Dans le S101, seul le niveau supérieur a été fouillé, correspondant au troisième moment d'occupation de cet espace dans l'autre sondage.

5.1. Les groupes de fabrication céramiques

En général, il a une grande homogénéité des matériaux archéologiques dans toutes les couches, même s'il y a un bon nombre de types de céramiques dans la couche 1 que l'on ne trouve pas dans les couches inférieures. En même temps, les vestiges de production potière, comme les morceaux des pièces céramiques ratées, déformées, cassées et brûlées, les nodules d'argile cuite, les vestiges de glaçure dans les fractures des tessons et les pernettes ou séparateurs annulaires (fig. 46), sont visibles fondamentalement au-dessus de la couche 2.

Toutes les céramiques trouvées ont été réparties en deux grands groupes, celui des céramiques non-glaçurées et celui des céramiques glaçurées, en les subdivisant en sous-groupes selon les caractéristiques de fabrication et de traitement de surface.

Ainsi, dans la céramique non-glaçurée, soumise seulement à une cuisson et également appelée biscuit, on a considéré sept sous-groupes de fabrication :

A) pâte beige/jaune ou orange, avec les surfaces beiges/jaunes, comportant peu de dégraissants de grain petit ; céramiques tournées, fréquemment avec décoration peinte en rouge ou noir.

B) pâte et surfaces jaunes à oranges claires, comportant moyenne quantité de dégraissants de grain de petite à moyenne dimension ; céramiques tournées,



Fig. 46 – Nódulos de argila cozidos (AZ100-221, AZ100-333), trempes (AZ100-335) e separadores anulares (AZ100-216). Nodules d'argile cuite (AZ100-221, AZ100-333), pernette (AZ100-335) et séparateur annulaire (AZ100-216).

B) pasta e superfícies amarelas a laranjas-claras, com média quantidade de desengordurantes de pequena a média dimensão, manipulação a torno, por vezes com as superfícies engobadas, raramente com pintura a vermelho.

C) pasta e superfícies laranjas a vermelhas, com média quantidade de desengordurantes de pequena a média dimensão, manipulação a torno e, em alguns casos, superfícies engobadas e brunidas.

As peças dos subgrupos A e B têm quase sempre cozeduras oxidantes, ao passo que as do subgrupo C registam ocasionalmente variações redutoras-oxidantes. Nos casos em que não há aplicação de engobe nas superfícies é provável que as diferenças de coloração entre estas e o núcleo se deva a alterações na atmosfera do forno durante as cozeduras, o que também poderá justificar a existência de exemplares com cozeduras mistas¹²⁴.

D) pasta e superfícies laranjas/vermelhas, com muitos desengordurantes de pequena a grande dimensão, manipulação a torno ou torneta, frequentemente com decoração de bandas de linhas incisais horizontais ou onduladas; muitos exemplares apresentam vestígios de contacto com o fogo.

E) pasta cinzenta e superfícies castanhas, com muitos desengordurantes de pequena a grande dimensão, manipulação a torneta, frequentemente com decoração de bandas de linhas incisais horizontais ou onduladas e, mais raramente, estampilhas; alguns exemplares apresentam vestígios de contacto com o fogo.

F) pasta e superfícies castanhas claras, com média quantidade de desengordurantes de pequena a média dimensão, manipulação a torneta, frequentemente com decoração de linhas incisais e estampilhas.

G) pasta laranja e superfície castanha clara, com muitos desengordurantes de pequena a grande dimensão, manipulação a torneta, com bandas de linhas incisais e excisões.

Relativamente aos tipos de cozedura destes quatro subgrupos, se as cerâmicas de F e G foram cozidas essencialmente em ambientes oxidantes e E em ambientes redutores-oxidantes, no caso de D verificam-se cozeduras diversificadas, ora oxidantes ora redutoras-oxidantes.

No grupo das cerâmicas revestidas de vidro plumífero ou estanífero, todas fabricadas a torno, registámos os seguintes subgrupos:

124. Rute Correia Chaves, Augusta Lima, João Coroado, André Teixeira, Márcia Vilarigues, Nuno Leal, Azzeddine Karra e António M. Monge Soares, «Medieval and early modern ceramics from Azemmour (Morocco) – Textural, mineralogical and chemical analysis», *Journal of Archaeological Science: Reports*, n.º 21, 2018, p. 1160.

quelques fois avec les surfaces engobées, rarement avec décoration peinte en rouge.

C) pâte et surfaces oranges à rouges, comportant une quantité moyenne de dégraissants de grain de petite à moyenne dimension; céramiques tournées, parfois avec les surfaces engobées et brunies.

Les céramiques des sous-groupes A et B ont eu presque toujours des cuissons oxydantes, tandis que celles du sous-groupe C ont eu des variations réductrices-oxydantes. Dans les cas où il n'y a pas l'application d'engobe sur les surfaces, il est probable que les différences de couleur entre le noyau et les surfaces soient dues à des changements d'atmosphère du four pendant la cuisson, ce qui peut également justifier l'existence de tessons à cuisson mixtes¹²⁴.

D) pâte et surfaces oranges/rouges, comportant beaucoup de dégraissants de grain de petite à grande dimension; céramiques faites au tour ou à la tournette, fréquemment avec décoration de bandes de lignes incisées horizontales ou ondulées; nombreux tessons présentent des traces de contact avec le feu.

E) pâte grise et surfaces marrons, comportant beaucoup de dégraissants de grain de petite à grande dimension; céramiques faites à la tournette, fréquemment avec décoration de bandes de lignes incisées horizontales ou ondulées et, plus rarement, avec estampilles; quelques tessons présentent des traces de contact avec le feu.

F) pâte et surfaces marrons claires, comportant moyenne quantité de dégraissants de grain de petite à moyenne dimension; céramiques faites à la tournette, fréquemment avec décoration de lignes incisées et estampilles.

G) pâte et surfaces marrons claires, comportant beaucoup de dégraissants de grain de petit à grande dimension; céramiques faites à la tournette, avec décoration de bandes de lignes incisées et excisées.

Concernant les types de cuisson de ces quatre sous-groupes, si les céramiques de F et G ont été cuites essentiellement en milieu oxydant et E en milieu réducteur-oxydant, dans le cas de D on observe différents types de cuissons, parfois oxydantes et parfois réductrices-oxydantes.

Dans l'ensemble de la céramique revêtue avec de la glaçure de plomb ou l'émail d'étain, toutes fabriquées au tour, nous avons considéré les sous-groupes suivants:

H) pâte beige/orange claire à orange, comportant peu de dégraissants de grain de petite dimension, bien que de grands éléments apparaissent parfois. Les surfaces

124. Rute Correia Chaves, Augusta Lima, João Coroado, André Teixeira, Márcia Vilarigues, Nuno Leal, Azzeddine Karra et António M. Monge Soares, «Medieval and early modern ceramics from Azemmour (Morocco) – Textural, mineralogical and chemical analysis», *Journal of Archaeological Science: Reports*, n.º 21, 2018, p. 1160.

H) pasta bege/laranja clara a laranja, com poucos desengordurantes de pequena dimensão, surgindo ocasionalmente elementos de grande dimensão, com as superfícies revestidas de vidro plumbífero verde, por vezes com manchas amarelas (possivelmente por um deficiente controlo do processo de vitrificação)¹²⁵, apresentando por vezes decoração digitada no bordo e estampilhada na superfície interna;

I) pasta laranja, com poucos desengordurantes de grão pequeno, sendo as superfícies vidradas de cores amarelo e laranja, por vezes com decoração pintada a castanho e estampilhada na superfície interna;

J) pasta laranja a vermelha, com frequentes desengordurantes de grão pequeno, tendo as superfícies vidradas de cor laranja a castanho, por vezes esverdeadas;

K) pasta bege a laranja, com poucos desengordurantes de grão pequeno, e superfícies revestidas de vidro estanífero com motivos decorativos pintados a azul cobalto, azul turquesa e reflexo metálico.

L) pasta laranja com poucos desengordurantes de grão pequeno, com as superfícies aparentemente engobada internamente e coberta de vidro plumbífero. Estes subgrupos incluem cerâmicas de produção local e regional, largamente maioritárias, e cerâmicas importadas de outras partes do Norte de África e da Península Ibérica, muito mais circunscritas. A distinção das cerâmicas fez-se por observação macroscópica, ainda que relativamente às primeiras tenham sido realizadas análises químicas¹²⁶. Embora todo o material cerâmico da S100 tenha sido considerado no estudo, não foi realizada qualquer quantificação, sendo os diversos tipos apresentados através da selecção dos exemplares mais significativos, que foram inventariados. No caso da S101 apenas foram consideradas peças pontuais.

Neste texto, os materiais cerâmicos são analisados em dois grupos, em função da estratigrafia: por um lado, as camadas 1 da S100 e da S101; por outro, as camadas 2 a 6 da S100. Isolam-se, assim, os dois principais momentos de ocupação do sítio.

5.2. Cerâmicas da camada 1 (S100 e S101)

Nas camadas 1 das sondagens 100 e 101 verificou-se grande heterogeneidade do conjunto cerâmico, estando presentes todos os subgrupos acima mencionados.

125. Vidrado obtido pela junção dos óxidos de cobre e ferro, segundo Rute Correia Chaves, Augusta Lima, João Coroado, André Teixeira, Márcia Vilarigues, Nuno Leal, Azzeddine Karra e António M. Monge Soares, «Medieval and early modern...» cit., p. 1160.

126. Rute Correia Chaves, Augusta Lima, João Coroado, André Teixeira, Márcia Vilarigues, Nuno Leal, Azzeddine Karra e António M. Monge Soares, «Medieval and early modern...» cit., pp. 1152-1162.

ont été revêtues de la glaçure plombifère verte, parfois avec des taches jaunes, probablement en raison d'un mauvais contrôle du processus de vitrification¹²⁵. Les céramiques présentent parfois une décoration digitée sur le bord et estampée sur la surface interne.

I) pâte orange, comportant peu de dégraissants de grain de petite dimension, avec les surfaces glaçurées de couleurs jaune et orange, quelque fois avec décoration peinte en marron et estampillé dans la surface interne.

J) pâte orange à rouge, comportant de fréquents dégraissants de grain de petite dimension, avec les surfaces glaçurées de couleurs orange à marron, quelques fois verdâtre.

K) pâte beige à orange, avec peu de dégraissants de grain de petite dimension; les surfaces ont été recouvertes de glaçure stannifère, avec des motifs décoratifs peints en bleu cobalt, bleu turquoise et lustre métallique doré.

L) pâte orange comportant peu de dégraissants de grain de petite dimension, avec les surfaces apparemment engobées intérieurement et recouvertes de glaçure de plomb.

Tous ces sous-groupes comprennent, d'une part, des céramiques de production locale et régionale et, d'autre part, des céramiques qui doivent avoir été importées d'autres zones de l'Afrique du Nord et de la péninsule Ibérique, en quantité beaucoup plus réduite. La distinction des céramiques a été faite par observation macroscopique, bien que dans le cas des céramiques produites localement et régionalement, des analyses chimiques ont été effectuées¹²⁶. Bien que tout l'ensemble céramique du S100 ait été pris en compte dans l'étude, aucune quantification n'a été effectuée, les différents types étant présentés à travers la sélection des exemplaires les plus significatifs, qui ont été inventoriés. Dans le cas du S101, seuls des tessons ponctuels ont été pris en compte.

Dans ce texte, les matériaux céramiques sont analysés en deux groupes, en fonction de la stratigraphie : d'une part, les couches 1 du S100 et du S101; d'autre part, les couches 2 à 6 du S100. Ainsi, les deux principaux moments d'occupation du site sont isolés.

5.2. Les céramiques de la couche 1 (S100 et S101)

Dans les couches 1 des sondages 100 et 101, nous avons observé une grande hétérogénéité de l'ensemble céramique, avec la présence de tous les sous-groupes susmentionnés.

125. Glaçure obtenue par assemblage d'oxydes de cuivre et de fer, selon Rute Correia Chaves, Augusta Lima, João Coroado, André Teixeira, Márcia Vilarigues, Nuno Leal, Azzeddine Karra et António M. Monge Soares, «Medieval and early modern...» cit., p. 1160.

126. Rute Correia Chaves, Augusta Lima, João Coroado, André Teixeira, Márcia Vilarigues, Nuno Leal, Azzeddine Karra et António M. Monge Soares, «Medieval and early modern...» cit., pp. 1152-1162.



Fig. 47—Cântaros/Crouches: AZ100-129 (Ø9 cm), AZ100-153 (Ø8 cm), AZ100-154 (Ø12 cm), AZ100-168 (Ø12 cm), AZ100-205 (Ø9 cm), AZ100-187 (Ø6 cm).

O subgrupo A integra sobretudo formas para conservação, armazenamento e transporte de produtos, como os cântaros (fig. 47) e as jarras; estas são por vezes pintadas com uma banda concêntrica no bordo, a vermelho ou negro (fig. 48). Surgem também tigelas hemisféricas e cónicas e pratos para consumo de alimentos à mesa, além de pequenas bacias. Menos frequentes são as candeias, ou os coadores, possivelmente associando-se a cuscuzeiras (fig. 49), com similitudes às produções de Rirha, datadas *grosso modo* do século XIV e com paralelos formais noutras localizações norte-africanas, como Banasa, Chefchaouen ou Ceuta durante o período merínida¹²⁷.

No subgrupo B as peças são de maiores dimensões e mais robustas, o que justifica a introdução de mais

Le sous-groupe A comprend surtout des formes pour la conservation, l'emmagasinage et le transport de produits, tels que les cruches (fig. 47) et les jattes; celles-ci sont parfois peintes avec une bande concentrique sur le bord, en rouge ou noir (fig. 48). On reconnaît aussi la vaisselle de table, comme les coupes hémisphériques et tronconiques et les plats, en plus des petites bassines. Moins fréquentes sont les lampes à huile pour allumer, ou les passoires éventuellement associées à des couscoussières (fig. 49), celles-ci présentant une similitude avec les productions de Rirha, datées *grosso modo* du XIV^e siècle et avec une comparaison formelle avec d'autres sites nord-africains, comme Banasa, Chefchaouen ou Ceuta pendant la période mérinide¹²⁷.

127. Jaume Coll Conesa, Laurent Callegarin, Jacques Thiriot, Abdallah Fili, Mohamed Kbiri Alaoui e Abdelfattah Ichkhakh, «Première approche de l'implantation islamique à Rirha (Sidi Slimane)», *Bulletin d'Archéologie Marocaine*, XXII, 2012, p. 338; Jacques Thiriot, Jaume Coll Conesa e Thierry Julien, «La céramique médiévale: production et échanges», in Laurent Callegarin, Mohamed Kbiri Alaoui, Abdelfattah Ichkhakh e Jean-Claude Roux (eds.), *Rirha: site antique et médiéval du Maroc*, IV, Madrid, Casa de Velázquez, 2016, p. 115.

127. Jaume Coll Conesa, Laurent Callegarin, Jacques Thiriot, Abdallah Fili, Mohamed Kbiri Alaoui et Abdelfattah Ichkhakh, «Première approche de l'implantation islamique à Rirha (Sidi Slimane)», *Bulletin d'Archéologie Marocaine*, XXII, 2012, p. 338; Jacques Thiriot, Jaume Coll Conesa et Thierry Julien, «La céramique médiévale: production et échanges», in Laurent Callegarin, Mohamed Kbiri Alaoui, Abdelfattah Ichkhakh et Jean-Claude Roux (éd.), *Rirha: site antique et médiéval du Maroc*, IV, Madrid, Casa de Velázquez, 2016, p. 115.

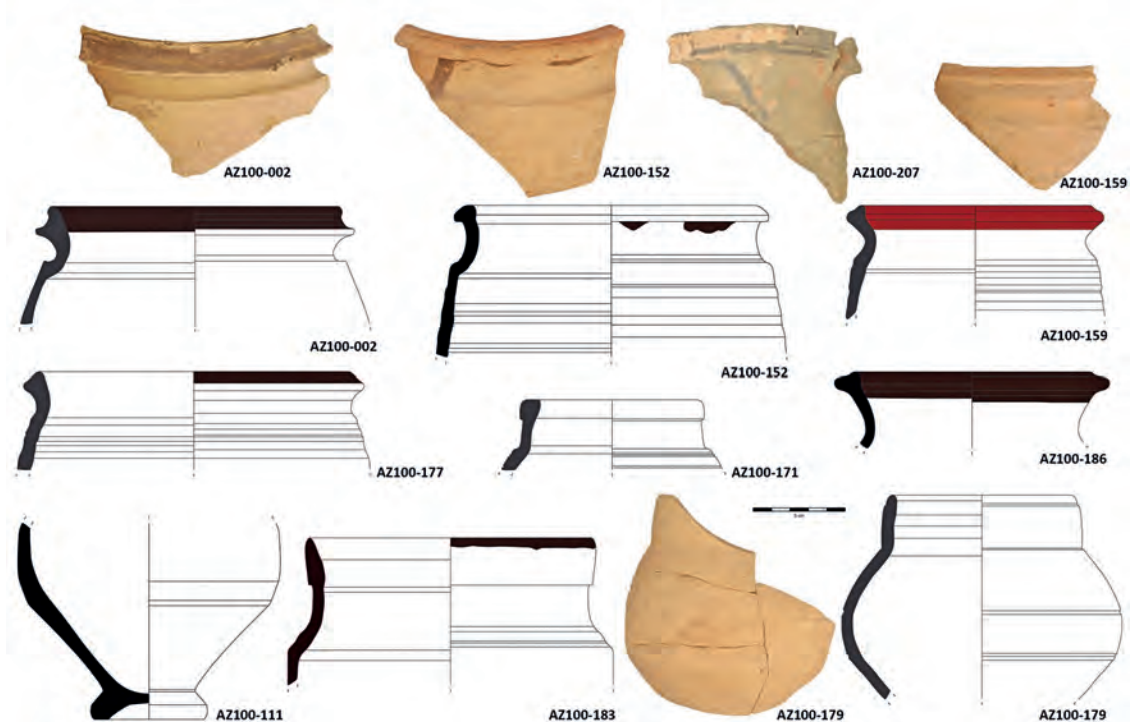


Fig. 48 – Jarras / Jarres: AZ100-002 (Ø16cm), AZ100-152 (Ø17cm), AZ100-159 (Ø12,5cm), AZ100-171 (Ø9,5cm), AZ100-177 (Ø17cm), AZ100-179 (Ø10cm), AZ100-186 (Ø13cm), AZ100-111, AZ100-183 (Ø16cm). AZ100-207 é um vestígio de produção deformado. AZ100-207 est un vestige de production déformé.

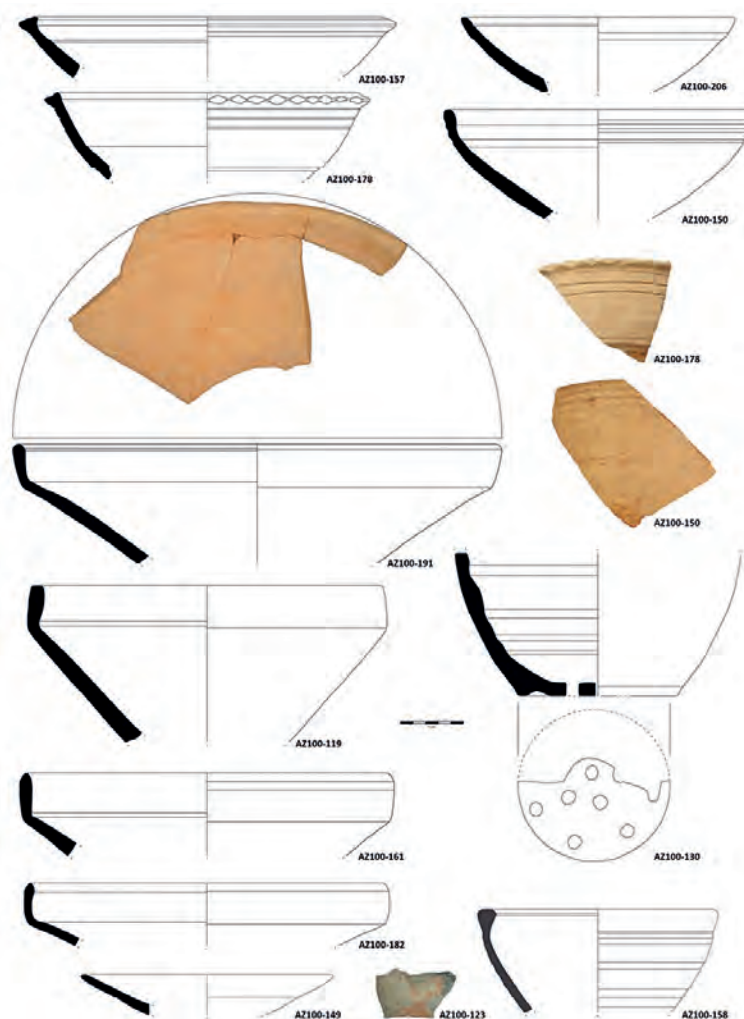


Fig. 49 – Tigelas hemisféricas / Coupes hémisphériques: AZ100-157 (Ø28cm), AZ100-178 (Ø24cm), AZ100-206 (Ø22cm). Tigelas cónicas / Coupes tronconiques: AZ100-119 (Ø34cm), AZ100-150 (Ø25cm), AZ100-161 (Ø29cm), AZ100-182 (Ø28cm), AZ100-191 (Ø38cm). Prato / Plat: AZ100-149 (Ø20cm). Bacia / Bassine: AZ100-158 (Ø18,5cm). Candeia / Lampe à huile: AZ100-123. Cuscuzeira / Couscoussière: AZ100-130.

e maiores desengordurantes. Identificam-se sobretudo alguidares, com funções muito polivalentes, por vezes revestidos com engobe bege e com decoração esquemática pintada a vermelho ou negro (fig. 50); têm paralelo em ocupações do século XIV dos sítios de Kouass¹²⁸ e Lixus¹²⁹. Registaram-se também tigelas de grandes dimensões. Destacamos a descoberta singular de uma forma de pão-de-açúcar cónica com

Dans le sous-groupe B, on observe des objets de plus grande dimension et plus robustes, ce qui justifie l'introduction des dégraissants plus nombreux et plus grands. Nous identifions surtout des bassins, avec des fonctions très polyvalentes, parfois avec un engobe beige dans les surfaces et un décor schématique peint en rouge ou noir (fig. 50); ils ont des parallèles dans les occupations du XIV^e siècle de Kouass¹²⁸ e de Lixus¹²⁹.

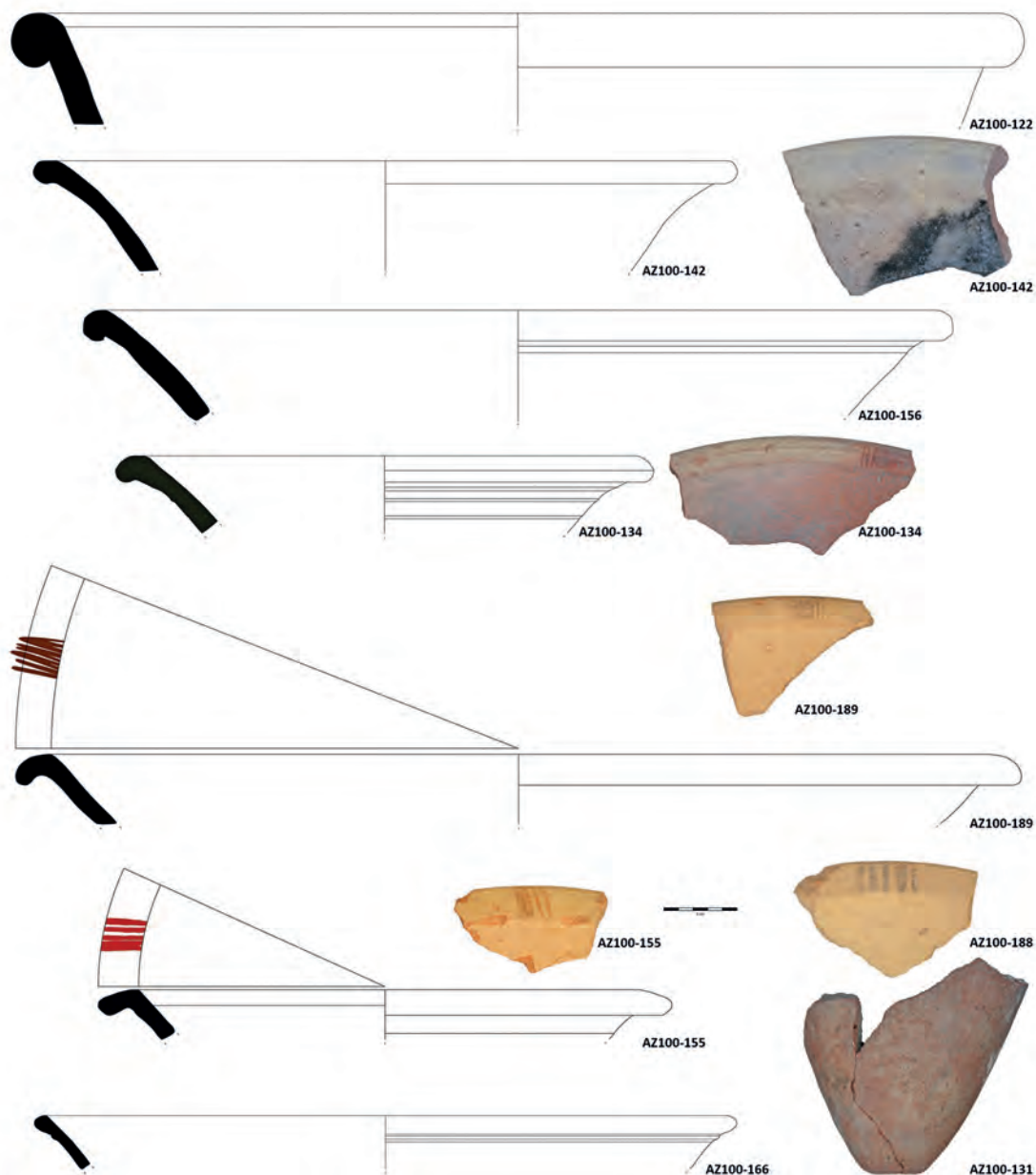


Fig. 50 – Alguidares / Bassins: AZ100-122 (Ø67,5cm), AZ100-142 (Ø43cm), AZ100-156 (Ø58cm), AZ100-134 (Ø24cm), AZ100-189 (Ø38cm), AZ100-155 (Ø36cm), AZ100-188 (Ø40cm). Tigela / Coupe: AZ100-166 (Ø47cm). Forma de pão-de-açúcar / Forme sucrière: AZ100-131.

128. Thierry Jullien, Mohamed Kbiri Alaoui, Virginie Bridoux, Abdelfattah Ichkhakh, Emeline Grisoni, Céline Brun, Séverine Leclercq, Hicham Hassini e Halima Naji, «Les céramiques mérinides de Kouass (Asilah-Briech, Maroc)», in Maria José Gonçalves e Susana Gómez Martínez (ed.), *Actas do X Congresso Internacional...* cit., vol. 2, pp. 796, 799 e 800.

129. Jaume Coll Conesa e Virgilio Martínez Enamorado, «La ocupación medieval», in M. Habibi e C. Aranegui (dir.), *Lixus-2 Ladera Sur. Excavaciones arqueológicas marroco-españolas en la colonia fenicia. Campañas 2000-2003* (Saguntum, Extra 6), Valencia, Universitat de València, 1995, pp. 44 e 57.

128. Thierry Jullien, Mohamed Kbiri Alaoui, Virginie Bridoux, Abdelfattah Ichkhakh, Emeline Grisoni, Céline Brun, Séverine Leclercq, Hicham Hassini e Halima Naji, «Les céramiques mérinides de Kouass (Asilah-Briech, Maroc)», in Maria José Gonçalves e Susana Gómez Martínez (éd.), *Actas do X Congresso Internacional...* cit., vol. 2, pp. 796, 799 et 800.

129. Jaume Coll Conesa et Virgilio Martínez Enamorado, «La ocupación medieval», in M. Habibi e C. Aranegui (dir.), *Lixus-2 Ladera Sur. Excavaciones arqueológicas marroco-españolas en la colonia fenicia. Campañas 2000-2003* (Saguntum, Extra 6), Valencia, Universitat de València, 1995, pp. 44 e 57.

um orifício na extremidade, de 1,9cm de diâmetro (fig. 50), uma peça essencial na purga do suco extraído da cana. No contexto da cerâmica açucareira de Marrocos, ainda pouco conhecida e centrada no sítio de Chichaoua, situado no Suz e datado do século XVI, este exemplar integra-se num conjunto de formas de maiores dimensões, utilizadas para a primeira fase de depuração do produto¹³⁰. Por fim, embora seja pouco comum, menciona-se o aparecimento de fragmentos de talhas estampilhadas, revestidas a engobe bege e com bandas epigrafadas, para a conservação de água (fig. 51). A sua decoração estampilhada encontra paralelo, por exemplo, nos «*losanges en frises*» de exemplares de meados do século XIV na madraça *al-Bu'Inâniyya* de Fez¹³¹. Outro exemplar de Azamor apresenta uma banda epigrafada em letra cúfica, onde se lê *al-mulk* (o poder), ainda que com

On trouve aussi des coupes de grandes dimensions. Il faut souligner la découverte singulière d'une forme sucrière conique avec un trou à l'extrémité de 1,9cm de diamètre (fig. 50), un élément essentiel dans le raffinage du jus extrait de la canne à sucre. Dans le contexte de la céramique sucrière du Maroc, qui est encore méconnue et centrée sur le site de Chichaoua, situé dans la région du Sous et daté du XVI^e siècle, cet exemplaire s'intègre dans le groupe des formes plus grandes, approprié pour le premier raffinage du produit¹³⁰. Peu fréquent est l'apparition de fragments des grandes jarres estampées, recouvertes d'engobe beige et avec des bandes épigraphées, pour contenir de l'eau (fig. 51). Son décor estampillé trouve son parallèle, par exemple, dans les «*losanges en frises*» des grandes jarres trouvées à la madrasa *al-Bu'Inâniyya* de Fès, du milieu du XIV^e siècle¹³¹. Un autre frag-



Fig. 51 – Talhas estampilhadas / Grandes jarres estampées: AZ101-002, AZ101-011.

falhas na escrita, a par de uma estrela de sete pontas em relevo (AZ101-011). Esta palavra e o mesmo tipo de estrela reproduz-se em exemplares merínidas de Algeciras, entre o último quartel do século XIII e a primeira metade do XIV¹³². As estampilhas com a inscrição *al-mulk* aplicadas em talhas surgem igualmente

ment d'Azemmour présente une bande épigraphiée en écriture coufique, qui bien que tronquée correspond au mot *al-mulk* (le pouvoir), en plus d'une étoile à sept branches en relief (AZ101-011). Ce mot et le même type d'étoile sont reproduits dans des jarres mérinides d'Algésiras, du dernier quart du XIII^e et de la première moitié du XIV^e siècle¹³². Les estampilles avec

130. Adela Fábregas García e Alberto García Porras, «Un aspecto de la producción azucarera marroquí. La cerámica del azúcar de Chichaoua», *Arqueología y Territorio Medieval*, nº 5, 1998, pp. 156-157.

131. Abdallah Fili, «Le décor de la céramique de Fès à l'époque mérinide, typologie et statistiques», in Maria José Gonçalves e Susana Gómez Martínez (ed.), *Actas do X Congresso Internacional...* cit., vol. 2, p. 755.

132. Antonio Torremocha e Yolanda Oliva, *La cerámica musulmana de Algeciras. Producciones estampilladas. Estudio y Catálogo. Algeciras* (Caetaria Monografías, 1), Algeciras, Ayuntamiento de Algeciras, 2002, p. 77; Antonio Torremocha Silva, Ildefonso Navarro Luengo e Juan Bautista Salado Escaño, «La cerámica de época meriní en Algeciras», in *Cerámica Nazarí y Mariní* (Transfretana Monografías, 4), Ceuta, Instituto de Estudios Ceuties, 2000, pp. 342 e 359.

130. Adela Fábregas García et Alberto García Porras, «Un aspecto de la producción azucarera marroquí. La cerámica del azúcar de Chichaoua», *Arqueología y Territorio Medieval*, nº 5, 1998, pp. 156-157.

131. Abdallah Fili, «Le décor de la céramique de Fès à l'époque mérinide, typologie et statistiques», in Maria José Gonçalves et Susana Gómez Martínez (éd.), *Actas do X Congresso Internacional...* cit., vol. 2, p. 755.

132. Antonio Torremocha et Yolanda Oliva, *La cerámica musulmana de Algeciras. Producciones estampilladas. Estudio y Catálogo. Algeciras* (Caetaria Monografías, 1), Algésiras, Ayuntamiento de Algeciras, 2002, p. 77 ; Antonio Torremocha Silva, Ildefonso Navarro Luengo et Juan Bautista Salado Escaño, «La cerámica de época meriní en Algeciras», in *Cerámica Nazarí y Mariní* (Transfretana Monografías, 4), Ceuta, Instituto de Estudios Ceuties, 2000, pp. 342 et 359.

em níveis almóadas de Lorca (Múrcia)¹³³, Calatrava la Vieja (Ciudad Real)¹³⁴ e Jaén¹³⁵.

O subgrupo C contempla formas abertas, geralmente alguidares, mas também tigelas hemisféricas e cónicas; as suas superfícies internas estão por vezes revestidas com engobe e brunidas, surgindo raramente linhas e padrões incisos (fig. 52). Tal como no grupo precedente, os alguidares têm paralelo em exemplares de Lixus¹³⁶, em níveis do século XIV. Detectaram-se também pequenos azulejos (5,3cm de lado), idênticos aos de múltiplas construções merínidas norte-africanas. Mais singular é o achado de uma talha com decoração incisa (fig. 52).

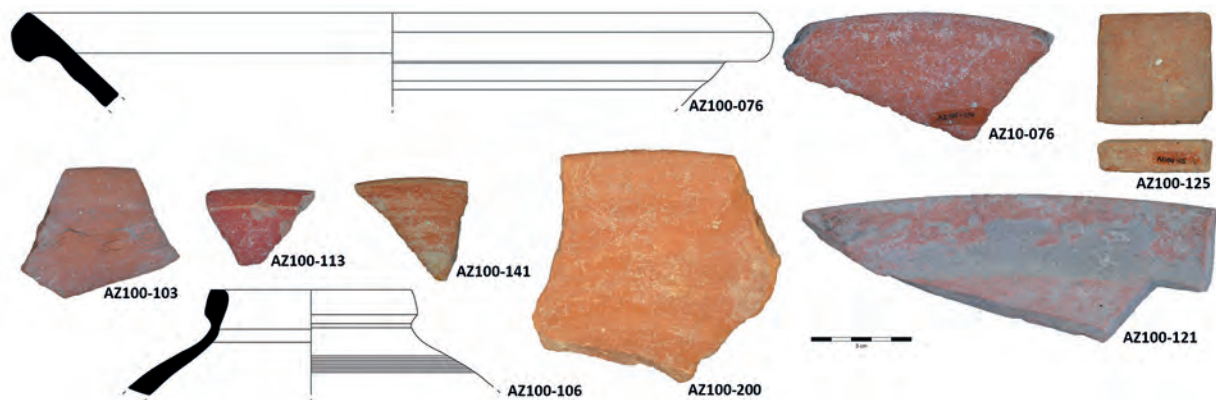


Fig. 52 – Alguidares / Bassins: AZ100-076 (Ø38cm), AZ100-103 (Ø34cm), AZ100-113. Tigelas hemisféricas / Coupes hémisphériques: AZ100-141 (Ø32cm), AZ100-200 (Ø44,5cm). Tigela cónica / Coupe tronconique: AZ100-121 (Ø32cm). Azulejo / Zellige: AZ100-125. Talha / Grande jarre: AZ100-106 (Ø12cm).

Já os subgrupos D, E, F e G incluem fundamentalmente objectos utilizados na confecção alimentar ao fogo, como se atesta pelas marcas nas superfícies de algumas delas. No subgrupo D registam-se panelas, caçoilas (fig. 53), pratos de pão, fogareiros e bacias; um fragmento foi afeiçoado para tampa, desconhecendo-se a forma correspondente a um bico vertedor encontrado (fig. 54). O subgrupo E inclui formas muito similares, sobretudo as panelas, menos no caso das bacias e das caçoilas; refira-se o achado singular de uma tigela cónica feita à torneta (fig. 55). Os subgrupos F e G têm menor diversidade formal e menor representatividade, pertencendo seguramente a uma

l'inscription *al-mulk* appliquée dans des grandes jarres ont été aussi découvertes dans les niveaux almohades de Lorca (Murcie)¹³³, Calatrava la Vieja (Ciudad Real)¹³⁴ et Jaén¹³⁵.

Le sous-groupe C comprend des formes ouvertes, généralement des bassins, ou des coupes hémisphériques ou coniques; les surfaces internes sont parfois enduites d'engobe et brunies, étant rares les lignes et les motifs incisés (fig. 52). Comme dans le groupe précédent, les bassins ont des parallèles dans les niveaux du XIV^e siècle de Lixus¹³⁶. De petits zelliges carreaux ont également été détectés (5,3cm de longueur), identiques à ceux de plusieurs constructions

mérinides d'Afrique du Nord. Plus singulière est la découverte d'une grande jarre avec un décor incisé. Les sous-groupes D, E, F et G, quant à eux, comprennent fondamentalement des objets utilisés dans la cuisson d'aliments au feu, comme en témoignent les marques sur les surfaces de certains d'entre eux. Dans le sous-groupe D, on considère des marmites, des casseroles (fig. 53), des plats à pain, des braseros et des bassines; un fragment a été taillé comme un couvercle et un bec versoir modelé appartient à une forme inconnue (fig. 54). Le sous-groupe E comprend des formes très similaires, en particulier des marmites, les ressemblances étant moins évidentes dans le cas des bassines et des casseroles; on doit faire mention aussi de la découverte singulière d'une coupe

133. Julio Navarro Palazón, *La cerámica islámica en Murcia*, I, Murcia, Ayuntamiento de Murcia, 1986, p. 67.

134. Rubén Pérez López e Manuel Retuerce Velasco, «Tinajas impresas bajomedievales con caligrafía procedentes de Calatrava la Vieja», in Juan Zozaya, Manuel Retuerce, Miguel Ángel Hervás e Antonio de Juan (eds.), *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica...* cit., vol. 2, pp. 1009 e 1011.

135. Encarnación Motos Guirao, «La cerámica almohade al sur de Jaén», in *Cerámicas islámicas y cristianas a finales de la Edad Media. Influencias e intercâmbios*, Ceuta, Museo de Ceuta, 2003, pp. 101 e 137.

136. Jaime Coll Conesa e Virgilio Martínez Enamorado, «La ocupación medieval», in M. Habibi e C. Aranegui (dirs.), *Lixus-2 Ladera Sur...* cit., pp. 44 e 57.

133. Julio Navarro Palazón, *La cerámica islámica en Murcia*, I, Murcia, Ayuntamiento de Murcia, 1986, p. 67.

134. Rubén Pérez López et Manuel Retuerce Velasco, «Tinajas impresas bajomedievales con caligrafía procedentes de Calatrava la Vieja», in Juan Zozaya, Manuel Retuerce, Miguel Ángel Hervás et Antonio de Juan (éd.), *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica...* cit., vol. 2, pp. 1009 e 1011.

135. Encarnación Motos Guirao, «La cerámica almohade al sur de Jaén», in *Cerámicas islámicas y cristianas...* cit., pp. 101 e 137.

136. Jaime Coll Conesa et Virgilio Martínez Enamorado, «La ocupación medieval», in M. Habibi et C. Aranegui (dir.), *Lixus-2 Ladera Sur...* cit., pp. 44 e 57.

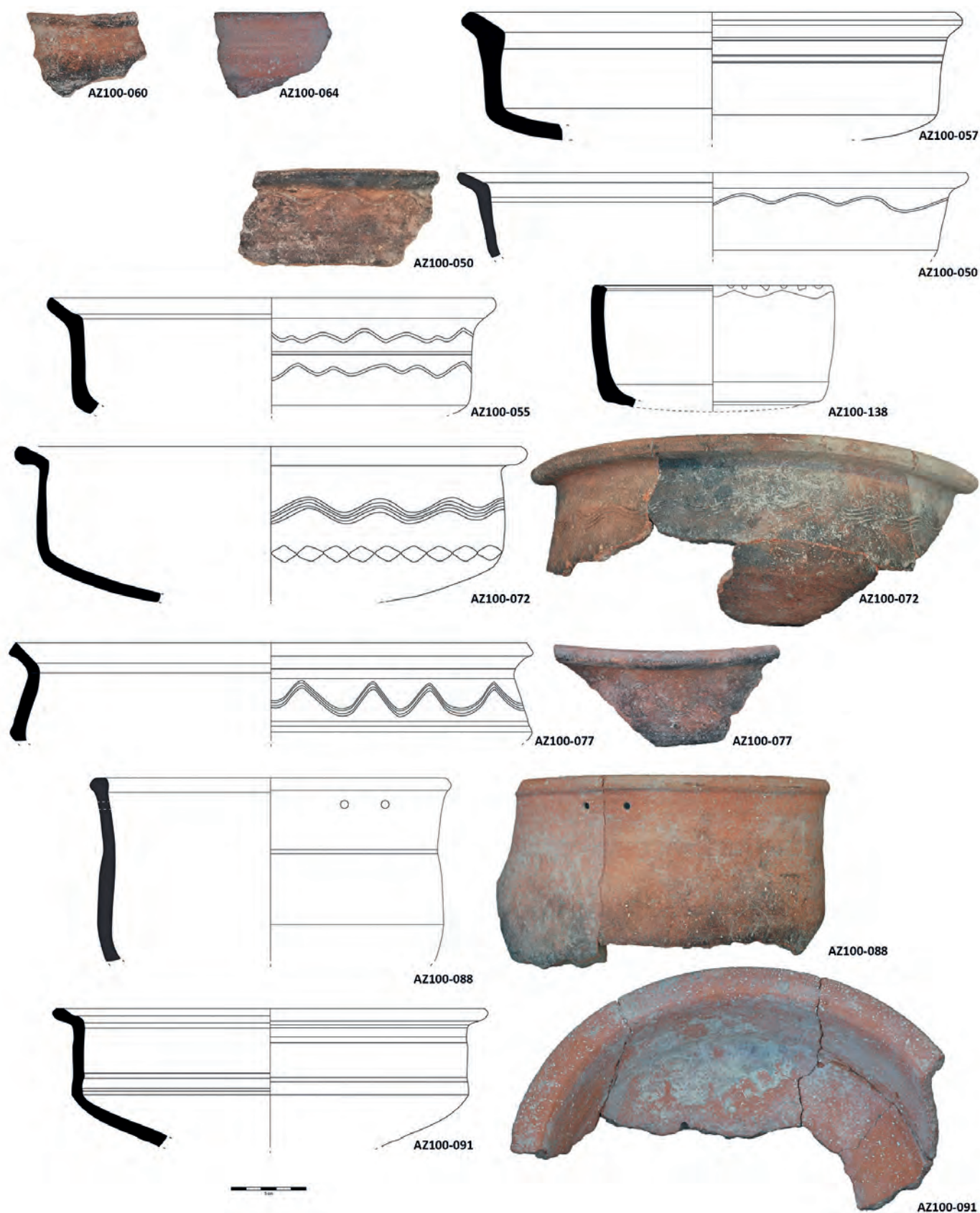


Fig. 53 – Painéis / Marmites: AZ100-060 (Ø16cm), AZ100-064 (Ø15cm). Caçoilas / Casseroles: AZ100-050 (Ø34cm), AZ100-055 (Ø30cm), AZ100-057 (Ø26cm), AZ100-072 (Ø30cm), AZ100-077 (Ø34cm), AZ100-088 (Ø24cm), AZ100-091 (Ø29cm), AZ100-138 (Ø18cm).

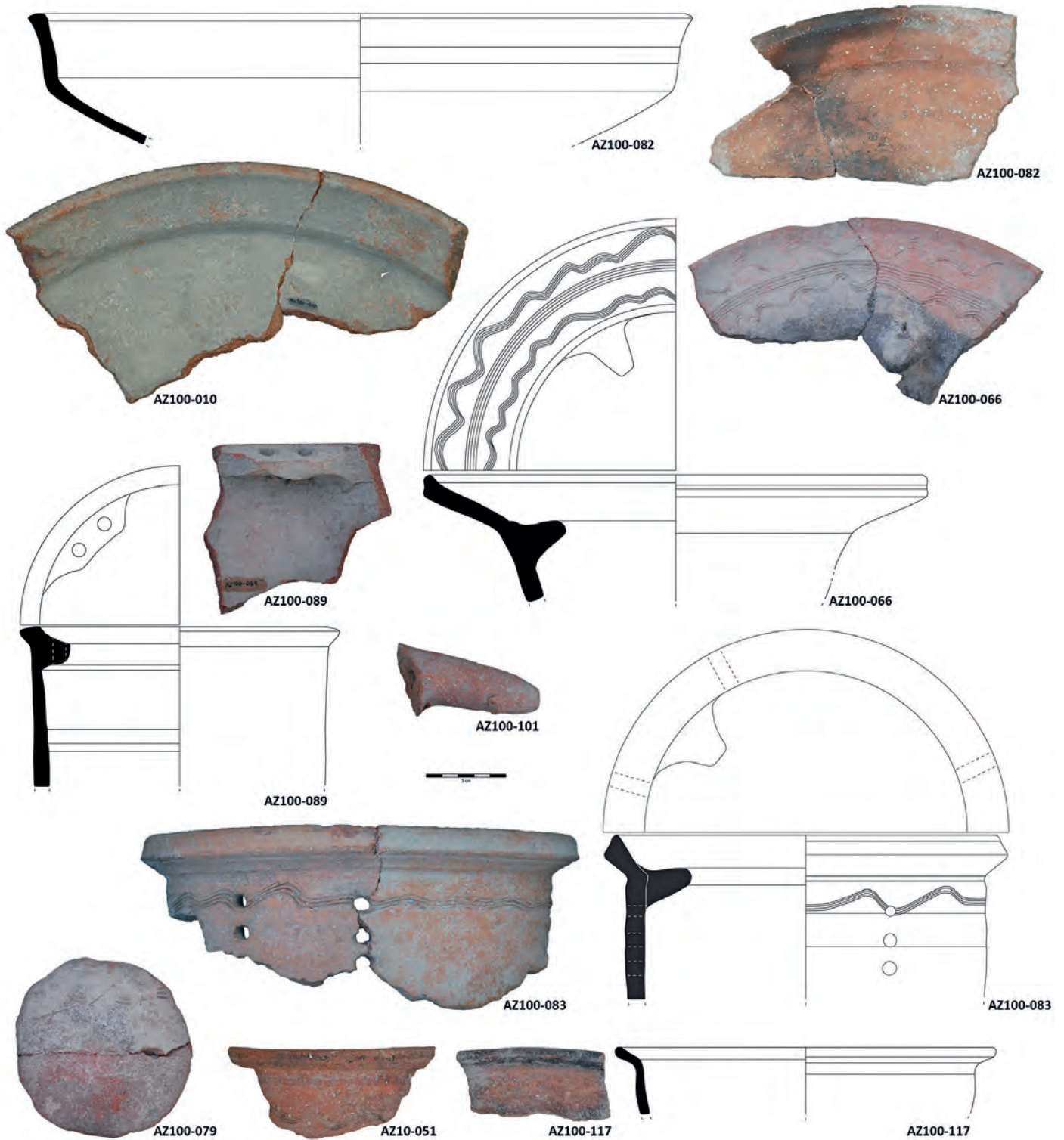


Fig. 54 – Pratos de pão / Plats à pain: AZ100-010, AZ100-082 (Ø42cm). Fogareiros / Braseros: AZ100-066 (Ø32cm), AZ100-083 (Ø24cm), AZ100-089 (Ø20cm). Bacias / Bassines: AZ100-051 (Ø32cm), AZ100-117 (Ø24cm). Tampa / Couvercle: AZ100-079 (Ø10cm). Bico vertedor / Bec versoir: AZ100-101.

tradição oleira distinta; o primeiro integra painéis, caçoilas e fogareiros, ao passo que o segundo inclui apenas painéis e caçoilas (fig. 56).

No que toca às cerâmicas vidradas destes estratos mais superficiais das duas sondagens registaram-se quase todos os subgrupos acima mencionados.

O subgrupo H contempla essencialmente objectos para o serviço de mesa, como tigelas cónicas¹³⁷ ou hemisféricas, estas em parte com digitais no bordo, além de jarros, por vezes com motivos decorativos abstractos pintados com vidro verde (AZ100-181). Surgem também candeias para iluminação, com ou sem pé (fig. 57). Entre os vestígios de produção verifica-se uma variabilidade na qualidade e homogeneidade da cor do vidro verde, nalguns casos com manchas de amarelo (por exemplo AZ100-33 e AZ100-045, fig. 57). Embora com idêntica coloração, distinguimos claramente um alquidar vidro com diferenças técnicas face aos demais (pasta e vidro) (fig. 58), podendo tratar-se de uma importação; tem paralelos próximos em Algeciras, entre finais do século XIII e meados da centúria seguinte¹³⁸, em Cártama (Málaga), do último terço do século XIV¹³⁹, e em Ceuta¹⁴⁰ e Belyounesh¹⁴¹, do século XIV.

No subgrupo I registamos tigelas cónicas e hemisféricas, vidradas em metades a melado e castanho ou apenas a melado, algumas com elementos decorativos em castanho, por vezes com uma linha incisa a demarcar o fundo ou estampilhas na superfície interna¹⁴². Detectaram-se também pequenos jarros vidrados a laranja em ambas as superfícies, com decoração estampilhada, e candeias com pé, vidradas em melado (fig. 59).

137. A tigela AZ100-030 é um resto de produção deste tipo de forma; parece ter sido sujeita a temperaturas excessivas e contacto directo com o fogo pós fractura; restam apenas alguns vestígios dos vidrados melado/laranja e verde, eventualmente escorrimentos no forno.

138. Rafael Jiménez-Camino Álvarez e Darío Bernal Casasola, «La Villa Nueva o al-Bunayya en época bajo-medieval. La ocupación islámica y castellana del entorno de las factorías romanas de salazón de la calle San Nicolás (1282-1379)», in Darío Bernal Casasola e Rafael Jiménez-Camino Álvarez (dirs.), *Las cetariae de Ivlia Tradvcta. Resultados de las excavaciones arqueológicas en la calle San Nicolás de Algeciras (2001-2006)*, Cádiz, Editorial UCA, 2018, pp. 753-754.

139. Francisco Melero García, «La cerámica de época nazarí del vertedero medieval de Cártama (Málaga)», *@rqueología y Territorio*, 9, 2012, pp. 164-165.

140. José Manuel Hita Ruiz, José Suárez Padilla e Fernando Villada Paredes, «Catálogo. Cerámicas», in José Manuel Hita Ruiz, José Suárez Padilla e Fernando Villada Paredes (coord.), *Comer en Ceuta en el siglo XIV*, Ceuta, Ciudad Autónoma de Ceuta, 2009, p. 170.

141. Micheline Grenier Cardenal, «Recherches sur la céramique médiévale marocaine», in M.^a Gabrielle D' Archibaud e M. Maurice Picon (éd.), *La céramique médiévale en Méditerranée occidentale X-XV siècles*, Paris, C.N.R.S., 1980, pp. 234 e 236.

142. AZ100-038 parece ser um caso de deficiente aplicação do vidro melado/laranja com decoração a castanho.

conique faite à la tournette (fig. 55). Les sous-groupes F et G ont moins de diversité formelle et moins de représentativité, appartenant certainement à une tradition de poterie différente ; le premier comprend des marmites, des casseroles et des braseros, tandis que le second inclut uniquement des marmites et des casseroles (fig. 56).

En ce qui concerne les céramiques glaçurées de ces couches plus superficielles des deux sondages, presque tous les sous-groupes susmentionnés ont été reconnus.

Le sous-groupe H comprend essentiellement des objets pour le service de table, tels que des plats coniques¹³⁷ ou hémisphériques, ceux-ci en partie avec des empreintes digitales sur le bord, ainsi que des petites jarres, parfois avec motifs décoratifs abstraits peints avec glaçure verte (AZ100-181). Des lampes à huile apparaissent également, avec ou sans pied (fig. 57). Parmi les vestiges de production potière, il y a une variabilité dans la qualité et l'homogénéité de la couleur de la glaçure verte, dans certains cas avec des taches jaunes (par exemple AZ100-33 et AZ100-045, fig. 57). Bien qu'avec une couleur identique, on distingue clairement un bassin glaçuré avec des différences techniques évidentes par rapport aux autres objets de ce sous-groupe (au niveau de la pâte et de la glaçure) (fig. 58), ce qui nous conduit à le classer comme une importation ; il y a des éléments similaires à Algésiras, entre la fin du XIII^e siècle et le milieu du siècle suivant¹³⁸, à Cártama (Málaga), dans le dernier tiers du XIV^e siècle¹³⁹, et à Ceuta¹⁴⁰ et Belyounesh¹⁴¹, du XIV^e siècle.

Dans le sous-groupe I on intègre des coupes tronconiques et hémisphériques, glaçurées moitié-moitié en couleur miel et marron, ou juste en miel ; quelques-unes ont des éléments décoratifs en brun, ou une

137. La coupe AZ100-030 est un vestige de production de ce type de forme ; il semble avoir été soumis à des températures excessives et au contact direct avec le feu après avoir été brisé ; il ne reste que quelques vestiges de glaçure miel/orange et verte, éventuellement déglouinant dans le four.

138. Rafael Jiménez-Camino Álvarez et Darío Bernal Casasola, « La Villa Nueva o al-Bunayya en época bajo-medieval. La ocupación islámica y castellana del entorno de las factorías romanas de salazón de la calle San Nicolás (1282-1379) », in Darío Bernal Casasola et Rafael Jiménez-Camino Álvarez (éd.), *Las cetariae de Ivlia Tradvcta. Resultados de las excavaciones arqueológicas en la calle San Nicolás de Algeciras (2001-2006)*, Cadix, Editorial UCA, 2018, pp. 753-754.

139. Francisco Melero García, « La cerámica de época nazarí del vertedero medieval de Cártama (Málaga) », *@rqueología y Territorio*, 9, 2012, pp. 164-165.

140. José Manuel Hita Ruiz, José Suárez Padilla et Fernando Villada Paredes, « Catálogo. Cerámicas », in José Manuel Hita Ruiz, José Suárez Padilla et Fernando Villada Paredes (éd.), *Comer en Ceuta en el siglo XIV*, Ceuta, Ciudad Autónoma de Ceuta, 2009, p. 170.

141. Micheline Grenier Cardenal, « Recherches sur la céramique médiévale marocaine », in M.^a Gabrielle D' Archibaud et M. Maurice Picon (éd.), *La céramique médiévale en Méditerranée occidentale X-XV siècles*, Paris, C.N.R.S., 1980, pp. 234 e 236.

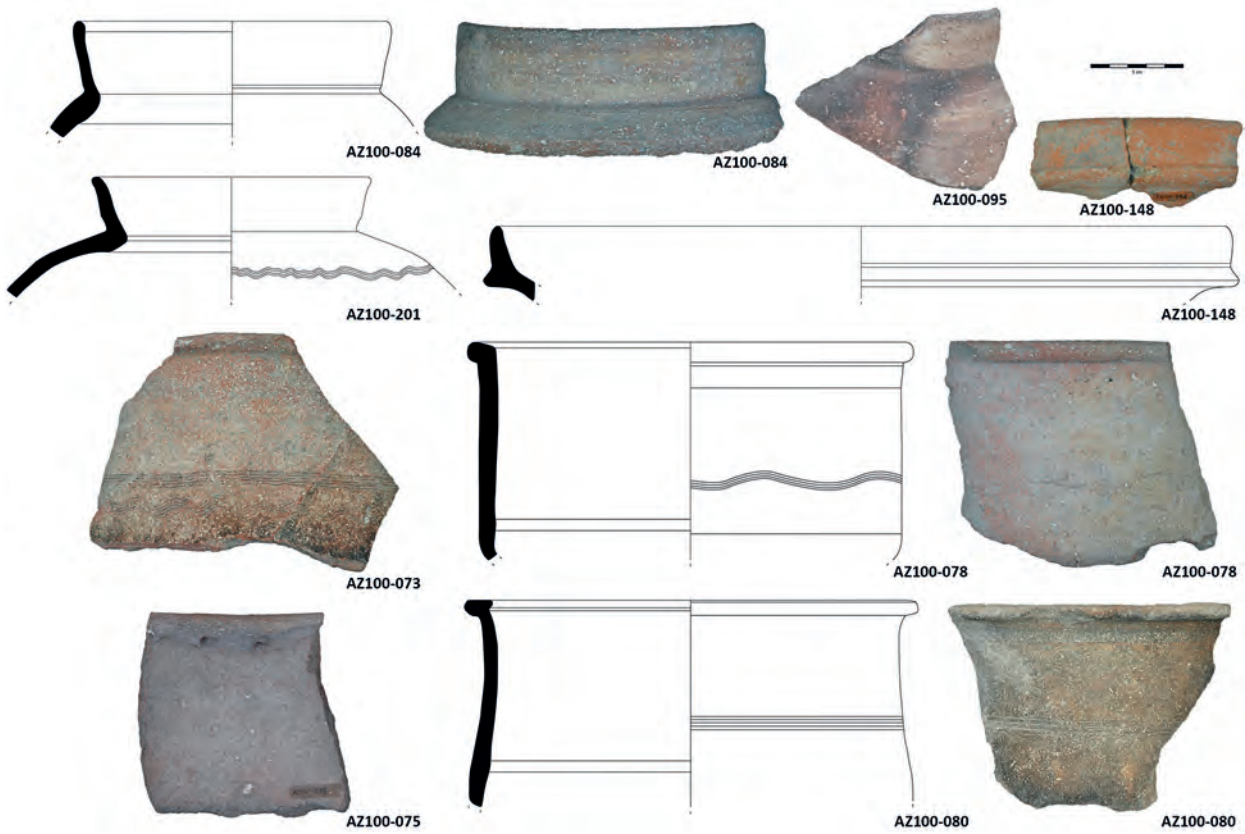


Fig. 55 – Painelas / Marmites: AZ100-084 (Ø17cm), AZ100-095 (Ø18cm), AZ100-201 (Ø15cm). Bacias / Bassines: AZ100-073 (Ø24cm), AZ100-078 (Ø24cm), AZ100-080 (Ø24cm). Caçoila / Casserole: AZ100-075 (Ø24cm). Tigela cónica / Coupe tronconique: AZ100-148 (Ø42cm).

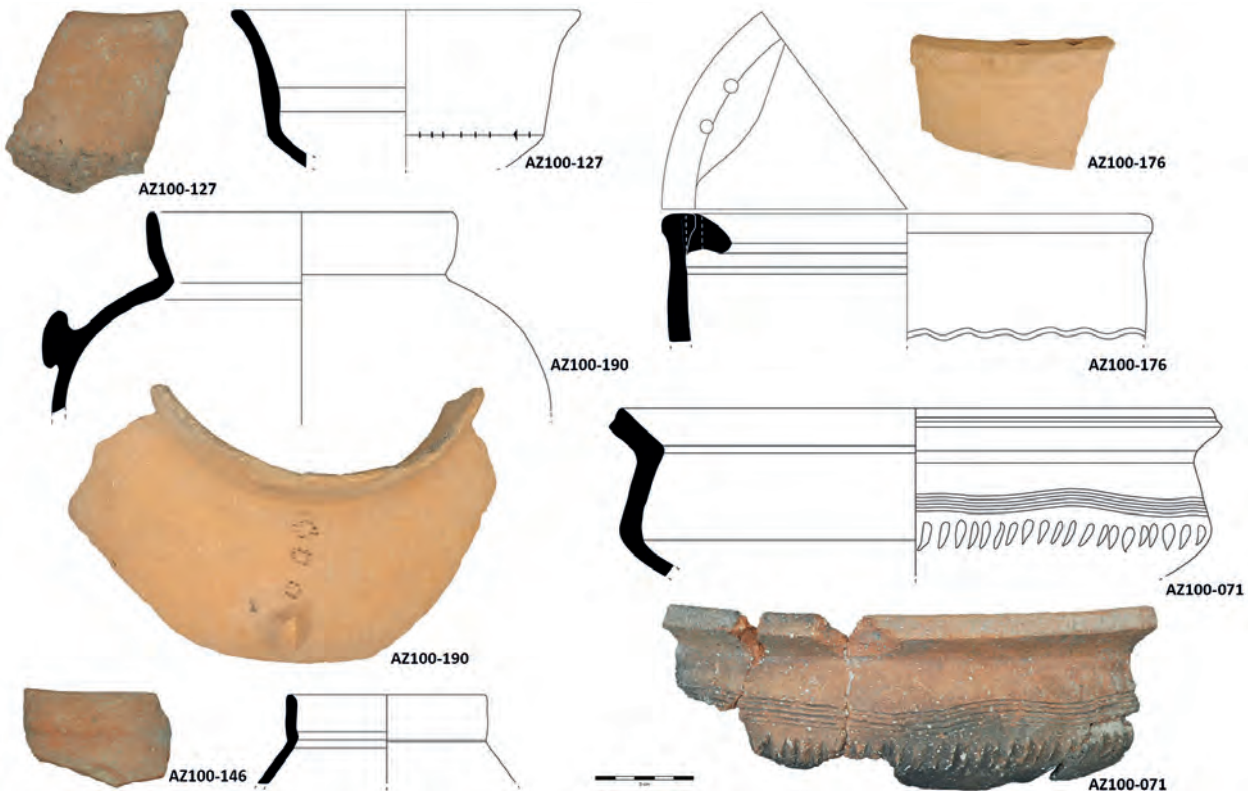


Fig. 56 – Subgrupo F / Sous-groupe F [Painela / Marmite: AZ100-190 (Ø15,5cm). Caçoila / Casserole: AZ100-127 (Ø22cm). Fogareiro / Brasero: AZ100-176 (Ø24cm)]. Subgrupo G / Sous-groupe G [Painela / Marmite: AZ100-146 (Ø10cm). Caçoila / Casserole: AZ100-071 (Ø30cm)].



Fig. 57 – Tigelas cónicas / Coupes tronconiques: AZ100-019, AZ100-029 (Ø22cm), AZ100-039, AZ100-048, AZ100-124 (Ø26cm), AZ101-005, AZ101-009, AZ100-030. Tigelas hemisféricas / Coupes hémisphériques: AZ100-024 (Ø25cm), AZ100-033 (Ø30cm), AZ101-001. Jarros / Petites jarres: AZ100-004, AZ100-181. Candeias / Lampes à huile: AZ100-036, AZ100-045.



Fig. 58 – Alguidar / Bassin: AZ100-021.

Entre os materiais dos subgrupos H e I constam peças produzidas localmente, seguramente no primeiro, mais duvidoso no segundo, mas também outras importadas, como adiante se detalhará. Ainda assim, as características formais e decorativas destas peças permitem-nos estabelecer paralelos com exemplares dos séculos XIII e XIV do Norte da África, nomea-

lignee incisée à démarquer le fond, ou des estampilles dans la surface interne¹⁴². On a observé aussi des petites jarres glaçurées en orange sur les deux faces, avec décor estampillé, et lampes à huile avec pied, glaçurées en couleur miel (fig. 59).

142. AZ100-038 semble s'agir d'un cas de déficiente application de la glaçure miel/orange avec décoration brune.



Fig. 59 – Tigelas cónicas / Coupes tronconiques: AZ101-009, AZ100-027, AZ100-043, AZ100-046, AZ101-006. Tigelas hemisféricas / Coupes hémisphériques: AZ100-038 (Ø18cm), AZ100-049 (Ø20cm). Pequeno jarro / Petite jarre: AZ101-004. Candeia / Lampe à huile: AZ100-022.

damente de Ceuta¹⁴³, de Belyounesh¹⁴⁴, de Alcácer Ceguer¹⁴⁵ ou de outras localidades mediterrâneas magrebina¹⁴⁶, mas também do sul da Península

143. José Manuel Hita Ruiz e Fernando Villada Paredes, «Una aproximación al estudio de la cerámica en la Ceuta mariní», in *Cerámica Nazarí y Mariní* (Transfretana Monografías, 4), Ceuta, Instituto de Estudios Ceutíes, 2005, pp. 302-305.

144. Micheline Grenier Cardenal, «Recherches sur la céramique...» cit., p. 234.

145. Charles L. Redman, «Late medieval ceramics from Qsar es-Seghir», in M.^a Gabrielle D'Archibaud e M. Maurice Picon (eds.), *La céramique médiévale...* cit., pp. 254-255; J. Emlen Myers e M. James Blackman, «Conical Plates of the Hispano-Moresque Tradition from Islamic Qsar es-Seghir: Petrographic and Chemical Analyses», in *La Ceramica Medievale nel Mediterraneo Occidentale*, Florença, Edizioni All Insegna del Giglio, 1986, pp. 55-68.

146. André Bazzana e Yves Montmessin, «Quelques aspects de la céramique médiévale du Maroc du Nord», in *Actes du 5^{ème} Colloque sur la Céramique Médiévale*, Rabat, Institut National des Sciences de l'Archéologie et du Patrimoine, 1991, pp. 241-259.

Parmi les matériaux des sous-groupes H et I, il y a des céramiques produites localement – sûrement dans le premier cas, plus douteusement dans le second –, mais aussi d'autres importées, comme détaillé ci-dessous. Malgré cela, les caractéristiques formelles et décoratives de ces pièces permettent de faire des comparaisons avec d'autres sites archéologiques du XIII^e et du XIV^e siècle en Afrique du Nord, à savoir Ceuta¹⁴³, Belyounesh¹⁴⁴, al-Ksar el-Seghir¹⁴⁵ ou d'autres endroits côtiers méditerranéens maghré-

143. José Manuel Hita Ruiz et Fernando Villada Paredes, «Una aproximación al estudio de la cerámica en la Ceuta mariní», in *Cerámica Nazarí y Mariní...* cit., pp. 302-305.

144. Micheline Grenier Cardenal, «Recherches sur la céramique...» cit., p. 234.

145. Charles L. Redman, «Late medieval ceramics from Qsar es-Seghir», in M.^a Gabrielle D'Archibaud et M. Maurice Picon (éd.), *La céramique médiévale...* cit., pp. 254-255; J. Emlen Myers

Ibérica¹⁴⁷. Estas comparações são um dos elementos de que dispomos para balizar um período para a produção e utilização destas cerâmicas de Azamor. Incluímos neste âmbito diversas formas. No caso das candeias de pé, apesar de serem transversais desde a segunda metade do século XII, parecem tornar-se maioritárias a partir do século XIV, tendo paralelos norte-africanos em Kouass¹⁴⁸, Ceuta¹⁴⁹ e outros localidades ribeirinhas mediterrâneas¹⁵⁰, a cidade de Fez¹⁵¹, ou mesmo Algeciras¹⁵². No que toca às tigelas hemisféricas, como a AZ100-038 (fig. 59), refiram-se os exemplares merínidas de Ceuta¹⁵³ e de Algeciras¹⁵⁴. Os motivos decorativos estampilhados apresentam também paralelos, embora em cronologia lata. O elemento vegetalista no fundo da tigela cônica AZ100-048 (fig. 57) tem semelhanças com tigelas almóadas de Silves¹⁵⁵, mas também em talhas de Algeciras dos séculos XII e XIV, onde se coloca a hipótese de serem representações de folhas de cardo¹⁵⁶. O motivo vegetalista de quatro folhas da estampilha AZ101-009 (fig. 57) também é idêntico ao de talhas almóadas de Silves¹⁵⁷. A estampilha em forma de espiga oval ou folha de palmeira encontra-se em tigelas cónicas desde período emiral¹⁵⁸. Pelo contrário, a peça AZ101-004 tem linhas de motivos florais (fig. 59), com paralelo nas “rosetas” de peças nasridas de Los Velez¹⁵⁹. Por fim, a impressão geométrica da peça AZ101-001

147. Juan Zozaya, «Aperçu général sur la céramique espagnole», in M.^a Gabrielle D'Archibaud e M. Maurice Picon (eds.), *La céramique médiévale...* cit., pp. 283-287.

148. Thierry Jullien, Mohamed Kbir Alaoui, Virginie Bridoux, Abdelfattah Ichkhakh, Emeline Grisoni, Céline Brun, Séverine Leclercq, Hicham Hassini e Halima Naji, «Les céramiques mérinides de Kouass...» cit., pp. 802 e 805.

149. José Manuel Hita Ruiz e Fernando Villada Paredes, «Una aproximación al estudio...», pp. 302 e 327.

150. André Bazzana e Yves Montmessin, «Quelques aspects...» cit., p. 245.

151. Abdallah Fili, «La céramique de la madrasa mérinide al-Bu'iniyya de Fès», in *Cerámica Nazarí y Mariní...* cit., pp. 263 e 277.

152. Antonio Torremocha Silva, «La cerámica musulmana estampillada de los siglos XIII y XIV hallada en Algeciras», *Revista EPCCM*, 17, 2015, pp. 343 e 362.

153. José Manuel Hita Ruiz e Fernando Villada Paredes, «Una aproximación al estudio...» cit., pp. 303 e 324.

154. Antonio Torremocha Silva, Ildelfonso Navarro Luengo e Juan Bautista Salado Escaño, «La cerámica de época meriní...» cit., pp. 339 e 359.

155. Rosa Varela Gomes, «Cerâmicas almóadas do castelo de Silves», in *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 1991, p. 396 (motivo 4, figura 14).

156. Antonio Torremocha Silva, «La cerámica muçulmana...» cit., pp. 373-374.

157. Rosa Varela Gomes, «Cerâmicas almóadas...», p. 398 (motivo F2, figura 22).

158. Juan Zozaya, «Aperçu général...» cit., pp. 266-267.

159. Encarnación Motos Guirao, «La cerámica nazarí de Los Vélez. Aproximación a su estudio», in *Cerámica Nazarí y Mariní...* cit., pp. 187-188 e 208.

bins¹⁴⁶, mais aussi du sud de la péninsule Ibérique¹⁴⁷. Ces comparaisons sont l'un des éléments dont nous disposons pour déterminer une période de production et d'utilisation de ces céramiques d'Azemmour. Nous avons considéré dans ce contexte plusieurs formes. Dans le cas des lampes à huile avec pied, bien que très présentes dans des contextes archéologiques depuis la deuxième moitié du XII^e siècle, elles semblent devenir majoritaires à partir du XIV^e siècle, ayant des parallèles nord-africains à Kouass¹⁴⁸, Ceuta¹⁴⁹ et d'autres lieux riverains méditerranéens¹⁵⁰, mais aussi à la ville de Fès¹⁵¹ et même à Algésiras¹⁵². En ce qui concerne les coupes hémisphériques, tels que AZ100-038 (fig. 59), nous devons remarquer les similitudes avec celles de Ceuta¹⁵³ et d'Algésiras¹⁵⁴ mérinide. Les motifs décoratifs estampés ont également des parallèles, bien que dans une large chronologie. L'élément végétal au fond de la coupe conique AZ100-048 (fig. 57) présente des affinités avec les pièces almohades de Silves¹⁵⁵, mais aussi les grandes jarres d'Algésiras du XII^e et du XIV^e siècles, où l'hypothèse est qu'il s'agit de représentations de feuilles de chardon¹⁵⁶. Le motif végétal à quatre feuilles de l'estampille AZ101-009 (fig. 57) est également identique à celui des grandes jarres almohades de Silves¹⁵⁷. Les estam-

et M. James Blackman, «Conical Plates of the Hispano-Moresque Tradition from Islamic Qsar es-Seghir : Petrographic and Chemical Analyses», in *La Ceramica Medievale nel Mediterraneo Occidentale*, Florence, Edizioni All Insegna del Giglio, 1986, pp. 55-68.

146. André Bazzana e Yves Montmessin, «Quelques aspects de la céramique médiévale du Maroc du Nord», in *Actes du 5^{ème} Colloque sur la Céramique Médiévale*, Rabat, Institut National des Sciences de l'Archéologie et du Patrimoine, 1991, pp. 241-259.

147. Juan Zozaya, «Aperçu général sur la céramique espagnole», in M.^a Gabrielle D'Archibaud e M. Maurice Picon (éd.), *La céramique médiévale...* cit., pp. 283-287.

148. Thierry Jullien, Mohamed Kbir Alaoui, Virginie Bridoux, Abdelfattah Ichkhakh, Emeline Grisoni, Céline Brun, Séverine Leclercq, Hicham Hassini e Halima Naji, «Les céramiques mérinides de Kouass...» cit., pp. 802 e 805.

149. José Manuel Hita Ruiz e Fernando Villada Paredes, «Una aproximación al estudio...» cit., pp. 302 e 327.

150. André Bazzana e Yves Montmessin, «Quelques aspects...» cit., p. 245.

151. Abdallah Fili, «La céramique de la madrasa mérinide al-Bu'iniyya de Fès», in *Cerámica Nazarí y Mariní...* cit., pp. 263 e 277.

152. Antonio Torremocha Silva, «La cerámica musulmana estampillada de los siglos XIII y XIV hallada en Algeciras», *Revista EPCCM*, 17, 2015, pp. 343 e 362.

153. José Manuel Hita Ruiz e Fernando Villada Paredes, «Una aproximación al estudio...» cit., pp. 303 e 324.

154. Antonio Torremocha Silva, Ildelfonso Navarro Luengo e Juan Bautista Salado Escaño, «La cerámica de época meriní...» cit., pp. 339 e 359.

155. Rosa Varela Gomes, «Cerâmicas almóadas do castelo de Silves», in *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 1991, p. 396 (motivo 4, figura 14).

156. Antonio Torremocha Silva, «La cerámica muçulmana...» cit., pp. 373-374.

157. Rosa Varela Gomes, «Cerâmicas almóadas...», p. 398 (motivo F2, figura 22).

(fig. 57) deve corresponder à detectada numa talha medieval de Taza, embora a de Azamor esteja danificada, encontrando-se apenas três das quatro marcas em forma de pirâmide quadrangular¹⁶⁰.

O subgrupo J inclui peças para confeccionar alimentos, mostrando sinais de intensa utilização ao fogo, nomeadamente caçoilas de tendência hemisférica e bordos bífidos, panelas globulares e tampas troncocónicas que se ajustam para cobrir ambos os recipientes (fig. 60). O vidro é aplicado no interior e bordo de caçoilas e panelas e no exterior e bordo das tampas; a sua cor é laranja, mas pode adquirir tonalidades de castanho e esverdeado, devido à sua composição química, à cor da pasta e ao ambiente de cozedura aquando da sua produção. Mais uma vez, estas formas têm similitudes com exemplares merínidas do Norte de África: por um lado, as caçoilas com as *cazuelas* merínidas de Ceuta¹⁶¹, as *casseroles* merínidas de Alcácer Ceguer¹⁶², as *casseroles* 1A do século XIV de Kouass¹⁶³, as do século XIII a meados da centúria seguinte de Tigisas¹⁶⁴, ou os *plats creux* do século XIV de Belyounesh¹⁶⁵; por outro, as panelas com as merínidas de Ceuta¹⁶⁶ e de Alcácer Ceguer¹⁶⁷, as do século XIV de Málaga¹⁶⁸, as de meados desta centúria de Almería¹⁶⁹, as de tipo 11 de Cártama do último quartel

pilles ovales avec un épi ou une feuille de palmier se trouvent dans des coupes coniques depuis la période émirale¹⁵⁸. Au contraire, la céramique AZ101-004 (fig. 59) a des lignes de motifs floraux semblables aux « rosaces » présentes dans les pièces nasrides de Los Velez¹⁵⁹. Enfin, l'impression géométrique du tesson AZ101-001 (fig. 57) doit correspondre à celle détectée dans une grande jarre médiévale de Taza¹⁶⁰, bien que celle d'Azemmour soit endommagée, avec seulement trois des quatre marques en forme de pyramide carrée.

Le sous-groupe J comprend les céramiques destinées à la préparation d'aliments, présentant des signes d'utilisation au feu, à savoir les casseroles hémisphériques avec des bords bifides, les marmites globulaires et les couvercles tronconique conçus pour couvrir les deux autres contenants (fig. 60). La glaçure est appliquée à l'intérieur et sur les bords des casseroles et des marmites et à l'extérieur et sur les bords des couvercles ; sa couleur est orange, mais elle peut acquérir des nuances de marron et de verdâtre, soit par sa composition chimique, soit par la couleur de la pâte, soit aussi par le type de cuisson lors de sa production. Encore une fois, ces formes ont des similitudes avec les céramiques mérinides d'Afrique du Nord : d'une part, avec les *cazuelas* mérinides de Ceuta¹⁶¹, les casseroles mérinides d'al-Ksar el-Seghir¹⁶², les casseroles 1A de Kouass du XIV^e siècle¹⁶³, celles du XIII^e au milieu du XIV^e siècle de Tigisas¹⁶⁴, ou les plats creux du XIV^e siècle de Belyounesh¹⁶⁵ ; d'autre part, avec les marmites mérinides de Ceuta¹⁶⁶ et d'al-Ksar

160. Prosper Ricard e Alexandre Delpy, «Spécimens de céramique marocaine du Moyen Âge», *Hespéris*, t. XIII, 1931, p. 228 (planche IV).

161. José Manuel Hita Ruiz e Fernando Villada Paredes, «Una aproximación al estudio...», pp. 303 e 320.

162. André Teixeira, Abdelatif El-Boudjay, Joana Bento Torres, Antonia González tinturé, Kaoutar El-Baljani e Sónia Gabriel, «L'évolution de l'habitat domestique à Ksar Seghir à la fin du Moyen Âge. Étude archéologique et conservation d'une maison mérinide», in André Teixeira (ed.), *Entre les deux rives du Détroit de Gibraltar. Archéologique de frontières aux 14-16^e siècles*, Lisboa, CHAM, 2016, pp. 70-71.

163. Thierry Jullien, Mohamed Kbir Alaoui, Virginie Bridoux, Abdelfattah Ichkhakh, Emeline Grisoni, Céline Brun, Séverine Leclercq, Hicham Hassini e Halima Naji, «Les céramiques mérinides de Kouass...», pp. 794-795 e 802.

164. André Bazzana e Yves Montmessin, «Quelques aspects...», pp. 242 e 254.

165. Micheline Grenier Cardenal, «Recherches sur la céramique...», pp. 230 e 234.

166. José Manuel Hita Ruiz e Fernando Villada Paredes, «Una aproximación al estudio...», pp. 303 e 322.

167. André Teixeira, Abdelatif El-Boudjay, Joana Bento Torres, Antonia González Tinturé, Kaoutar El-Baljani e Sónia Gabriel, «L'évolution de l'habitat... » cit., pp. 70-71.

168. Juan Bautista Salado Escaño, Antonio Rambla Torralvo e José Mayorga Mayorga, «Nuevas aportaciones sobre cerámica de época nazari en la ciudad de Málaga», in *Cerámica Nazari y Marini... cit.*, pp. 232 e 247.

169. Isabel Flores Escobosa e M.^a del Mar Muñoz Martín, «Cerámica nazari (Almería, Granada y Málaga). Siglos XIII-XIV», in Chris Gerrard, Alejandra Gutiérrez e Alan Vince (ed.), *Spanish medieval ceramics in Spain and the British Isles* (BAR International Series, 610), Oxford, Archaeopress, 1995, pp. 268-269; M.^a del Mar Muñoz Martín, Manuel Domínguez Bedmar e José Ramón Ramos Díaz, «Hisn Nisar (Nijar): la cerámica de los siglos XIII-XVI», in *Almería entre culturas (siglos XIII-XVI)*, Almería, Instituto de Estudios Almerienses, 1990, vol. 1, pp. 122-123.

158. Juan Zozaya, «Aperçu général... » cit., pp. 266-267.

159. Encarnación Motos Guirao, «La cerámica nazari de Los Vélez. Aproximación a su estudio », in *Cerámica Nazari y Marini... cit.*, pp. 187-188 e 208.

160. Prosper Ricard et Alexandre Delpy, «Spécimens de céramique marocaine du Moyen Âge », *Hespéris*, XIII, 1931, p. 228 (planche IV).

161. José Manuel Hita Ruiz et Fernando Villada Paredes, «Una aproximación al estudio... » cit., pp. 303 et 320.

162. André Teixeira, Abdelatif El-Boudjay, Joana Bento Torres, Antonia González tinturé, Kaoutar El-Baljani et Sónia Gabriel, «L'évolution de l'habitat domestique à Ksar Seghir à la fin du Moyen Âge. Étude archéologique et conservation d'une maison mérinide », in André Teixeira (éd.), *Entre les deux rives du Détroit de Gibraltar. Archéologique de frontières aux 14-16^e siècles*, Lisbonne, CHAM, 2016, pp. 70-71.

163. Thierry Jullien, Mohamed Kbir Alaoui, Virginie Bridoux, Abdelfattah Ichkhakh, Emeline Grisoni, Céline Brun, Séverine Leclercq, Hicham Hassini et Halima Naji, «Les céramiques mérinides de Kouass... », pp. 794-795 e 802.

164. André Bazzana et Yves Montmessin, «Quelques aspects... » cit., pp. 242 et 254.

165. Micheline Grenier Cardenal, «Recherches sur la céramique... » cit., pp. 230 et 234.

166. José Manuel Hita Ruiz et Fernando Villada Paredes, «Una aproximación al estudio... » cit., pp. 303 et 322.

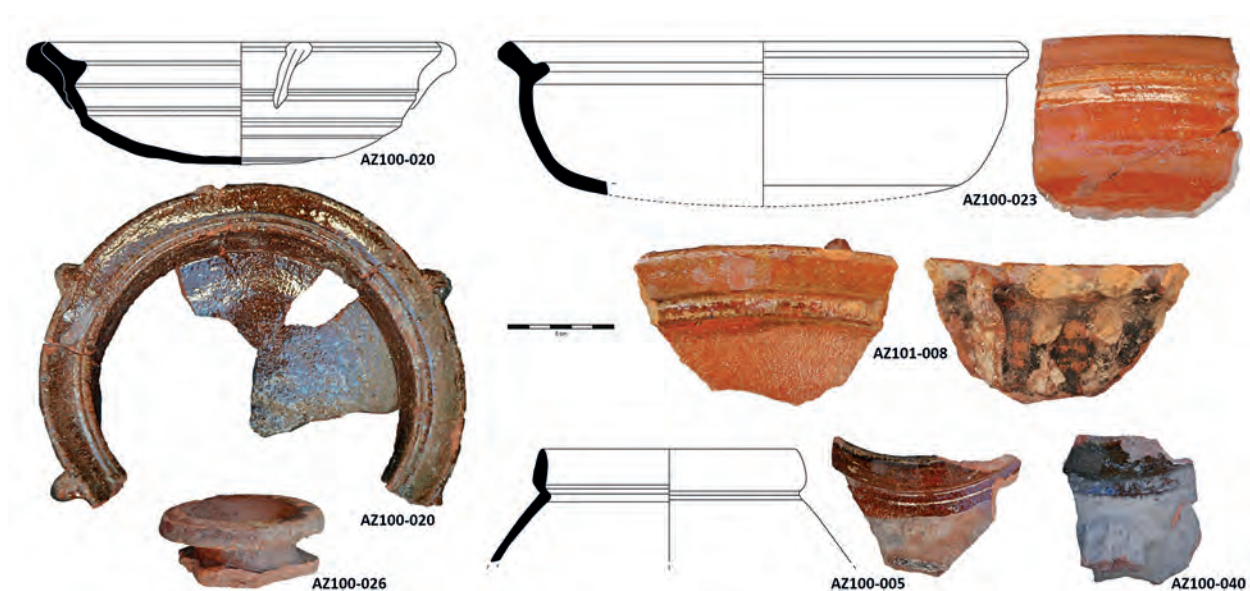


Fig. 60 – Caçoilas / Casseroles: AZ100-020 (Ø19cm), AZ100-023 (Ø26cm), AZ101-008. Panelas / Marmites: AZ100-005 (Ø12cm), AZ100-040. Tampa / Couvercle: AZ100-026.

do século XIV à primeira década do século XV¹⁷⁰, ou as *marmites* 1A do século XIV de Kouass¹⁷¹. As panelas de Azamor são, pois, características do século XIV, ainda que possam recuar ao período almóada¹⁷².

Finalmente, o subgrupo K integra essencialmente objectos utilizados para o serviço à mesa, como tigelas cónicas, tigelas hemisféricas, pratos e pequenos jarros, além de candeias de pé (fig. 61). Estas peças são esmaltadas em ambas as superfícies e decoradas com pintura a azul cobalto, turquesa e reflexo metálico. A coloração da pasta e os motivos decorativos apontam para que sejam importações nasridas. O fragmento AZ100-013 tem paralelo nos exemplares granadinos em azul e dourado do século XIV¹⁷³. Os fragmentos AZ100-195 e AZ100-199, com pintura a azul e dourado, também se enquadram em produções nasridas do século XIV ou XV, conforme exemplares semelhantes encontrados em Ceuta¹⁷⁴.

5.3. Cerâmicas das camadas 2 a 6 (S100)

As cerâmicas recuperadas nos níveis inferiores da sondagem 100 apresentam muitas semelhanças com

el-Seghir¹⁶⁷, celles du XIV^e siècle de Malaga¹⁶⁸, celles du milieu de ce siècle à Almería¹⁶⁹, celles du type 11 de Cártama du dernier quart du XIV^e à la première décennie du XV^e siècle¹⁷⁰, ou les marmites 1A du XIV^e siècle de Kouass¹⁷¹. Les marmites d’Azemmour sont donc caractéristiques du XIV^e siècle, bien qu’elles puissent remonter à la période almohade¹⁷².

Enfin, le sous-groupe K intègre essentiellement des objets pour le service de table, comme des coupes tronconiques et hémisphériques, des plats, des petites jarres et des lampes à huile avec pied (fig. 61). Ces céramiques sont émaillées sur les deux surfaces et décorées avec une peinture en bleu cobalt, turquoise et lustre métallique doré. La coloration de la pâte et les motifs décoratifs indiquent que la plupart sont

170. Francisco Melero García, «La cerámica de época...» cit., pp. 166-167.

171. Thierry Jullien, Mohamed Kbir Alaoui, Virginie Bridoux, Abdelfattah Ichkhakh, Emeline Grisoni, Céline Brun, Séverine Leclercq, Hicham Hassini e Halima Naji, «Les céramiques mérinides de Kouass...», pp. 794-795 e 802.

172. Isabel Flores Escobosa e M.^a del Mar Muñoz Martín, «Cerámica nazari...» cit., p. 269.

173. Isabel Flores Escobosa e M.^a del Mar Muñoz Martín, «Cerámica nazari...» cit., pp. 251-252.

174. Emilio Fernandez Sotelo, *Sala Municipal de Arqueología – Ceuta. Guía – Catálogo*, Ceuta, Museo Municipal, 1980, p. 97 (est. LIV).

167. André Teixeira, Abdelatif El-Boudjay, Joana Bento Torres, Antonia González Tinturé, Kaoutar El-Baljani et Sónia Gabriel, «L’evolution de l’habitat...» cit., pp. 70-71.

168. Juan Bautista Salado Escaño, Antonio Rambla Torralvo et José Mayorga Mayorga, «Nuevas aportaciones sobre cerámica de época nazari en la ciudad de Málaga», in *Cerámica Nazari y Marini...* cit., pp. 232 et 247.

169. Isabel Flores Escobosa e M.^a del Mar Muñoz Martín, «Cerámica nazari (Almería, Granada y Málaga). Siglos XIII-XIV», in Chris Gerrad, Alejandra Gutiérrez et Alan Vince (éd.), *Spanish medieval ceramics in Spain and the British Isles* (BAR International Series, 610), Oxford, Archaeopress, 1995, pp. 268-269; M.^a del Mar Muñoz Martín, Manuel Dominguez Bedmar et José Ramón Ramos Díaz, «Hisn Nisar (Nijar): la cerámica de los siglos XIII-XVI», in *Almería entre culturas (siglos XIII-XVI)*, Almería, Instituto de Estudios Almerienses, 1990, vol. 1, pp. 122-123.

170. Francisco Melero García, «La cerámica de época...» cit., pp. 166-167.

171. Thierry Jullien, Mohamed Kbir Alaoui, Virginie Bridoux, Abdelfattah Ichkhakh, Emeline Grisoni, Céline Brun, Séverine Leclercq, Hicham Hassini et Halima Naji, «Les céramiques mérinides de Kouass...», pp. 794-795 e 802.

172. Isabel Flores Escobosa e M.^a del Mar Muñoz Martín, «Cerámica nazari...» cit., p. 269.



Fig. 61 – Tigela cónica / Coupes tronconiques: AZ100-007. Tigelas hemisféricas / Coupes hémisphériques: AZ100-018, AZ100-199, AZ101-003. Jarros / Jarres: AZ100-013, AZ100-195. Candeia / Lampe à huile: AZ101-010.

as acima referidas, como mencionado. Dividindo-se novamente nos dois grupos de cerâmica não-vidrada e vidrada, regista-se uma menor diversidade de subgrupos representados, além de formas distintas e uma maior percentagem de peças com defeitos de fabrico.

O subgrupo A integra sobretudo formas para conservação, armazenamento e transporte de produtos, como as jarras¹⁷³, os cântaros e os pequenos jarros, por vezes decorados com linhas ou bandas concêntricas pintadas no bordo a vermelho ou negro (fig. 62). Destaque para o fragmento AZ100-235, que poderá pertencer ao bojo de um pequeno jarro pintado a negro, do tipo *jarritas esgrafiadas*, ainda que não seja visível a decoração incisa (fig. 62); o seu padrão

173. AZ100-298, AZ100-314 e AZ100-228 com são claros vestígios de produção.

probablement des importations nasrides. Le fragment AZ100-013 a un parallèle avec des objets bleu et doré du XIV^e siècle à Grenade¹⁷³. Les tessons AZ100-195 et AZ100-199, peints en bleu et doré, s'intègrent aussi dans les productions nasrides du XIV^e ou XV^e siècle, selon les exemples similaires trouvés à Ceuta¹⁷⁴.

5.3. Les céramiques des couches 2 à 6 (S100)

Les céramiques découvertes dans les niveaux inférieurs du sondage 100 présentent de nombreuses similitudes avec celles mentionnées ci-dessus. En se répartissant à nouveau entre les deux groupes de céramiques non-glaçurées et glaçurées, on observe

173. Isabel Flores Escobosa et M.^a del Mar Muñoz Martín, « Cerámica nazarí... » cit., pp. 251-252.

174. Emilio Fernandez Sotelo, *Sala Municipal de Arqueología – Ceuta. Guía – Catálogo*, Ceuta, Museo Municipal, 1980, p. 97 (est. LIV).



Fig. 62 – Jarras / Jarres: AZ100-254 (Ø19cm), AZ100-318 (Ø17cm), AZ100-326 (Ø17cm), AZ100-298 (Ø16cm), AZ100-314, AZ100-223 (Ø16cm), AZ100-215 (Ø15cm), AZ100-283 (Ø15cm), AZ100-228. Cântaros / Cruches: AZ100-255 (Ø8,5cm), AZ100-297 (Ø9,5cm). Pequenos jarros / Petites Jarros / Jarres: AZ100-300 (Ø8,5cm), AZ100-319, AZ100-236 (Ø5,2cm), AZ100-270 (Ø7,5cm).

decorativo tem, contudo, paralelo no tipo IX de Ceuta, datado desde o último terço do século XIII até finais do século XIV¹⁷⁶, bem como em exemplares de Granada do século XIII, de Almería dos séculos XIII a XIV¹⁷⁷ ou de Belyounesh desta última centúria¹⁷⁸. A exemplo do que sucede nos níveis superiores, surgem também formas de mesa, como tigelas hemisféricas e cónicas, além de pratos (fig. 63)¹⁷⁹. Deve mencionar-se que as tigelas, as jarras e os pequenos jarros deste subgrupo constituem, em alguns casos, cerâmica em biscoito que não chegou a ser vidrada, dada a sua semelhança com exemplares do subgrupo H. Estão ainda representados os coadores, que associamos a cuscuzadeiras, as candeias, os testos de pequena dimensão, que deveriam servir para tapar cântaros ou pequenos jarros, e os alcatruzes (fig. 63)¹⁸⁰, próximos dos encontrados em Sevilha e datados dos séculos XII e XIII¹⁸¹.

No subgrupo B as peças são tendencialmente mais robustas e de maiores dimensões. Incluem-se sobretudo alguidares, tigelas e bacias, tendo os primeiros e as segundas por vezes decoração esquemática pintada a vermelho ou negro (fig. 64). Surge ainda um pequeno recipiente feito a torno que poderá ser um copo com pega, semelhante a formas encontradas num centro produtor oleiro do século XIV de Ceuta¹⁸². O subgrupo C apresenta alguidares, parte deles com as superfícies internas engobadas e brunidas. Foi também considerado neste grupo um exemplar singular de bacia, tendo decoração incisa no exterior e brunido no interior (fig. 65).

Os subgrupos D e E concentram objectos utilizados para a confecção alimentar, como se atesta, nalguns casos, pelas marcas de fogo nas suas superfícies. Os motivos decorativos centram-se na criação de padrões com linhas incisas. Genericamente, as formas têm grande semelhança com as do estrato superior, embora o primeiro grupo esteja muito menos repre-

moins de diversité des sous-groupes représentés, de formes distinctes et d'un pourcentage plus élevé de pièces présentant des défauts de fabrication.

Le sous-groupe A comprend surtout des formes pour la conservation, l'emmagasiner et le transport de produits, tels que les jarres¹⁷⁵, les cruches et les petites jarres, parfois décorées avec des lignes ou des bandes sur le bord, peintes en rouge ou noir (fig. 62). Il faut distinguer le fragment AZ100-235, qui peut appartenir à une panse d'une petite jarre peinte en noir du type *jarritas esgrafiadas*, bien que le décor incisé ne soit pas visible (fig. 62); cependant, son motif décoratif a un parallèle dans le type IX de Ceuta, daté du dernier tiers du XIII^e siècle jusqu'à la fin du XIV^e siècle¹⁷⁶, ainsi que dans les céramiques de Grenade du XIII^e siècle, d'Almería du XIII^e aux XIV^e siècles¹⁷⁷, ou de Belyounesh de ce dernier siècle¹⁷⁸. Comme dans les niveaux supérieurs du sondage, ici sont aussi présentes des formes utilisées à table, telles que les coupes hémisphériques ou tronconiques et les plats (fig. 63)¹⁷⁹. Il faut mentionner que les coupes, les jarres et les petites jarres de ce sous-groupe constituent, dans certains cas, de la céramique en biscuit qui n'a pas été encore glaçurée, compte tenu de leur similitude avec les tessons du sous-groupe H. Nous contemplons également des passoires, que nous associons à des couscoussières, des lampes à huile, des petits couvercles, qui devraient être utilisés pour couvrir des cruches ou des petites jarres, et des godets de noria (fig. 63)¹⁸⁰, semblables à ceux qui ont été trouvés à Séville et datant des XII^e-XIII^e siècles¹⁸¹.

Dans le sous-groupe B, on observe des objets de plus grande dimension et plus robustes. Nous identifions surtout des bassins, les coupes et des bassines, les premiers et les deuxièmes ayant parfois une décoration schématique peinte en rouge ou noire (fig. 64). On identifie aussi un petit récipient fait au tour, qui pourrait être un verre avec une aile, similaire aux

176. José Manuel Hita Ruiz e Fernando Villada Paredes, «Producción y comercialización de la cerámica esgrafiada y pintada en el ámbito del Estrecho de Gibraltar. El caso de Ceuta», *Almoraima*, 42, 2011, pp. 225-226; José Manuel Hita Ruiz, Carlos Posac Mon e Fernando Villada Paredes, «La cerámica esgrafiada y pintada del museo de Ceuta», in *Transferències i comerç de ceràmica a l'Europa mediterrània*, Maiorca, Institut d'Estudis Baleàrics, 1997, pp. 61-62 e 68.

177. Isabel Flores Escobosa e M.^a del Mar Muñoz Martín, «Cerámica nazarí...» cit., pp. 247-249.

178. Micheline Grenier Cardenal, «Recherches sur la céramique...» cit., pp. 246-249.

179. AZ100-281 e AZ100-316 são claros vestígios de produção.

180. AZ100-275 é um claro vestígio de produção.

181. Manuel Vera Reina e Pina López Torres, *La cerámica medieval sevillana...* cit., pp. 111-112.

182. José Manuel Hita Ruiz e Fernando Villada Paredes, «Una aproximación al estudio...» cit., pp. 304 e 315.

175. AZ100-298, AZ100-314 et AZ100-228 sont des vestiges évidents de production.

176. José Manuel Hita Ruiz et Fernando Villada Paredes, «Producción y comercialización de la cerámica esgrafiada y pintada en el ámbito del Estrecho de Gibraltar. El caso de Ceuta», *Almoraima*, 42, 2011, pp. 225-226; José Manuel Hita Ruiz, Carlos Posac Mon et Fernando Villada Paredes, «La cerámica esgrafiada y pintada del museo de Ceuta», in *Transferències i comerç de ceràmica a l'Europa mediterrània*, Majorque, Institut d'Estudis Baleàrics, 1997, pp. 61-62 e 68.

177. Isabel Flores Escobosa et M.^a del Mar Muñoz Martín, «Cerámica nazarí...» cit., pp. 247-249.

178. Micheline Grenier Cardenal, «Recherches sur la céramique...» cit., pp. 246-249.

179. AZ100-281 et AZ100-316 sont des vestiges évidents de production.

180. AZ100-275 est un vestige évident de production.

181. Manuel Vera Reina e Pina López Torres, *La cerámica medieval sevillana...* cit., pp. 111-112.

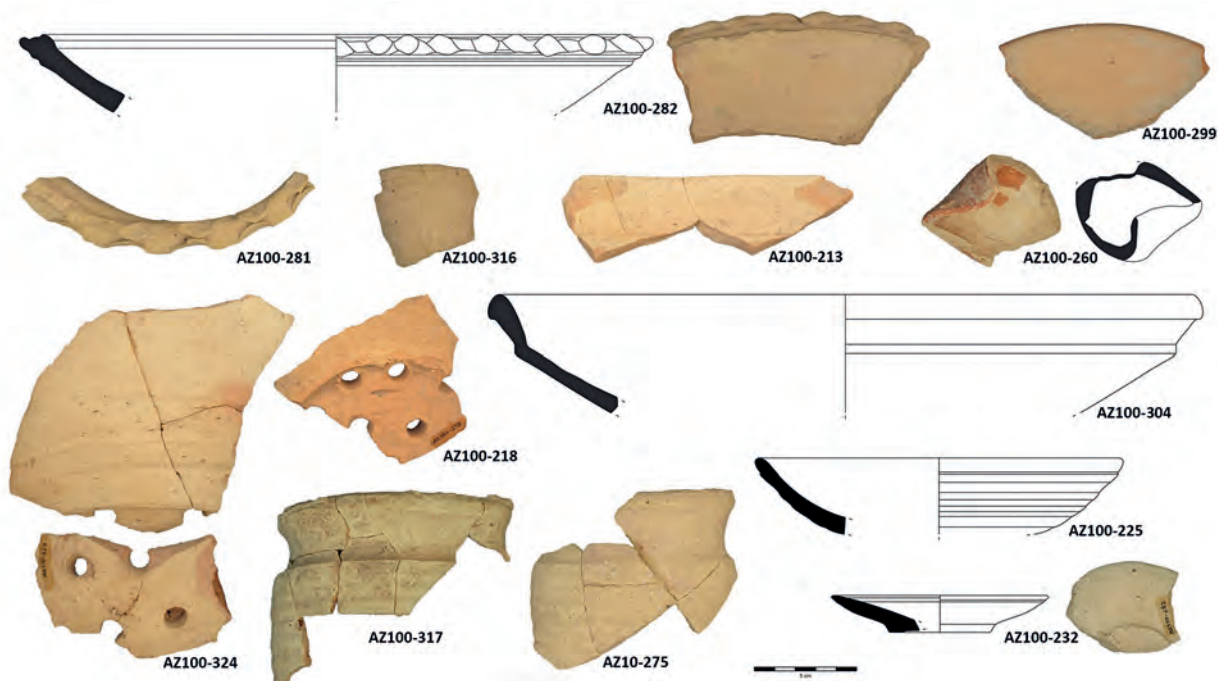


Fig. 63 – Tigelas hemisféricas / Coupes hémisphériques: AZ100-282 (Ø29cm), AZ100-299 (Ø20cm), AZ100-281, AZ100-316. Tigelas cónicas / Coupes tronconiques: AZ100-213 (Ø26cm), AZ100-304 (Ø34cm). Prato / Plat: AZ100-225 (Ø19cm). Cuscuzzeiras / Cous-coussières: AZ100-218, AZ100-231, AZ100-324. Candeia / Lampe à huile: AZ100-260 (Ø5,6cm). Tampa / Couverture: AZ100-232 (Ø10,5cm). Alcatruzes / Godets de noria: AZ100-275 (Ø10cm), AZ100-317.

sentado que o segundo. Distinguem-se painéis, caçoilas, bacias e fogareiros no subgrupo D e painéis, caçoilas e fogareiros no subgrupo E; neste último caso regista-se um elemento modelado que não lográmos classificar (fig. 66).

No que reporta à cerâmica vidrada das camadas 2 a 6 da sondagem 100, notam-se alterações face aos níveis superiores. Desde logo, surgiram apenas os subgrupos H, J e K, com as mesmas características acima mencionadas, identificando-se uma peça totalmente diferente, que constituiu o subgrupo L.

O subgrupo H integra tigelas hemisféricas, algumas com digitações no bordo, tigelas cónicas¹⁸³ (fig. 67), cântaros e jarras, parte delas semelhantes aos *cruches* do século XIV de Belyounesh (AZ100-273)¹⁸⁴, outras com perfil similar a formas almóadas (AZ100-320)¹⁸⁵ (fig. 68). A pequena jarra AZ100-249 distingue-se dos demais exemplares pelos motivos pintados a negro, complementados por elementos vidrados a verde, enquadrando-se na técnica da corda seca parcial (fig. 68). Como mencionado, algumas destas formas têm semelhanças com exemplares do subgrupo A. O subgrupo J inclui painéis de forma globular e bordo

183. AZ100-240 é o único fragmento claro de uma tentativa de produção de tigela cónica neste nível mais antigo. AZ100-258 é um vestígio de produção de tigela hemisférica ou cónica.

184. Micheline Grenier Cardenal, «Recherches sur la céramique...» cit., pp. 236 e 238.

185. Juan Zozaya, «Aperçu général...» cit., pp. 283-284.

formas encontradas em um centro de produção de cerâmica do século XIV em Ceuta¹⁸².

O subgrupo C compreende bacias, das quais uma parte com as superfícies internas engobadas e brunidas. Um fragmento único de bacia também foi considerado neste conjunto, com uma decoração entalhada no exterior e brunimento no interior (fig. 65).

Os subgrupos D e E concentram objetos utilizados na cozinha, como testemunha, em certos casos, as marcas de fogo nas suas superfícies. Os motivos decorativos são limitados a motivos com linhas entalhadas. De uma maneira geral, as formas são muito próximas das da camada superior, embora o primeiro grupo seja muito menos representado que o segundo. Consideram-se panelas, panelas, panelas e panelas no subgrupo D e panelas, panelas e panelas no subgrupo E; neste último caso, há um elemento modelado que não conseguimos classificar (fig. 66).

Em relação à cerâmica esmaltada das camadas 2 a 6 da sondagem 100, observa-se diferenças em relação aos níveis superiores: apenas os subgrupos H, J e K são representados, com as mesmas características mencionadas acima, identificando-se um elemento totalmente diferente, que constituía o subgrupo L.

O subgrupo H compreende coupes hemisféricas (certas com impressões digitais na

182. José Manuel Hita Ruiz et Fernando Villada Paredes, «Una aproximación al estudio...» cit., pp. 304 e 315.

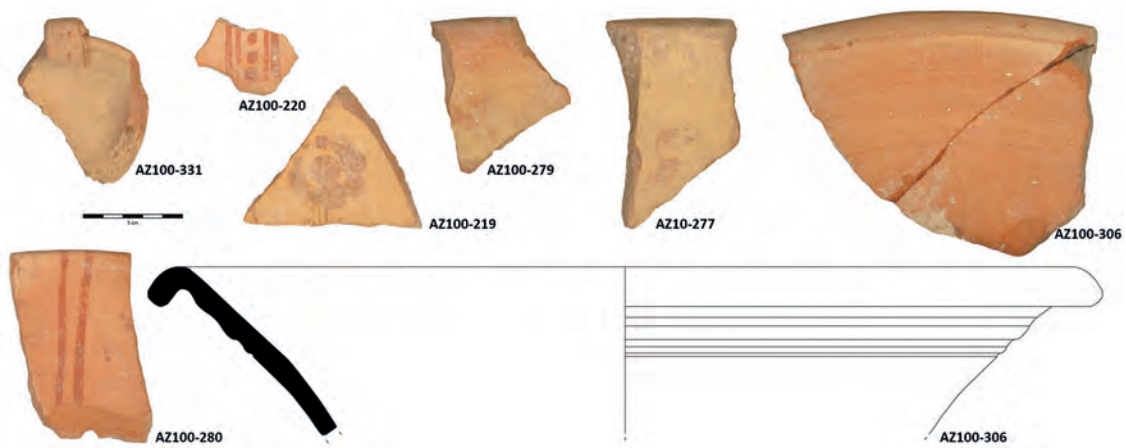


Fig. 64 – Alguidares / Bassins: AZ100-219, AZ100-220, AZ100-279, AZ100-306 (Ø48cm). Bacia / Bassine: AZ100-277. Tigela / Coupe: AZ100-280 (Ø30cm). Copo / Gargoulette: AZ100-331.

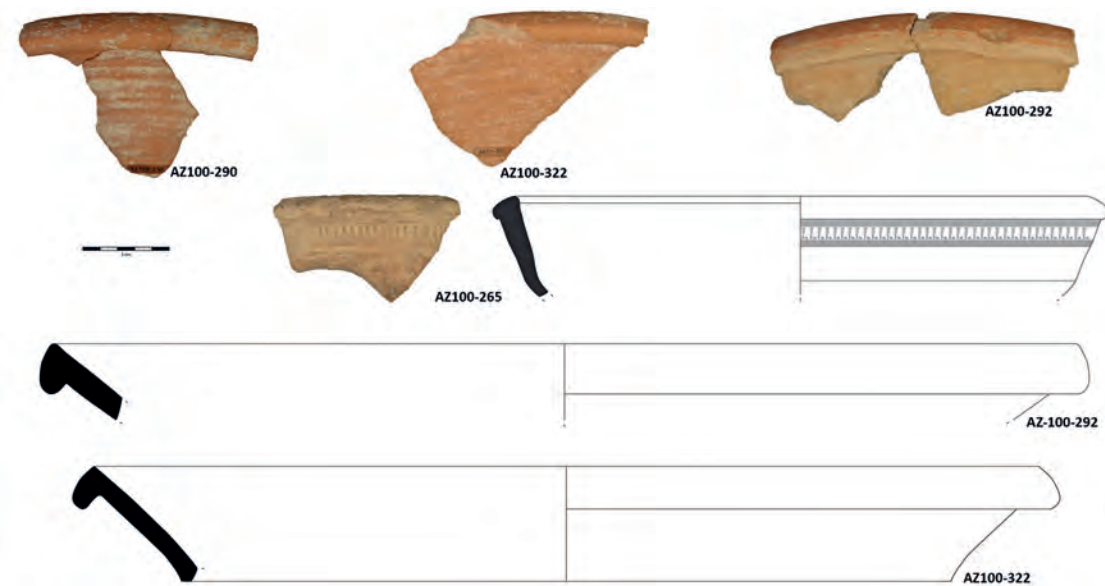


Fig. 65 – Alguidares / Bassins: AZ100-290 (Ø39cm), AZ100-292 (Ø59cm), AZ100-322 (Ø54cm). Bacia / Bassine: AZ100-265 (Ø33cm).

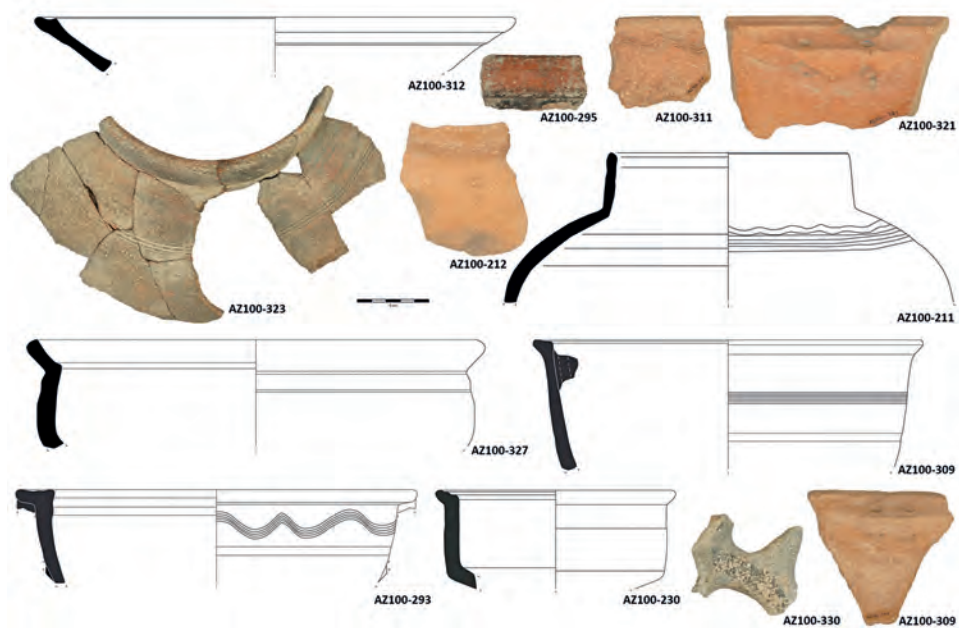


Fig. 66 – Subgrupo D / Sous-groupe D [Panela / Marmite: AZ100-295. Bacia / Bassine: AZ100-311 (Ø29,5cm). Caçoila / Casserole: AZ100-312 (Ø33,5cm). Fogareiro / Brasero: AZ100-321 (Ø28cm)]. Subgrupo E / Sous-groupe E [Panelas / Marmites: AZ100-211 (Ø16,5cm), AZ100-212 (Ø15cm), AZ100-323 (Ø17cm). Caçoila / Casseroles: AZ100-327 (Ø31,5cm), AZ100-293 (Ø28cm), AZ100-230 (Ø21cm). Fogareiro / Brasero: AZ100-309 (Ø20cm). Indeterminado / Indéterminé: AZ100-330].

curto e caçoilas de tendência hemisférica e bordo bífido de onde partem pequenas asas verticais, peças vidradas internamente e na zona do bordo a laranja, castanho ou esverdeado, tendo sinais de intensa utilização ao fogo (fig. 69). Estas formas são semelhantes às encontradas em contextos merínidas do Norte de África, como os *plats creux* e as *marmites* trecentistas de Belyounesh¹⁸⁶, as *cazuelas* merínidas de Ceuta¹⁸⁷ e as *casseroles 1A* do século XIV de Kouass¹⁸⁸.

No que toca ao subgrupo K registou-se apenas uma redoma com vidro estanífero na superfície externa, sobre o qual se pintaram motivos azuis e outros, já pouco visíveis, em reflexo dourado (fig. 70), peça com paralelo em níveis do século XIV de Málaga¹⁸⁹.

Finalmente, o subgrupo L inclui somente uma tigela (AZ100-247) de difícil classificação (fig. 70). Não parece que se utilize vidro estanífero, mas antes um engobe bege/branco na superfície interna, revestindo-se posteriormente toda a peça com um vidro plumbífero; isto justificaria o tom amarelado que o vidro apresenta na superfície externa (onde não se aplicou o engobe bege/branco). A decoração de linhas concêntricas em castanho terá sido feita por cima do engobe, o que poderia explicar o seu tom baço na superfície interna, por oposição à coloração mais escura que apresenta um escorrimento na superfície externa. Esta peça poderá corresponder a proto-majólicas do final do século XIII e inícios do XIV da região da Ligúria e da Toscana¹⁹⁰, uma hipótese que lançamos com grandes reservas.

5.4. Olaria e habitat: testemunhos cerâmicos

O conjunto detectado nas sondagens 100 e 101, junto à muralha em taipa na zona a Sul da medina actual,

186. Micheline Grenier Cardenal, «Recherches sur la céramique...» cit., pp. 230, 234 e 238.

187. José Manuel Hita Ruiz e Fernando Villada Paredes, «Una aproximación al estudio...», pp. 303 e 320.

188. Thierry Jullien, Mohamed Kbir Alaoui, Virginie Bridoux, Abdelfattah Ichkhakh, Emeline Grisoni, Céline Brun, Séverine Leclercq, Hicham Hassini e Halima Naji, «Les céramiques mérinides de Kouass...», pp. 794-795 e 802.

189. Isabel Flores Escobosa e M.^a del Mar Muñoz Martín, «Cerámica nazari...» cit., pp. 264-265.

190. Luigi Di Cosmo, Federico Marazzi e Silvia Santorelli, «Rupe Canina (S. Angelo di Alife – CE): dal villaggio incastellato alla roca signorile? Primi dati per una valutazione archeologica», *Archeologia Medievale*, XXXIII, 2006, p. 368; Gaetana Liuzzi, «La ceramica da Monte Santa Croce», in Caelo Ebanista e Marcello Rotili (coord.), *Territorio, Insediamenti e Necropoli fra Tarda Antichità e Alto Medioevo*, Nápoles, Rogiosi Editore, 2016, pp. 618-620; Nicola Busino e Gaetana Liuzzi, «La ceramica da Monte Santa Croce (Piana di Monte Verna, CE): indicatori cronologici e sociali di un complesso religioso di area campana», in Margherita Ferri, Cecilia Moine e Lara Sabbionesi (coord.), *In&Around. Ceramiche e comunità. Secondo convegno temático dell'AIECM3*, Florença, All'Insegna del Giglio, 2016, p. 178.

bord), des coupes coniques¹⁸³ (fig. 67), des cruches et des jarres, dont une partie avec parallèle aux cruches de Belyounesh¹⁸⁴, autre avec un profil similaire aux formes almohades¹⁸⁵ (fig. 68). La petite jarre AZ100-249 se distingue des autres tessons par les motifs peints en noir, complétés par des éléments glaçurés verts, s'encadrant dans la technique de la *cuerda seca parcial* (fig. 68). Comme mentionné, certaines de ces formes présentent des similitudes avec ceux du sous-groupe A.

Le sous-groupe J intègre des marmites globulaires et avec bords courts et des casseroles hémisphériques et de bords bifides avec petites ailes verticales; elles sont glaçurées à l'intérieur et sur les bords en orange, brune ou verdâtre, avec des marques d'utilisation intense au feu (fig. 69). Ces formes sont similaires à celles trouvées dans des contextes mérinides en Afrique du Nord, tels que les plats creux et les marmites du XIV^e siècle de Belyounesh¹⁸⁶, les *cazuelas* mérinides de Ceuta¹⁸⁷ et les casseroles XIV^e siècle 1A de Kouass¹⁸⁸.

Concernant le sous-groupe K nous avons considéré seulement une *redoma* couverte-avec glaçure stannifère à l'extérieur, sur laquelle des motifs bleus et dorés ont été peintes (ces derniers à peine visibles) (fig. 70), une céramique avec des parallèles dans des niveaux du XIV^e siècle de Málaga¹⁸⁹.

Enfin, le sous-groupe L comprend une seule coupe (AZ100-247) difficile à classer (fig. 70). Il ne semble pas que la glaçure stannifère ait été utilisée, mais plutôt un engobe beige/blanc appliqué sur la surface interne, après quoi toute la céramique a été enduite d'une glaçure de plomb; cela justifierait le ton jaunâtre que la glaçure présente sur la surface externe (là où l'engobe n'a pas été appliqué). Le décor de lignes concentriques brunes aura été réalisé sur l'engobe, ce qui pourrait expliquer l'apparence pâle sur la surface intérieure, par opposition à la couleur plus foncée qui présente un ruissellement sur la surface extérieure. Cette pièce peut correspondre à des proto-majoliques

183. AZ100-240 est le seule tesson évident d'un essai de production de coupe tronconique dans ce niveau plus ancienne. AZ100-258 est un vestige de production de coupe hémisphérique ou tronconique.

184. Micheline Grenier Cardenal, «Recherches sur la céramique...» cit., pp. 236 e 238.

185. Juan Zozaya, «Aperçu général...» cit., pp. 283-284.

186. Micheline Grenier Cardenal, «Recherches sur la céramique...» cit., pp. 230, 234 e 238.

187. José Manuel Hita Ruiz et Fernando Villada Paredes, «Una aproximación al estudio...», pp. 303 e 320.

188. Thierry Jullien, Mohamed Kbir Alaoui, Virginie Bridoux, Abdelfattah Ichkhakh, Emeline Grisoni, Céline Brun, Séverine Leclercq, Hicham Hassini et Halima Naji, «Les céramiques mérinides de Kouass...», pp. 794-795 e 802.

189. Isabel Flores Escobosa e M.^a del Mar Muñoz Martín, «Cerámica nazari...» cit., pp. 264-265.

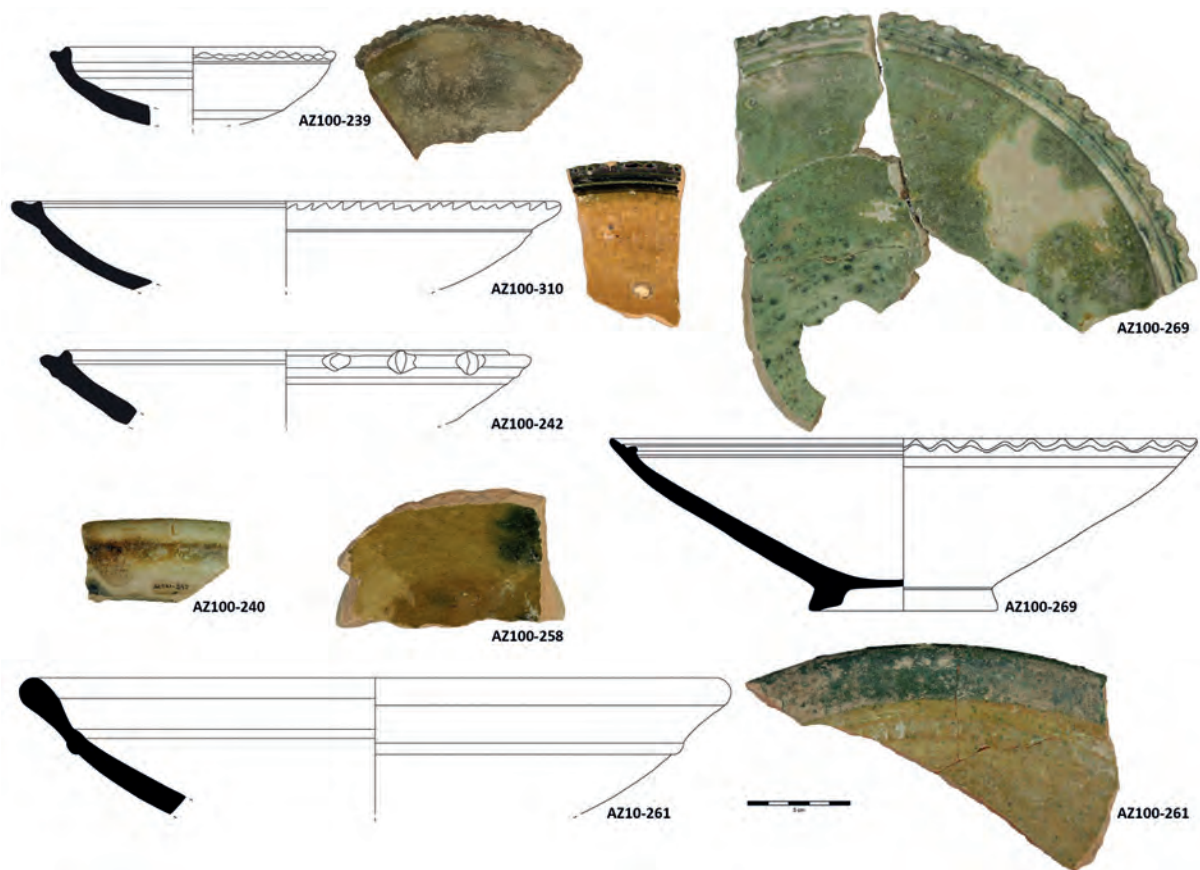


Fig. 67 – Tigelas hemisféricas / Coupes hémisphériques: AZ100-239 (Ø12,5cm), AZ100-242 (Ø21,5cm), AZ100-261 (Ø34cm), AZ100-269 (Ø28,5cm), AZ100-310 (Ø26,5cm). Tigela cônica / Coupe tronco-nique: AZ100-240 (Ø30cm). Tigela / Coupe: AZ100-258.



Fig. 68 – Jarras / Jarres: AZ100-273 (Ø8,5cm), AZ100-325 (Ø5cm), AZ100-320 (Ø12cm). Cântaros / Cruches: AZ100-262 (Ø8cm), AZ100-302 (Ø10,5cm). Pequena jarra / Petite jarre: AZ100-249.



Fig. 70 – Redoma: AZ100-248. Tigela / Coupe: AZ100-247.

permitiu reconhecer cerâmicas com diversas proveniências, embora por vezes os dados sejam escassos e as classificações não mais que hipóteses.

Em primeiro lugar, identificaram-se cerâmicas produzidas nas imediações da área intervencionada, correspondentes seguramente aos subgrupos A e H. Foram reconhecidos inúmeros exemplares deformados ou com outras imperfeições de muitas das suas formas, tanto em biscoito como vidradas, o que mostra que são refugio de uma actividade oleira existente nas proximidades. Esta realidade está igualmente documentada pela recolha nestas sondagens de utensílios de forno, como trempes triangulares e circulares, ou pedaços de argila cozida. Destaque-se ainda a semelhança destas cerâmicas com as que foram recolhidas no interior de um forno oleiro que se situava nas proximidades e hoje desaparecido, reconhecido por um de nós no âmbito de um trabalho de prospecção anterior¹⁹¹; estes permaneciam inéditos, razão pela qual os reproduzimos aqui (fig. 71).

As peças fabricadas neste local de Azamor têm cores claras, entre o bege e o amarelo, ou um pouco mais escuras, entre o bege e o laranja. Segundo os resultados laboratoriais, independentemente destas variações, estas pastas são idênticas; caracterizam-se por serem calcárias e as suas inclusões mais visíveis e comuns serem os elementos de calcite e quartzo, tendo sido cozidas a temperaturas superiores a

191. Abdallah Fili e Azzeddine Karra, «Evolution urbaine...» cit.



Fig. 69 – Panela / Marmite: AZ100-229. Caçoila / Casserole: AZ100-263 (Ø28 cm).

de la fin du XIII^e et du début du XIV^e siècle fabriquée dans la région de la Ligurie et de la Toscane¹⁹⁰, hypothèse que nous proposons avec de grands doutes.

5.4. Poterie et habitat : vestiges céramiques

La recherche sur les céramiques découvertes dans les sondages 100 et 101, à côté de la muraille en pisé dans la zone sud de la médina actuelle, indique leurs différentes origines, même si parfois les données sont rares et les classifications ne sont que des hypothèses. Un premier groupe correspond à des céramiques produites à proximité de la zone fouillée. Les sous-groupes A et H s'intègrent sûrement dans cet ensemble. De nombreux tessons déformés ou avec d'autres imperfections de plusieurs formes ont été reconnus, soit en biscuit, soit glaçurés, ce qui montre qu'ils sont des déchets d'une activité de poterie existante à proximité. Cette réalité est également documentée par la collecte dans ces sondages d'ustensiles de four de potier, tels que les pernettes, triangulaires et circulaires, ou les morceaux d'argile cuite. Il faut aussi noter la similitude de ces formes céramiques avec celles qui ont été trouvées à l'intérieur d'un four de potier situé à proximité et aujourd'hui disparu, reconnu par l'un de nous pendant un travail de prospection antérieur¹⁹¹; ces matériaux sont restés inédits, ce qui nous a conduit à les reproduire ici (fig. 71).

Les céramiques fabriquées dans ce lieu d'Azemmour ont des couleurs claires, entre le beige et le jaune, ou un peu plus foncé, entre le beige et l'orange. D'après les résultats du laboratoire, quelles que soient ces variations, ces pâtes sont identiques; elles sont calcaires et leurs inclusões les plus visibles et les plus courantes sont les éléments de calcite et de

190. Luigi Di Cosmo, Federico Marazzi et Silvia Santorelli, «Rupe Canina (S. Angelo di Alife – CE): dal villaggio incastellato alla roca signorile? Primi dati per una valutazione archeologica», *Archeologia Medievale*, XXXIII, 2006, p. 368; Gaetana Liuzzi, «La ceramica da Monte Santa Croce», in Caelo Ebanista et Marcello Rotili (éd.), *Territorio, Insediamenti e Necropoli fra Tarda Antichità e Alto Medioevo*, Napoli, Rogiosi Editore, 2016, pp. 618-620; Nicola Busino et Gaetana Liuzzi, «La ceramica da Monte Santa Croce (Piana di Monte Verna, CE): indicatori cronologici e sociali di un complesso religioso di area campana», in Margherita Ferri, Cecilia Moine et Lara Sabbionesi (éd.), *In&Around. Ceramiche e comunità. Secondo convegno tematico dell'AIEM3*, Florence, All'Insegna del Giglio, 2016, p. 178.

191. Abdallah Fili et Azzeddine Karra, «Évolution urbaine...» cit.

800¹⁹². Os objectos foram realizados a torno, sendo a grande maioria utilizada à mesa, ou em menor número na conservação e transportes de alimentos, incluindo tigelas (cónicas e hemisféricas), pratos, pequenos jarros, jarras e cântaros, além de alcatruzes e candeias. Destacam-se as peças com vidro verde ou vidro amarelo/melado e verde na mesma peça, uma conjugação cromática pouco comum noutros contextos arqueológicos coevos, mas que ainda assim ocorre, por exemplo no *vertedero* de Cártama (Málaga), datado entre o terceiro quartel do século XIII e o primeiro da centúria seguinte¹⁹³. De um modo geral, todas estas cerâmicas carecem de paralelos, devido à escassez de escavações arqueológicas sistemáticas para o período medieval nesta região marroquina. Por esta razão, apoiamo-nos em semelhanças meramente formais, acima referidos, que apenas nos permitem apontar uma cronologia aproximada. Assim, notam-se semelhanças de muitos modelos locais com peças de arqueossítios merínidas, sobretudo do século XIV, embora por vezes mantendo tradições estéticas e tecnológicas almóadas. A concentração de comparações com sítios da orla mediterrânea ou do Garbe resulta essencialmente da maior actividade arqueológica nesta região para esta época. No actual estado dos nossos conhecimentos é impossível avaliar a dimensão e alcance desta produção oleira de Azamor. Situando-se numa zona periférica da cidade almóada e merínida, como habitual nos núcleos urbanos coevos, poderia servir apenas para seu auto-abastecimento, mas também exportar para outras localidades, a exemplo do que sucede noutras casos¹⁹⁴. É assunto sobre o qual não temos, por ora, quaisquer dados. Registamos apenas a existência de uma tradição oleira nesta cidade, patente em dados arqueológicos e levantamentos etnográficos, ambos pontuais. No que toca à arqueologia, detectámos contextos bem preservados com cerâmicas dos séculos XVII e XVIII noutras escavações da medina de Azamor, que nos permitiram apresentar uma pri-

192. Rute Correia Chaves, Augusta Lima, João Coroado, André Teixeira, Márcia Vilarigues, Nuno Leal, Azzeddine Karra e António M. Monge Soares, «Medieval and early modern...» cit., pp. 1157-1159. Um testemunho etnográfico de meados do século XX refere que os oleiros ainda activos reconheciam aqui [«os veios de argila amarela que aparecem nas abóbas das cavidades a delimitar placas de barro vermelho»], o que mostra a existência de argilas com tonalidades diversas. Ver Nicole A. Martinez, «Notes sur la poterie et les potiers d’Azemmour», *Journal de la Société des Africanistes*, tome 35, fascicule 2, 1965, p. 253.

193. Francisco Melero García, «La cerámica de época...» cit., pp. 163-164.

194. Abdallah Fili, «La céramique médiévale du Maroc...» cit., p. 240.

quartz, ayant été cuites à des températures supérieures à 800¹⁹². Les objets ont été fabriqués au tour, la grande majorité étant utilisée à table, ou en moindre quantité dans la conservation et le transport des aliments, y compris des coupes coniques et hémisphériques, des plats, des petites jarres, des jarres et des cruches, en plus des godets de noria et des lampes à huile. On détache les céramiques glaçurées en vert ou jaune/miel et vert, ces dernières constituant une combinaison chromatique inhabituelle dans d’autres contextes archéologiques de la même époque, mais présente dans quelques endroits, comme le *vertedero* de Cártama (Malaga), daté entre le troisième quart du XIII^e et le premier quart du XIV^e siècle¹⁹³. En général, toutes ces céramiques manquent de parallèles, en raison de la rareté des fouilles archéologiques systématiques pour la période médiévale dans la région autour d’Azemmour. Pour cette raison, nous nous appuyons sur des similitudes purement formelles, mentionnées ci-dessus, qui ne permettent que d’indiquer une chronologie approximative. Ainsi, il existe des ressemblances de nombreux modèles locaux avec des pièces de sites archéologiques méridiques, en particulier du XIV^e siècle, bien que parfois conservant des traditions esthétiques et technologiques almohades. Les nombreuses comparaisons avec des sites de la côte méditerranéenne ou du Gharb résultent essentiellement de la plus grande activité archéologique de cette région pour cette période.

Dans l’état actuel de nos connaissances, il est impossible d’évaluer l’extension et diffusion de cette production potière d’Azemmour. Située dans une zone périphérique de la ville almohade et méridique, comme d’habitude dans les centres urbains de la même époque, elle pouvait servir seulement à son propre approvisionnement, mais elle pourrait aussi avoir été exportée vers d’autres endroits, comme c’est le cas d’autres productions¹⁹⁴. C’est une question sur laquelle nous n’avons pas de données pour le moment. On remarque seulement l’existence d’une tradition potière dans cette ville, évidente par les données archéologiques et les enquêtes ethnographiques, toutes deux ponctuelles. Concernant l’archéo-

192. Rute Correia Chaves, Augusta Lima, João Coroado, André Teixeira, Márcia Vilarigues, Nuno Leal, Azzeddine Karra et António M. Monge Soares, «Medieval and early modern...» cit., pp. 1157-1159. Un témoin ethnographique du milieu du XX^e siècle mentionne que les potiers encore actifs ici reconnaissaient «les veines de glaise jaune qui apparaissent sur les voûtes des cavités délimitent des plaques d’argile rouge», ce qui montre l’existence d’argiles aux couleurs différentes. Voir Nicole A. Martinez, «Notes sur la poterie et les potiers d’Azemmour», *Journal de la Société des Africanistes*, tome 35, fascicule 2, 1965, p. 253.

193. Francisco Melero García, «La cerámica de época...» cit., pp. 163-164.

194. Abdallah Fili, «La céramique médiévale du Maroc...» cit., p. 240.

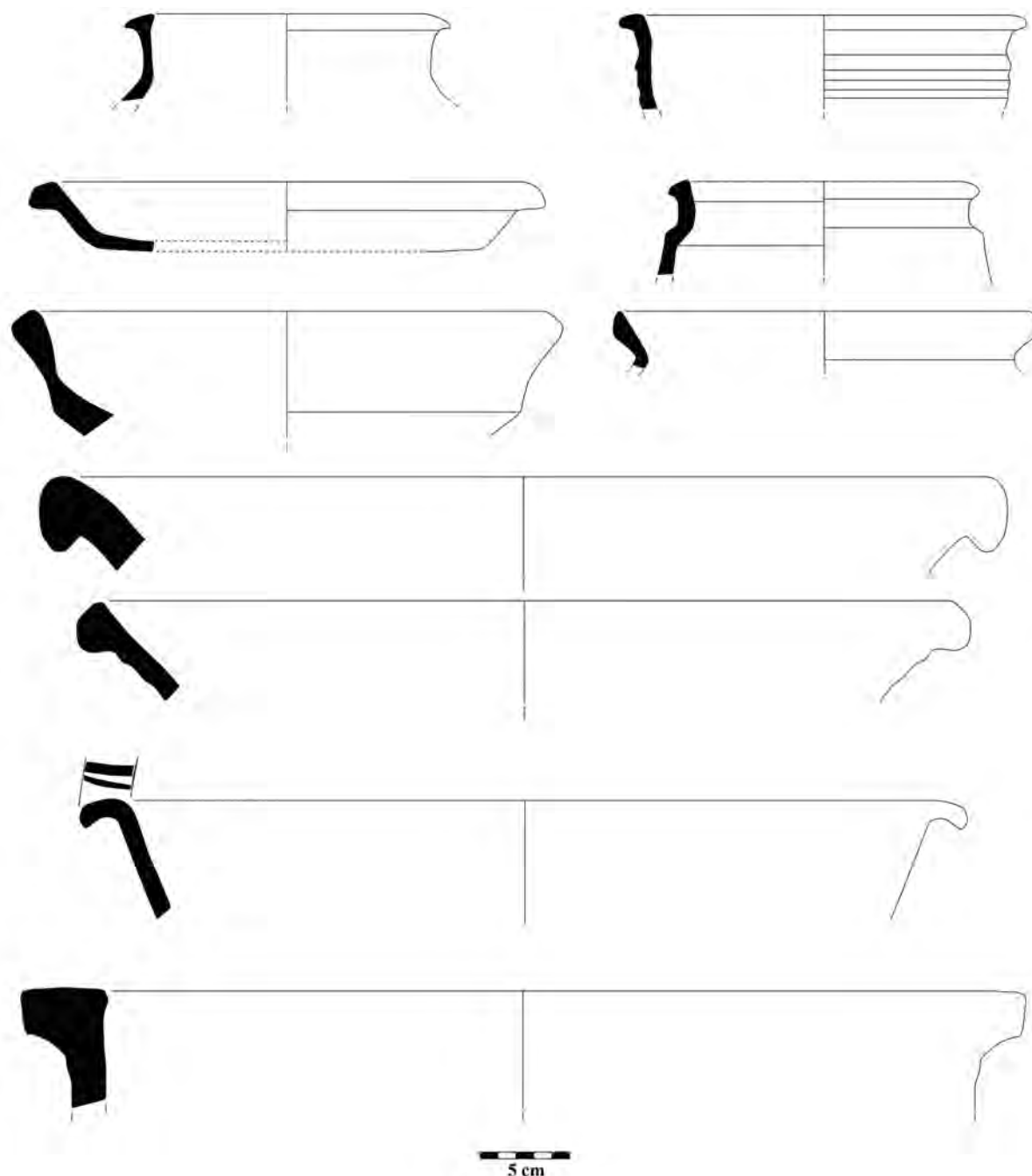


Fig. 71 – Cerâmicas recolhidas no interior de um forno oleiro situado nas proximidades da sondagem 100, durante trabalhos de Azzeddine Karra e Abdallah Fili. Céramiques qui ont été trouvées à l'intérieur d'un four de potier situé à proximité du sondage 100, pendant un travail d'Azzeddine Karra et Abdallah Fili.

meira tipologia para este período¹⁹⁵. Análises químicas revelaram que estes materiais foram produzidos com argilas e seguindo técnicas de fabrico muito idênticas aos de época medieval que aqui apresentamos, não apenas estes subgrupos A e H, como também os subgrupos D, E, F e G, a que voltaremos adiante. Assim, independentemente do que sucedeu durante os decénios de domínio português no século XVI, a

195. André Teixeira, Azzeddine Karra e Patrícia Carvalho, «Le quotidien de la ville d'Azemmour à l'époque moderne: étude des contextes archéologiques», *Arqueologia Medieval*, n.º 13, 2016, pp. 176-189.

logie, nous avons détecté des contextes bien préservés avec des céramiques du XVII^e-XVIII^e siècle dans d'autres fouilles de la médina d'Azemmour, ce qui nous a permis de présenter une première typologie pour cette période¹⁹⁵. Les analyses chimiques ont révélé que ces matériaux ont été produits avec des argiles et suivant des techniques de fabrication très proches de celles de l'époque médiévale que nous présentons ici, non seulement ces sous-groupes

195. André Teixeira, Azzeddine Karra et Patrícia Carvalho, «Le quotidien de la ville d'Azemmour à l'époque moderne: étude des contextes archéologiques», *Arqueologia Medieval*, n.º 13, 2016, pp. 176-189.

actividade oleira foi seguramente retomada nesta cidade e região após a sua partida, em moldes muito idênticos aos do período medieval¹⁹⁶. A etnografia mostra-nos que esta actividade perdurou já em época contemporânea, existindo em meados do século XIX 180 oleiros ou seus aprendizes, fabricando-se jarros, tijolos, telhas e, sobretudo, alcatruzes para noras¹⁹⁷. Os barreiros situavam-se para montante, nas margens do rio Morbeia, na direcção da área que intervençamos. A actividade caiu muito significativamente graças à industrialização, existindo em 1932 apenas 19 oleiros na cidade, caracterizados por fazerem pequenos tambores (*tarija*), usados em cerimónias religiosas. Ao longo do século XX a actividade extinguiu-se, mau grado a sua antiguidade, tradição e até carga mítica, derivada do facto de ter sido aqui fundada por Sidi Ouadoud, um dos mais importantes santos da cidade, ele próprio um oleiro¹⁹⁸.

Um segundo conjunto de cerâmicas corresponde aos subgrupos B e C, de objectos não-vidrados, de que não temos qualquer testemunho da sua produção em torno daquelas sondagens arqueológicas, dada a ausência de fragmentos deformados *in situ*. Em todo o caso, algumas das suas características levam-nos a ponderar o seu fabrico em Azamor, ou pelo menos nas regiões circunvizinhas, classificando-os como produções locais ou regionais. Verificam-se também semelhanças com os referidos objectos recolhidos por um de nós no interior de um forno oleiro nas proximidades, resultando de prospecção anterior (fig. 71). Assim, os objectos do subgrupo B apresentam visualmente muitas similitudes com os do subgrupo A, nomeadamente ao nível do seu fabrico, embora as formas sejam mais grosseiras, com maior incorporação desengordurantes nas pastas, incluindo grandes recipientes, como alguidares, bacias e tigelas. O subgrupo C tem características similares, incluindo também formas como alguidares e tigelas, mas distingue-se porque o cerne e, sobretudo, a superfície das pastas são mais escuras, surgindo muitos exemplares brunidos. Não é clara a origem desta produção. No que toca aos subgrupos D, E, F e G estamos face a uma realidade distinta. Tratam-se de peças de confecção alimentar ao fogo, montadas à torneta, usando pastas com muitos desengordurantes, remetendo para outro contexto de produção. De facto, em termos gerais, é clara a divisão da cerâmica tradicional marroquina em dois grupos: as cerâmicas

A et H, mais aussi les sous-groupes D, E, F et G, sur lesquels nous reviendrons plus tard. Ainsi, indépendamment de ce qui s'est passé pendant les décennies de domination portugaise au XVI^e siècle, l'activité de la poterie dans cette ville et région a été certainement repris après son départ de manière très similaire à celle de la période médiévale¹⁹⁶. L'ethnographie nous montre que cette activité a perduré à l'époque contemporaine. Au milieu du XIX^e siècle il y avait 180 potiers ou leurs apprentis, fabriquant des jarres, des briques, des tuiles et surtout des godets de noria¹⁹⁷. Les blocs de boue étaient situés en amont sur les rives de l'oued Oum er-Rbia, en direction de la zone où nous avons fait les sondages archéologiques. L'activité a diminué très significativement grâce à l'industrialisation; en 1932 il n'y avait que 19 potiers dans la ville, caractérisés par la fabrication de petits tambourins (*tarija*), utilisés dans les cérémonies religieuses. Au cours du XX^e siècle, l'activité s'est éteinte, malgré son antiquité, sa tradition et même sa charge mythique, dérivée du fait qu'elle a été fondée ici par Sidi Ouadoud, l'un des saints les plus importants de la ville, lui-même un potier¹⁹⁸.

Un deuxième ensemble céramique correspond aux sous-groupes B et C, d'objets non-glaçurés. Nous n'avons aucun témoignage de leur production autour des sondages archéologiques, compte tenu de l'absence de fragments déformés *in situ*. En tout cas, certaines de ses caractéristiques nous amènent à envisager sa fabrication à Azemmour, ou du moins dans les régions environnantes. On remarque également leurs similitudes avec les objets collectés par l'un de nous dans le four de potier situé à proximité, mentionné ci-dessus, résultant de prospections antérieures (fig. 71). Ainsi, les objets du sous-groupe B présentent visuellement de nombreuses similitudes avec ceux du sous-groupe A, notamment en termes de fabrication, bien que les formes soient plus grossières, avec une plus grande incorporation de dégraissants dans les pâtes, y compris les grands récipients, tels que les bassins, les bassines et les coupes. Le sous-groupe C a des caractéristiques similaires, y compris des formes telles que les bassins et les coupes; il se distingue parce que le noyau et, surtout, les surfaces des pâtes sont plus foncées, s'observant de nombreux tessons avec brunissage. L'origine de cette production n'est pas claire.

Les sous-groupes D, E, F et G, quant à eux, correspondent à une réalité différente. Il s'agit d'objets de confection d'aliments au feu, montés à la tournette et fabriqués avec des pâtes ayant de nombreux

196. Rute Correia Chaves, Augusta Lima, João Coroado, André Teixeira, Márcia Vilarigues, Nuno Leal, Azzeddine Karra e António M. Monge Soares, «Medieval and early modern...» cit., pp. 1160-1161.

197. *Villes et Tribus...* cit., vol. XI, tomo II, pp. 38-41.

198. Nicole A. Martinez, «Notes sur la poterie...» cit., pp. 251-256.

196. Rute Correia Chaves, Augusta Lima, João Coroado, André Teixeira, Márcia Vilarigues, Nuno Leal, Azzeddine Karra et António M. Monge Soares, «Medieval and early modern...» cit., pp. 1160-1161.

197. *Villes et Tribus...* cit., vol. XI, tome II, pp. 38-41.

198. Nicole A. Martinez, «Notes sur la poterie...» cit., pp. 251-256.

não-culinárias, que utilizam pastas calcárias claras, são montadas a torno por mão masculina e são cozidas a temperaturas elevadas em fornos com alguma dimensão e complexidade construtiva, em grandes áreas de produção de carácter urbano; e as cerâmicas de ir ao fogo, que empregam argilas não-calcárias com muitos desengordurantes, são montadas a torneta ou manualmente e são cozidas a menores temperaturas, comumente em soenga, no quadro de unidades de produção domésticas espalhadas em áreas rurais, com forte presença do trabalho feminino. As primeiras são particularmente habituais nas planícies costeiras do noroeste marroquino, ao passo que as segundas abundam na região do Rif. A qualidade destas últimas para resistir ao contacto directo com o fogo é indiscutível, constituindo-se como uma boa opção ante a carência de argilas adequadas a este tipo de recipientes, como sucede em vastas áreas do país¹⁹⁹. Esta mesma dualidade está comprovada para alguns sítios arqueológicos merínidas, relacionando-se com questões tecnológicas (como a disponibilidade de argilas) e com aquele [«quadro socioeconómico da produção»]²⁰⁰. Por exemplo, em Fez regista-se no século XIV abundante presença de cerâmica não-culinária de pasta clara feita a torno nas olarias da cidade, a par de objectos de cozinha de produção manual e tradição berbere, provavelmente fabricadas nos espaços rurais circunvizinhos²⁰¹. No século XVI, a par da exuberância das produções não-culinárias de Fez, que faziam uso da argila calcária disponível localmente, afluíam à cidade cerâmicas proveniente de um entorno rural até 50km de distância²⁰².

Enfim, julgamos que estes subgrupos D, E, F e G das cerâmicas de Azamor se relacionam com esta dimensão técnica e socioeconómica da cerâmica de cozinha: se a área oleira que existia na zona onde escavámos produzia peças não-culinárias com pastas calcárias, outras zonas circunvizinhas abasteceriam a cidade de contentores de fogo, correspondendo eventualmente estes quatro subgrupos a unidades de produção distintas. A sua localização é, contudo, impossível

199. Maurice Picon, «Pour une relecture de la céramique marocaine: caractéristiques des argiles et des produits, techniques de fabrication, facteurs économiques et sociaux», in André Bazzana et Marie-Christine Delaigue (ed.), *Ethno-archéologie Méditerranéenne*, Madrid, Casa Velázquez, 1995, pp. 141-158; Maurice Picon e Rahma El Hraiki, «Cuissons et structures de cuissons des céramiques au Maroc, entre ethnographie et l'archéologie», in *Actas das 3.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*, Porto, Câmara Municipal de Tondela, 2003, pp. 358-366.

200. Abdallah Fili, «La céramique médiévale du Maroc...» cit., pp. 237-238.

201. Abdallah Fili, «La céramique de la madrasa mérinide al-Bu'ināniyya de Fès», in *Cerâmica Nazarí y Maríní...* cit., p. 262.

202. Abdallah Fili, «La céramique de tradition amazighe», *Asinag*, 6, 2011, p. 24.

dégraissants, qui doivent être intégrés dans un autre contexte de production. En fait, en termes généraux, il existe une division claire de la céramique marocaine traditionnelle en deux groupes : les céramiques non culinaires, qui utilisent des pâtes calcaires claires, sont faites au tour par des hommes et cuites à hautes températures dans des fours d'une certaine taille et complexité, dans des grandes ateliers urbains ; et les céramiques culinaires, qui utilisent des argiles non calcaires avec de nombreux dégraissants, sont modelées ou fabriquées à la tournette et sont cuites à des températures plus basses, généralement en cuissons vive à l'aire, dans le cadre de petites ateliers domestiques réparties en milieu rural, avec un forte présence du travail féminin. Les premiers sont particulièrement répandus dans les plaines côtières du nord-ouest marocain, tandis que les seconds abondent dans la région du Rif. La qualité de ces derniers pour résister au contact direct avec le feu est incontestable, constituant une bonne option vu le manque d'argiles adaptées à ce type de contenants, comme c'est le cas dans de vastes régions du pays¹⁹⁹. Cette dualité est observable dans certains sites archéologiques mérinides, liée à des enjeux technologiques (comme la disponibilité des argiles) et au « cadre socio-économique de la production »²⁰⁰. Par exemple, au XIV^e siècle, il avait à Fès une présence abondante de céramiques non culinaires de pâtes claires fabriquées au tour dans les ateliers de la ville, ainsi que des objets de cuisine modelés de tradition berbère, probablement fabriqués dans la campagne environnante²⁰¹. Au XVI^e siècle, en plus de la profusion des productions non culinaires de Fès, qui utilisaient l'argile calcaire disponible localement, coulaient ici les céramiques d'un milieu rural jusqu'à 50 km²⁰².

Enfin, nous pensons que ces sous-groupes D, E, F et G de la céramique d'Azemmour sont liés à cette dimension technique et socio-économique de la céramique de cuisine : si la zone de poterie qui existait dans les environs des sondages archéologiques produisait des pièces non culinaires avec des pâtes calcaires, d'autres aux alentours fournissaient à la ville des contenants

199. Maurice Picon, « Pour une relecture de la céramique marocaine : caractéristiques des argiles et des produits, techniques de fabrication, facteurs économiques et sociaux », in André Bazzana et Marie-Christine Delaigue (éd.), *Ethno-archéologie Méditerranéenne*, Madrid, Casa Velázquez, 1995, pp. 141-158 ; Maurice Picon et Rahma El Hraiki, « Cuissons et structures de cuissons des céramiques au Maroc, entre ethnographie et l'archéologie », in *Actas das 3.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval : Métodos e Resultados para o seu Estudo*, Porto, Câmara Municipal de Tondela, 2003, pp. 358-366.

200. Abdallah Fili, « La céramique médiévale du Maroc... » cit., pp. 237-238.

201. Abdallah Fili, « La céramique de la madrasa mérinide al-Bu'ināniyya de Fès », in *Cerâmica Nazarí y Maríní...* cit., p. 262.

202. Abdallah Fili, « La céramique de tradition amazighe », *Asinag*, 6, 2011, p. 24.

de determinar, sendo possível que tal se fizesse nas imediações de Azamor, como também em espaços rurais mais longínquos. Trabalhos etnográficos revelaram a existência de zonas de produção cerâmica em torno da cidade, parte delas certamente de tradição mais antiga²⁰³. Assim, a 40km a Este-Sudoeste de Azamor, perto da cidade de Settat, encontravam-se as olarias de Oulad Abbou, fabricando peças decoradas com punções em montes de cinzas. Na localidade de Sebt des Oulad Hassine, a 30km a Sudoeste de Azamor, existiam fornos em forma de poço onde se fabricavam cerâmicas sem decoração. O mesmo tipo de cerâmica era produzido em diversas localidades em torno de Had des Oulad Frej, a pouco menos de 40km a Su-sudeste da cidade, em estruturas de combustão escavadas no solo. Mais longe, a 80km a Su-sudoeste de Azamor, foram detectadas zonas de produção oleira entre Khemis des Zemamra, Tnine Rharbia e El Agagcha, com a presença de diferentes tipos de estruturas destinados à sua cozedura, dando origem a diversos tipos de cerâmicas. Era junto a esta última área que se implantava a referida cidade de Almedina, fundada pelo califa Abu Inane em meados do século XIV.

Em qualquer dos casos, estas formas cerâmicas dos subgrupos D, E, F e G de Azamor nada têm a ver com aquelas encontradas em contextos arqueológicos deste período no norte de Marrocos com este propósito culinário, nomeadamente as produções manuais²⁰⁴. Estas peças de Azamor têm especificidades ao nível técnico e formal certamente resultado de uma produção local ou regional. Na verdade, os únicos paralelos que encontramos para esses utensílios de confecção alimentar são os fragmentos descobertos durante as nossas escavações no Castelo do Mar de Safim, quase 140km a Sudoeste²⁰⁵. De referir também a sua semelhança formal e tecnológica com objectos de cozinha dos séculos XVII-XVIII de Azamor, que detectámos noutras escavações arqueológicas²⁰⁶, facto comprovado através de análises químicas²⁰⁷, mostrando também neste subgrupo grande

allant au feu, ces quatre sous-groupes correspondant peut-être à différents ateliers de production. L'emplacement de cette zone de poterie est cependant impossible à déterminer, car cela pourrait être à proximité d'Azemmour, ainsi que dans des espaces ruraux plus éloignés. Des travaux ethnographiques ont révélé l'existence de zones de production de céramique autour de la ville, dont une partie certainement de tradition plus ancienne²⁰³. Ainsi, à 40km à l'est-sud-ouest, à proximité de la ville de Settat, se trouvaient les poteries d'Oulad Abbou, fabriquant des pièces ornées de crevaisons en tas de cendres. Dans la ville de Sebt des Oulad Hassine, à 30km au sud-ouest, il y avait des fours en forme de puits où la poterie sans décoration était fabriquée. Le même type a été produit en plusieurs endroits autour de Had des Oulad Frej, un peu moins de 40 km au sud-est d'Azemmour, dans des structures de cuisson creusées dans le sol. Plus loin, à 80 km au sud-ouest de la ville, des zones de production de poterie ont été détectées entre Khemis des Zemamra, Tnine Rharbia et El Agagcha, avec la présence de différents types de structures destinées à la cuisson, donnant lieu à différents types de céramiques. C'est à côté de cette dernière zone qu'a été établie la ville d'El-Mdina, mentionnée au-dessus, fondée par le calife Abu Inan au milieu du XIV^e siècle.

En tous cas, ces formes céramiques des sous-groupes D, E, F et G d'Azemmour n'ont rien à voir avec celles qui ont été trouvées dans des contextes archéologiques de cette époque au nord du Maroc avec cette fonction culinaire, notamment les exemplaires modelés²⁰⁴. Ces céramiques d'Azemmour ont des spécificités au niveau technique et des formes, surement résultat d'une production locale ou régionale. En effet, les seuls parallèles que l'on trouve pour ces ustensiles d'usage culinaire sont les tessons découverts pendant nos fouilles au château de mer de Safi, environ 140km à Sud-ouest²⁰⁵. Il faut aussi mentionner leur similitude formelle et technologique avec les objets de cuisine du XVII^e-XVIII^e siècles d'Azemmour, que nous avons détectés dans d'autres fouilles archéologiques ici²⁰⁶, une observation confirmée par des analyses chimiques²⁰⁷, montrant également dans

203. Rudiger Vossen e Wilhelm Ebert, *Marokkanische Topferei: Topferorte u. Zentren e. Landesaufnahme 1980 / Poterie Marocaine: Localités de Potiers et Centres de Poterie*, Bona, Habelt, 1986, pp. 214-232.

204. Abdallah Fili, «La céramique culinaire de Fès à l'époque mérinide», in Juan Zozaya, Manuel Retuerce, Miguel Ángel Hervás e Antonio de Juan (eds.), *Actas del VIII Congreso...* cit., pp. 515-521.

205. Ainda inéditas.

206. André Teixeira, Azzeddine Karra e Patrícia Carvalho, «Le quotidien de la ville d'Azemmour à l'époque moderne: étude des contextes archéologiques», *Arqueologia Medieval*, n.º 13, 2016, pp. 176-189.

207. Rute Correia Chaves, Augusta Lima, João Coroado, André Teixeira, Márcia Vilarigues, Nuno Leal, Azzeddine Karra e António M. Monge Soares, «Medieval and early modern...» cit., pp. 1160-1161.

203. Rudiger Vossen et Wilhelm Ebert, *Marokkanische Topferei: Topferorte u. Zentren e. Landesaufnahme 1980 / Poterie Marocaine: Localités de Potiers et Centres de Poterie*, Bonne, Habelt, 1986, pp. 214-232.

204. Abdallah Fili, «La céramique culinaire de Fès à l'époque mérinide», in Juan Zozaya, Manuel Retuerce, Miguel Ángel Hervás et Antonio de Juan (éd.), *Actas del VIII Congreso...* cit., pp. 515-521.

205. Encore inédits.

206. André Teixeira, Azzeddine Karra et Patrícia Carvalho, «Le quotidien de la ville d'Azemmour...» cit., pp. 176-189.

207. Rute Correia Chaves, Augusta Lima, João Coroado, André Teixeira, Márcia Vilarigues, Nuno Leal, Azzeddine Karra et António M. Monge Soares, «Medieval and early modern...» cit., pp. 1160-1161.

continuidade da produção cerâmica entre as épocas medieval e moderna.

Questões diferentes são levantadas pelo subgrupo J, que inclui também cerâmica de cozinha, mas neste caso vidrada. Retomando novamente o caso de Fez em época merínida, deve referir-se que, além dos dois grupos acima referidos – um de cerâmica não-culinária feita a torno e outro de cerâmica culinária manual –, se distinguiu um terceiro conjunto, também de recipientes de fogo, mas fabricados a torno, revestidos internamente com vidro laranja a castanho; a sua origem é incerta, mas documenta-se em numerosos sítios junto ao Estreito de Gibraltar e à costa mediterrânea de Marrocos, calculando-se que daí tenha rumado à capital merínida²⁰⁸. Estão efectivamente documentadas áreas oleiras nestas regiões, produzindo cerâmica não-culinária e culinária vidrada, que parecem ter alcançado ampla difusão²⁰⁹, destacando-se claramente neste processo a cidade de Ceuta²¹⁰. No caso de Azamor, os paralelos deste subgrupo apontam para a zona do Estreito ou até do Garbe, nomeadamente Ceuta, Belyounesh e a ocupação medieval de Kouass.

Nestes sítios, noutros destas mesmas regiões e no extremo sul da Península Ibérica sob mando merínida encontram-se também paralelos formais para as peças do subgrupo I de Azamor, abrangendo objectos vidrados pertencentes ao serviço de mesa, como tigelas e pequenos jarros, além de candeias. Contudo, deve admitir-se que, neste caso, as características técnicas, sobretudo ao nível da pasta, divergem face às conhecidas produções norte-magrebina, pelo que podemos estar face a outro centro produtor que ainda não conhecemos. Somos aliás cautelosos na atribuição de uma origem forânea a todos estes objectos do subgrupo I, pelas semelhanças de alguns fragmentos com fabricos comprovadamente de Azamor, bem como a existência de exemplares que comprovam a tentativa de mimetização de uma produção de vidra-

ce sous-groupe une grande continuité de la production céramique entre les temps médiéval et moderne. Différentes questions sont soulevées par le sous-groupe J, qui comprend également la céramique de cuisine, mais dans ce cas glaçurée. Reprenant le cas de Fès à l'époque mérinide, il faut noter qu'en plus des deux groupes mentionnés ci-dessus – l'un des céramiques non culinaires tournées et l'autre des céramiques culinaires modelées –, un troisième ensemble a été aussi considéré, également de contenants allant au feu, mais fabriqués au tour, revêtus intérieurement de glaçure orange à brune; son origine est incertaine, mais il est documenté dans de nombreux endroits du détroit de Gibraltar et sur la côte méditerranéenne du Maroc, d'où il pourrait avoir été transporté à la capitale mérinide²⁰⁸. En fait, des ateliers de poterie ont été documentés dans ces régions, produisant des céramiques non culinaires et culinaires glaçurées, qui semblent avoir atteint une large diffusion²⁰⁹; la ville de Ceuta se démarque dans ce processus²¹⁰. Dans le cas d'Azemmour, les parallèles de ce sous-groupe pointent vers le détroit ou même le Gharb, à savoir Ceuta, Belyounesh et les contextes médiévaux de Kouass. Dans ces mêmes endroits, dans d'autres de ces mêmes régions et de la partie sud de la péninsule Ibérique sous pouvoir mérinide, on remarque également des parallèles formels aux céramiques du sous-groupe I d'Azemmour, comprenant des objets glaçurés qui appartiennent au service de table, tels que des coupes et des petites jarres, en plus des lampes à huile. Cependant, il faut admettre que, dans ce cas, les caractéristiques techniques, notamment les pâtes, sont différentes de celles des productions connues du nord du Maghreb; il faut donc accepter qu'elles découlent d'un autre centre de production que nous ne connaissons pas encore. Nous sommes d'ailleurs prudents dans l'attribution d'une origine exogène à tous ces objets du sous-groupe I, en raison des similitudes de certains fragments avec ceux des ateliers éprouvés d'Azemmour, ainsi que de l'existence d'objets qui semble copier les productions glaçurées

208. Abdallah Fili, «La céramique de la madrasa...» cit., pp. 262-263.

209. Abdallah Fili, «La céramique médiévale du Maroc...» cit., p. 240.

210. Veja-se o trabalho sobre Ceuta de José Manuel Hita Ruiz e Fernando Villada Paredes, «Una aproximación al estudio...», pp. 297-302, além do recente de Fernando Villada Paredes, André Teixeira, Joana Bento Torres, André Bargão, Cristóvão Fonseca e Gonçalo C. Lopes, «Um complexo oleiro na Ceuta merínida...» cit. Sobre as demais localidades mediterrâneas norte-africanas veja-se André Bazzana, Micheline de Cardenal-Breton, Patrice Cressier e Abd el-Aziz Touri, «Un four de potier dans le Nord du Maroc», in *Fours de potiers et «testares» médiévaux en Méditerranée occidentale*, Madrid, Casa de Velázquez, 1990, pp. 93-105, e André Bazzana e Yves Montmessin, «Quelques aspects...» cit., pp. 241-247, a par da síntese feita por Abdallah Fili, «Le facies céramologique du nord du Maroc durant le XIV^e siècle», in André Teixeira (ed.), *Entre les deux rives du Déroit de Gibraltar...* cit., pp. 335-345.

208. Abdallah Fili, «La céramique de la madrasa...» cit., pp. 262-263.

209. Abdallah Fili, «La céramique médiévale du Maroc...» cit., p. 240.

210. Voir l'étude sur Ceuta de José Manuel Hita Ruiz et Fernando Villada Paredes, «Una aproximación al estudio...», pp. 297-302, en plus du récent Fernando Villada Paredes, André Teixeira, Joana Bento Torres, André Bargão, Cristóvão Fonseca et Gonçalo C. Lopes, «Um complexo oleiro na Ceuta merínida...» cit. Concernant les autres endroits méditerranéens nord-africains voir André Bazzana, Micheline de Cardenal-Breton, Patrice Cressier et Abd el-Aziz Touri, «Un four de potier dans le Nord du Maroc», in *Fours de potiers et «testares» médiévaux en Méditerranée occidentale*, Madrid, Casa de Velázquez, 1990, pp. 93-105, et André Bazzana et Yves Montmessin, «Quelques aspects...» cit., pp. 241-247, a par la synthèse faite par Abdallah Fili, «Le facies céramologique du nord du Maroc durant le XIV^e siècle», in André Teixeira (éd.), *Entre les deux rives du Déroit de Gibraltar...* cit., pp. 335-345.

dos locais. Para esclarecê-lo seriam necessárias mais análises e um estudo arqueológico mais aturado nesta cidade.

Por fim, o subgrupo K envolve escassos objectos esmaltados de mesa correspondentes a produções nasridas do século XIV, que acabam por ser um dos mais importantes elementos de atribuição cronológica. Mais hipotética é a classificação italiana da peça do subgrupo L. A presença das primeiras está largamente testemunhada em várias localidades norte-africanas, sendo muito menos clara relativamente às segundas, não obstante a intensidade do comércio destas regiões itálicas com o Magrebe, como se assinalou inicialmente.

Uma reflexão final é necessária sobre as diferenças de registo cerâmico nos dois contextos estratigráficos identificados. De um modo geral, parece haver alguma alteração no padrão tipológico entre a C1 e as C2-C6. Em relação à cerâmica vidrada plumbífera há um aumento da cerâmica dita culinária, muito pouco representada nos contextos mais antigos. Também a cerâmica vidrada a melado ou a melado/castanho é inexistente nas C2-C6, em contraponto com os exemplares na C1. Do mesmo modo, as formas vidradas alteram-se no estrato mais recente, surgindo alguidares, candeias e tigelas cónicas, praticamente inexistentes nas C2-C6, mas diminuindo significativamente o número de pequenos jarros e jarras. Na C1 há também um número muito superior de cerâmicas vidradas importadas, o que contrasta radicalmente com a sua ténue presença nos estratos C2-C6. Relativamente à cerâmica não-vidrada, observa-se também muito maior diversidade no nível superior, tanto no que reporta aos contentores de fogo feitos à torneta, como às demais formas. As cerâmicas de ir ao lume são mais escassas nas C2-C6, ao contrário do que sucede na C1.

Como referimos inicialmente, tudo leva a crer que os níveis mais antigos correspondam a uma área de despejo de olaria, com um grande peso da cerâmica não-culinária produzida nas imediações, embora tendo vestígios da diversidade habitual dos contextos domésticos. Os níveis mais recentes possuem claramente esta multiplicidade de objectos correspondente a uma zona de habitat, sendo ao contrário residual o número de peças deformadas. Os dados apurados permitem-nos datar os estratos C2-C6 entre os finais do século XIII e a primeira metade do século XIV. Já o facto do estrato C1 ser constituído por uma grande maioria de cerâmicas enquadráveis no século XIV e muito poucos fragmentos no século XV, faz-nos apontar para que o processo de deposição tenha ocorrido nesta viragem de século, o que é compatível com o processo de abandono desta área

locales. Pour clarifier cela, une analyse plus approfondie et une étude archéologique plus élargie dans cette ville seraient nécessaires.

Enfin, le sous-groupe K comprend peu d'objets de table émaillés, correspondant aux productions nasrides du XIV^e siècle. Elles sont pourtant l'un des éléments les plus importants de l'attribution chronologique. Plus hypothétique est la classification italienne du tesson du sous-groupe L. La présence des premières est largement constatée dans plusieurs sites d'Afrique du Nord, tandis que les deuxièmes sont beaucoup moins claires, malgré l'importance du commerce de ces régions italiennes avec le Maghreb, comme noté initialement.

Une dernière réflexion s'impose sur les différences de registre céramique dans les deux contextes stratigraphiques identifiés. En général, il semble y avoir un certain changement dans le schéma typologique entre la C1 et les C2-C6. Concernant les céramiques glaçurées plumbifères, on note une augmentation des céramiques dites culinaires, très peu représentées dans les contextes plus anciens. De plus, la céramique glaçurée en miel/marron est absente dans les C2-C6, contrairement à ce qui se passe dans la C1. De même, les formes glaçurées changent dans la couche la plus récente, avec l'apparition des bassins, des lampes à huile et des coupes coniques, presque inexistantes dans les C2-C6, mais le nombre de petites jarres et de jarras se réduisant considérablement. En C1 il y a aussi un nombre beaucoup plus élevé de céramiques glaçurées importées, ce qui contraste fortement avec leur peu de présence dans les C2-C6. En ce qui concerne les céramiques non-glaçurées, la diversité est également beaucoup plus grande dans les niveaux supérieurs, soit les formes culinaires faites à la tournette, soit les autres formes. Les céramiques de feu sont plus rares en C2-C6, contrairement à ce qui se passe en C1. Comme nous l'avons mentionné au début, tout suggère que les niveaux les plus anciens se rapportent à une zone de déchet de la poterie, avec un poids important de céramiques non-culinaires produites à proximité; néanmoins il y a aussi des vestiges de la diversité habituelle dans des contextes domestiques. Les niveaux les plus récents, quant-à-eux, présentent clairement cette multiplicité d'objets correspondant à une zone d'habitat; au contraire, le nombre de pièces déformées est résiduel. Les données obtenues permettent de dater les strates C2-C6 entre la fin du XIII^e siècle et la première moitié du XIV^e siècle. Le fait que la strate C1 soit constituée d'une grande majorité de céramiques du XIV^e siècle et de très peu fragments du début du XV^e siècle, nous fait entrevoir que le processus de dépôt s'est produit au virage du siècle. Cela est compatible avec le processus d'abandon de cette zone de la ville et la construction d'une nou-

da cidade e construção de uma nova fortificação – a actual medina – no terceiro quartel do século XIV, pois é bem provável que o armamento da parte excluída não tenha sido total no imediato.

6. Conclusão

O presente texto está longe de constituir um estudo detalhado sobre o passado medieval de Azamor. O seu objectivo foi apenas procurar interpretar e enquadrar os achados dos trabalhos arqueológicos realizados nesta cidade, relativos ao período anterior à ocupação portuguesa de inícios do século XVI. Foram intervenções de terreno muito pontuais, que mais do que documentar esta etapa histórica de Azamor, abriram uma janela para o seu conhecimento e chamaram a atenção para o seu potencial. Por conseguinte, são mais as interrogações que as certezas a que chegámos com este trabalho. Este é revelador de como a arqueologia destes períodos carece de investimentos continuados e com alguma dimensão para proporcionar conclusões substanciais. Em todo o caso, o balanço desta primeira experiência arqueológica luso-marroquina sobre património de influência portuguesa neste país é claramente positivo. Significativamente, os resultados mais interessantes referem-se ao período anterior à ocupação portuguesa, abordado neste artigo, bem como aos séculos que lhe seguiram, que aqui não foram tratados.

Assim, parece-nos que estas investigações arqueológicas permitiram documentar os vestígios dos primeiros séculos de ocupação da cidade de Azamor, quando esta foi rodeada por uma grande muralha de mais de 3000m, englobando a medina actual, mas também uma vasta área a Sul e a Oeste, totalizando pelo menos 50ha. A observação de duas muralhas justapostas parece apontar para dois momentos: um primeiro hipoteticamente em época almorávida, talvez sequente à difícil conquista da região face aos barghawata-s, mas que pode também ser mais tardio; um segundo de reparação e reforço do sistema, seguramente em período almóada. As características técnicas destas estruturas fabricadas em taipa apontam para momentos de construção nos séculos XII e XIII, sendo certa a obra de época almóada. A sua configuração permite apontar que Azamor era uma cidade média no ocidente medieval islâmico, época em que conheceu grande prosperidade, devido à importância do seu porto, de onde se escoava a abundante produção cerealífera de todo o vale do Morbeia. Os silos identificados nesta área a Sul da medina actual poderão corresponder precisamente a uma

velle fortification – l'actuelle médina – dans le troisième quart du XIV^e siècle, car il est très probable que le dépeuplement de la partie exclue n'aura pas été immédiatement total.

6. Conclusion

Ce texte est loin de constituer une étude détaillée du passé médiéval d'Azemmour. Son objectif a été uniquement de chercher à interpréter et à encadrer les découvertes des travaux archéologiques réalisés dans cette ville, concernant la période antérieure à l'occupation portugaise du début du XVI^e siècle. Il s'agissait d'interventions très ponctuelles sur le terrain qui, plus que pour documenter cette étape historique d'Azemmour, ont ouvert une fenêtre pour sa connaissance et ont attiré l'attention sur son potentiel. Par conséquent, il y a plus d'interrogations que de certitudes auxquelles nous sommes arrivés avec ce travail, révélant que l'archéologie de ces périodes manque d'investissements continus et d'une certaine dimension pour fournir des conclusions substantielles. En tout cas, le bilan de cette première expérience archéologique maroco-lusitanienne sur le patrimoine d'influence portugaise dans ce pays est clairement positif. De manière significative, les résultats les plus intéressants se réfèrent à la période antérieure à l'occupation portugaise, abordée dans cet article, ainsi qu'aux siècles qui l'ont suivi, qui n'ont pas été analysés ici.

Alors, il nous semble que ces recherches archéologiques ont permis de documenter les vestiges des premiers siècles d'occupation de la ville d'Azemmour, lorsqu'elle était entourée d'une grande muraille de plus de 3000m, englobant l'actuelle médina, mais aussi une vaste zone au sud et à l'ouest, totalisant au moins 50ha. L'observation de deux murs juxtaposés semble indiquer deux moments: un premier hypothétiquement à l'époque almoravide, peut-être suite à la difficile conquête de la région face aux barghawata-s, mais qui peut aussi être plus tardif; un second de réparation et de renforcement du système, sûrement pendant la période almohade. Les caractéristiques techniques de ces structures en pisé indiquent des moments de construction aux XII^e et XIII^e siècles, la campagne de travaux de la période almohade étant attestée. La configuration d'Azemmour permet de considérer qu'elle était une ville de taille moyenne dans le monde islamique médiéval occidental, une époque où elle a connu une grande prospérité, en raison de l'importance de son port, d'où s'écoulait l'abondante production céréalière de toute la vallée de l'oued Oum er-Rbia. Les silos identifiés dans cette zone au sud de la médina actuelle peuvent corres-

grande área de armazenamento de provisões alimentares, não apenas para auto-sustento, mas também para exportação. Esta função parece ter-se mantido nos séculos seguintes, tendo a prosperidade da cidade ficado bem registada pela pena de Ibn al-Khatib. As sondagens arqueológicas revelaram que naquela mesma área existiu também uma actividade oleira importante, cujo alcance exacto é, porém, impossível de apurar. O significado económico dos achados cerâmicos requiere uma continuidade de estudos arqueológicos na região.

Azamor viveu uma situação de instabilidade política e militar durante a segunda metade do século XIII e primeiros decénios do século XIV, no ocaso dos almóadas e ao longo do período merínida. A cidade acabou por ser reconfigurada em meados desta última centúria, com a construção de uma nova cortina em taipa com 1500m de perímetro, implicando a redução muito substancial da área urbana a 10ha, correspondente à actual medina. É um processo que não conseguimos documentar com exactidão, mas que seguramente ocorreu antes da chegada dos portugueses, levando ao despovoamento de uma parte importante da antiga urbe. A análise das fortificações da medina revelou detalhes interessantes desta fortificação, nomeadamente sobre a configuração das suas muralhas, torres e portas, muito idênticas às suas coevas no Norte de África. Fica claro, tanto pela documentação como pelos vestígios arqueológicos, que os portugueses não mais fizeram que reaproveitar e reparar este sistema defensivo prévio, revestindo com pedra as muralhas, reforçando a sua base com alambor, escavando um fosso e destruindo ou reformulando algumas torres, dotando-a de dispositivos para disparo de artilharia. Os trabalhos arqueológicos matizam, assim, o impacto da construção portuguesa em Azamor.

pondre précisément à une grande zone de stockage pour les denrées, non seulement pour la consommation locale, mais aussi pour l'exportation. Cette fonction semble avoir été maintenue au cours des siècles suivants, la prospérité de la ville étant bien enregistrée sous la plume d'Ibn al-Khatib. Des études archéologiques ont révélé qu'il y avait aussi une importante activité de poterie dans cette même zone, dont l'importance exacte est pourtant impossible à déterminer. L'évaluation de l'importance économique des découvertes céramiques demande des études archéologiques complémentaires dans cette région. Azemmour a connu une situation d'instabilité politique et militaire au cours de la seconde moitié du XIII^e siècle et des premières décennies du XIV^e siècle, à la fin de la période almohade et pendant l'époque mérinide. La ville a été reconfigurée au milieu de ce dernier siècle, avec la construction d'un nouveau rempart en pisé de 1500m de périmètre, impliquant une réduction très substantielle de la zone urbaine à 10ha, correspondant à l'actuelle médina. C'est un processus que nous n'avons pas réussi à documenter avec précision, mais il s'est certainement produit avant l'arrivée des portugais, conduisant au dépeuplement d'une partie importante de l'ancienne ville. L'analyse des fortifications de la médina a révélé des détails intéressants de cette fortification, à savoir la configuration de ses murs, tours et portes, très proche à celles de la même époque en Afrique du Nord. Il ressort clairement de la documentation et des vestiges archéologiques que les portugais n'ont rien fait d'autre que de réutiliser et de réparer ce rempart, de le recouvrir avec de la pierre, de renforcer sa base avec des talus, de creuser un fossé et de détruire ou réformer certaines tours, en lui fournissant des dispositifs de tir d'artillerie. Les travaux archéologiques nuancent, ainsi, l'importance des constructions portugaises à Azemmour.